

= A questão académica de 1907 =

Memórias

(Diário ao correr da pena)

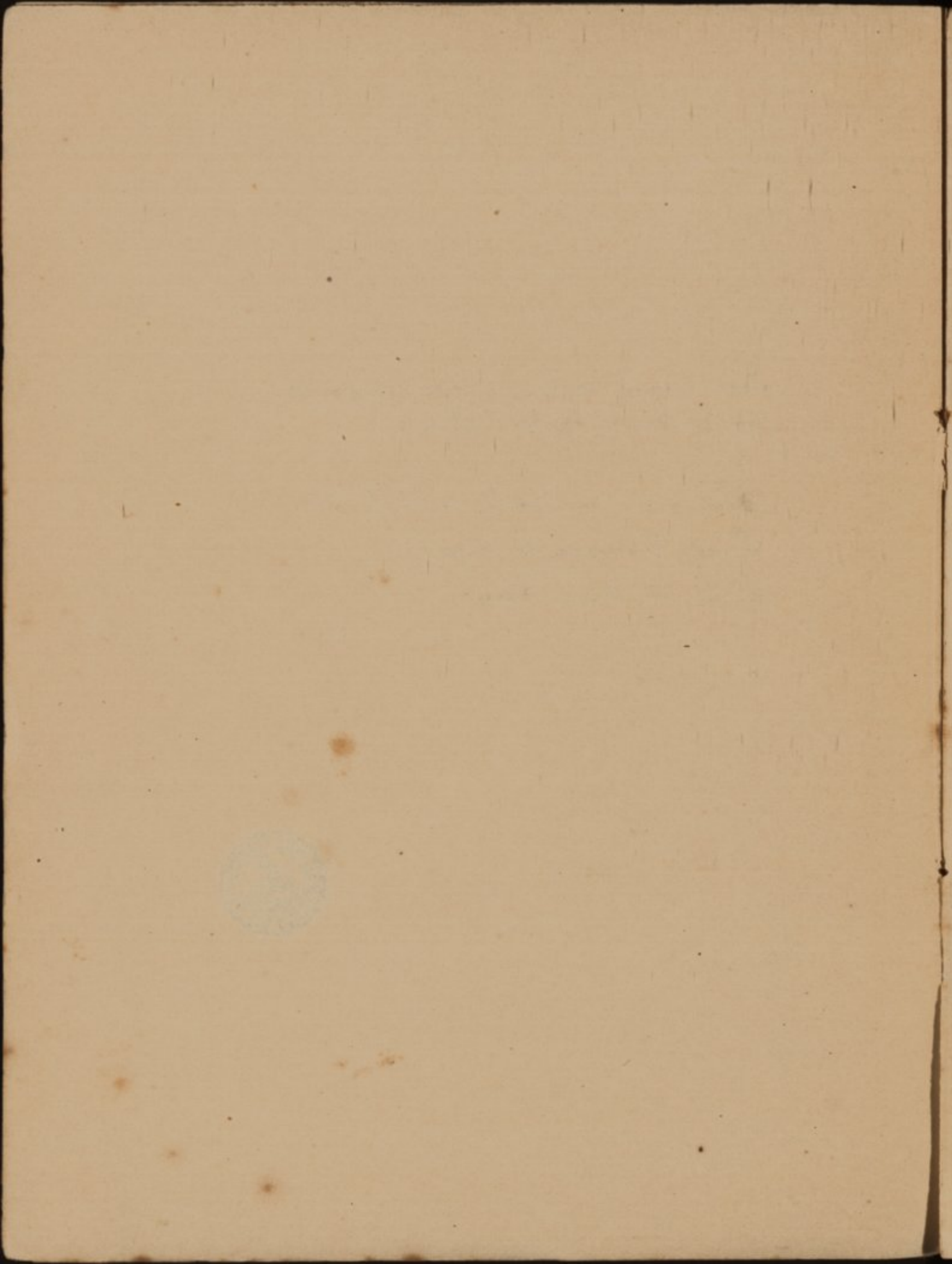
= fevereiro - junho, 1907 =

Coincência = desde março de 1908 até

Aos meus alunos intrauni-
versitários do curso de "Cálculo"

Francisco Vaz Pacheco de Castro,
Luis Esteves de Aguiar
Luis de Mira Feio:





«... arde o fogo sagrado da
bella loucura dos vinte an-
nos, quando todas as espe-
ranças são realidades...»

Zolá : Garba é ruicidade.

« me occupei em cuidar
e recolher á memoria
as pequenas e grandes cousas
que em nossos dias passaram. »

Rezaude: Miscellanea, fol.º

Coimbra =

= 8 d'aleril (2^a feira) =

Cheguei também de Lisboa, no meu-entress
à 1 hora da tarde.

No balcão, onde havia uma certa ami-
nicação, não sei se foi por Domingo se foi cau-
sa dos acontecimentos, eu auscultei a opinião.

D'essa minha curiosidade resultou in-
simulamente impressionado para casa, comen-
çando de que a greve hoje, se não mantida.
Porém as causas como estavam, tendo visto
em Lisboa a metter a mais calorosa disposição
para o feio da greve da Universidade, a acade-
mia de Coimbra ia assim descer innumeroso
no meu conceito, e enforcação-se de mis-
tura com os irregulares processos de gên em
gratificação o feio académico — o terrenal e irregu-
lariar feio!

Assim entrei em casa; e assim, à tarde, de-
pois de jantar pahi. Perfeitamente inquieto,
com aquella irritação que produz sempre um

acto de menor dignidade. Nesta diligência des-
ci a Avenida de S.^{ta} Cruz onde encontrei uma
longa fila de policias, flocadamente subindo a
ladeira; e quando cheguei ao passeio do Baes,
vi o meu condiscipulo Francisco Xavier Vaz
Pacheco, o urso de balcões, ao qual me ajuntei
perseguido. He aqui a primeira-nave:

— Bábão?...

O subão era de tal modo significativo que
logo me respondeu, com o brilho d'olhos que
he é proprio:

— Tudo ordinario. Os rapazes estão firmes...

Foi como que um zêro que me tiraram; fi-
quei mais satisfeito e como a conversa não se
dia por outra, o meu condiscipulo pôz-me ao
corrente de tudo.

Fomos depois ao rajido das 9 horas da noite,
esperar os rapazes que chegavam de Lisboa e
que vinham resolvidos. Havia policia por todos
os lados e do honreros d'Infanteria 23 de Gre-
nação no quartel. Na balçada, grande ani-
mação e o Agente Pedrosso Rodrigues, travan-
do-me do braço, disse-me:

— ... e você não sabe o que está por me-
cader alevantã, no Porto...

— ?...

— O Banco Lima tem 5:000 operarios
em greve. Elle é barro!...

Dei logo a noticia ao Pacheco; e subindo

Para a alta levávamos a convicção de que a
grávia dos esbudaes hoje se pseudaria.

Na alta, gabrietas de cavallaria ganhavam
pennolentamente, á laia de municipal; é for-
to do governo civil dois cavallos peguros for uma
ordenança, esgeravam; e um d'elles, de rabo
carbado, era d'official.

A glicia othavo, inquiria, descaupada...

Assim entrei em casa, combatendo com a
gros gesticiva para mim alegre de que hoje, a aca-
demia, pseudaria a grávia, em jeso, descaupau-
do as iras do governo e do seu logar-tenente na
cidade, o celebre tenente-caravel Dias, de farba
bigodeira e celebrado nome.

Foi assim que hoje me levantei, me fardai
e me encaminhei para a rua Larga, na riso-
nha esgerativa de "farbos e consideraveis com-
decimentos."

Havia nevoso. A rua Larga, com o multi-
dão negra de esbudaes, ao fundo, com cavalla-
ria gesticivando e glicia á farba, indícios na
nevoa densa e baixa, ditos qualquer causa-
gordão-me a camufanção exótica! — de rua Lou-
drina em dia de grávia ofensiva...

Avancei. minha grande ansia de saber a at-
titude dos ralizes; se elles deixariam ir for
agua abaixo a tão afregada solidiedade aca-
demica.

Felizmente, a reunião esdrabativa foi ex-
cida: desde a rua de S. João até à Porta-Janea,
os estudantes estavam comulgarmente, e pi-
lenciosos; alguns pubricas viam os acumbai-
mentos e a Porta-Janea, chegando um eiger-
no, o deumbé-cenual Dias, senhor do campo,
ganava.

Éis o ardeito geral. O administrador do
councilho, Domingos de Freitas, cambau-me en-
bás que ganáram alguns leubos, como o ba-
lixto, o madureira, o Luis Maria de Silva Pa-
mos, e que nem uma galava se ouvia de
multidão acadêmica; mas que fora dentro do
gdoas nem um estudante eubrána além dos
militares e d'uns theologos creio que padres.

A greve era gis, geral e polemica.

O Dias, de certo esdrabado com a attitude,
remexeria ganvaidura no seu ardeito algu-
ma ideia salvadora fora o fiasco golicial...
Cambau dar ganchado e nisso não feridos os
too golicias que trouxero de listas; mas de gres-
ra se convenceu de que o ganchado não seria
o desiderabium fora bñu monumentoso problema.

Os raleres não eubráram, visto que o goli-
cia — caso unico! — invadira a Universidade
e tornára azeudo zelo the Labina e glos
geraes, banuet na colheca, jurivando, quebrau
do assim violentamente e for varias fór-
mas aquillo que o João Franco avocára fora

manter o prestigio universitário: — o fôro acadêmico.

Seubi em mim uma exôta de alegria; conversando com varios rapazes, candidos-ci-
gulos ou candidos pámeos, soube que só
militares e padres tinham ido ás aulas, e mes-
mo dos padres, nem todos; que o Dr. Casiro da
Matta dissera aos discipulos militares que au-
dravam que laodimava que elles não fôdessem
acompanhar os seus candidos-cigulos; que o Dr.
Calixto, prelesionando ao unico dos seus dis-
cipulos que era militar e que era militar, embe-
teve toda a hora, quasi, explicando a differen-
ça entre liberdade, licença e abuso; que um
leitor de theologia mandara embora os policias
que lhe guardavam a porta da aula; que, en-
fim, tudo estava na melhor disposiçao para a
grãe paz e mais completa possível.

Fui tambem procurado por dois quartanistas
de Direito, um o Mauricio Costa, rapaz de má-
ra habilidade para o violino, e o outro o José
d'Almeida Gusmão, que foi seminariista e que
largou a vida ecclesiastica para vir para Direito;
perguntaram-me elles se os seus dois can-
didos-cigulos os tentavam José Maria de Tross
Junior e Alvaro Xavier de Castro, ambos de
Lufre, fôderiam ou não adherir á grãe-
ve, atenta a riduosad de fôra do serviço. Eu
respondi-lhes que um estava na situação de

estado-maior da arma e o outro, o segundo, na inatividade; que não podia tomar parte em manifestações collectivas; que não podia dizer que eram solidários com a greve; mas que ao mesmo tempo ninguém lhes podia negar o direito de não ir ás aulas... Disse-lhes mesmo que eu tinha resolvido não ir ás aulas, não como grevista, mas porque sendo-me matriculado no 2º anno de Mathematicas mais for dilettantismo que for outra coisa, estava no meu direito de perder o anno quando meido bem quizesse.

O Mauricio rafeu-se logo sem se desferir de mim e só o outro me agradeceu e foi discutir o caso com o Deputado Pons de quem for rival não gosto nada.

Assim, sem variarme alguuma, se fassou uma hora; e encaminhando-me para casa, para almorçar, encubro ainda o mesmo Deputado Pons, na rua Larga, que me chamou:

— O' alferes! já sabe da nova interpretação do nosso Regulamento disciplinar?

Eu que sei das boas graças em que elle se' de no Exarcal-general, dei-me um pouco d'alguma cilada. Respondeu-me não sei o que mas elle insistiu:

— Digam os meus condiscipulos que eu devo adherir á greve... que isto... que aquilto...

Embora ganhei. Disse-lhe o que denunciava
 fazer e com franqueza, sinceramente de
 mais. Elle olhou para mim, com um ar
 attonido, e que lhe dava um aspecto ridi-
 culo os ligados cuidadosamente fixados.

— Mas olhe que lhe dizem de fazer...

— Porque, meu deus? Eu não tenho o
 direito de dizer do meu amor livre?

— Mas, embora faça a declaração que devida
 d'elle...

— E ainda está isso escrito?

— No Regulamento disciplinar que não con-
 tem manifestações collectivas. Eu em Braga
 do Iluminismo fui repreendido...

E contou-me a historia da repressão que
 eu não fixei. E, quando agarhei uma alvoa
 saí-me.

Pobre deus Rosa! Uma repressão faz
 de ter medo de tudo!

Voltei para casa, depois de fallar de novo ao
 Freitas e quem contou a historia com o Rosa e
 a qual o Freitas fez o unico commentario:

— Quando o deus Rosa é m... Tenho
 cuidado só em elle o não denunciar no qua-
 dal-general.

E vim almoçar.

Quando voltei a partir, parecia mais-dia. Subi
 á Alta e desci immediatamente á Baixa,
 para se não dizer que eu me manifestava; no

caminho fallei a dois condiscipulos e parece-me
 d'ão que á aula de chimica organica foram só
 os militares (creio que uns dez) e que o pro-
 fessor Alvaro Basto explicára toda a hora e
 que se ia esquecendo de que dava a hora da pa-
 lida zelo que zedim desculpa...

Fui depois ao quartel do 23 onde estavamos,
 no corredor do 1º andar, a umas cuscari-
 lhadas de do honreus, formando tres pelotões;
 esta força, junta com as de cavallaria que se
 encontravam a Alto, manobrava sob o com-
 mando do major do 23 José Maria de Lorde,
 que andava a cavallo pelas ruas.

Tallando com officiaes, a officião mais
 corrente é que a questão, era uma questão de
 desordéiros...

Pobre droga!

Encontrei tambem o amigo Bernardo Pedro
 ao qual me veio fazer o que elle chamava a
 "coacção physica" que o obrigou a não jurar a
 greue, pois que a sua qualidade de pincero e
 ferreiro franquista assim o exigia. Pobres e
 tristes franquistas que subordinam toda a
 sua féme de jurar ao querer absoluto e bo-
 cal do chefe pincero, cego e todos as mani-
 festações de liberdade!

Com elle disfiz-me a ir até a Alto, fa-
 ra saber o que havia, quando o filho do proprio
 João Franco com um seu amigo, nos cha-

meu; seguimos todos e no caminho os cadetes Cyziano Cavallaro d'Almeida e Brito e Antonio Paes de Saude e Castro que disseram que na aula de Calculo só foram tambem os cadetes e que o Sidonio, como se não tivesse passado cinco semanas de intervallo nas aulas, começára assim a sua prelecção:

— Os senhores já conhecem a formula de Taylor...

E passado um quarto d'hora, mandou partir. Ao ir, reparando-me dos camoufeiros, juntei-me aos condiscipulos Francisco Vay Pacheco e Pedro d'Alcantara; na rua larga andavam um cabo e quatro soldados de cavallaria de baixo para cima e de cima para baixo, a passo; gente estacionava nos passeios; o commissario d'um lado; noutro outro grupo, o Dias de farba Vi goeira e o major Costa, adulando-se cordamente.

A tarde indolente e eu fui com o Pacheco para casa d'elle depois de fazerem o bedel de minha thematic, o bom Diniz, de que na Universidade de não constava a minha qualidade de official do exercido. Não por cause das duvidas...

Juntou-se a nós o Fardeamento Salgueiro, cadete d'Infanteria n.º 3, a quem os condiscipulos chamam o Dr. Salgueiro, um fallador eximio e engraçado. E no quarto do Pacheco, com o Pedro d'Alcantara deitado na cama, e o

cadete inscrevendo, conversou-me sobre o caso.

Sabe-se então que no 5º anno de medicina só tinham ido ás aulas os alumnos militares (entre elles alguns alferes do quadro de facultativos do ultramar) e mais tres que não ~~são~~ são militares:

Alvaro d'Almeida Mattos — filho do grande medico Daniel de Mattos, e graduado e futuro tenente;

José Augusto Vianna de Lemos Peixoto — filho do Dr. Lemos Peixoto, do Porto e rapaz muito de andar com lenço e desde que o confesso de condiscipulo d'Algebra, (no anno lectivo de 1833-200) bastante mandei-gueiro, pegando o calão; e

José Tavares Lucas do Boudo — cujo caracter não confesso, ou antes, ganee-me que o não sou.

Depois do jantar sahi e dirigi-me á esquerda da Alta para ver se conseguia mandar um libete aos estudantes presos: Carlos Olavo, Camillo Lima, Ramada Boudo e Alberto Xavier.

De manhã constava que tinham sido presos em Tavero, quando tinham no caminho carreo que aqui chega ás 4 da madrugada; e quando desce á baixa, encobri o meu au-

Seu cabo n.º 36 da 1.ª do 3.º, Carlos dos Santos e que agora está na policia judiciária de Coimbra. Perguntei-lhe com certa familiaridade se realmente os rapazes estavam presos e elle tomou do meu cabo a palavra, respondeu-me:

— Fui eu que lhes dei a letra, meu alferes. Em Tavira, quando queriam desembarcar.

— Estão incumpridos?

— Sim, meu alferes; mas se desejar alguma coisa... já sabe...

Por isso, á tarde, me dirigi á esquadra. A policia do terra fez cortesia e deixou entrar o nosso alferes.

Apareceu logo um guarda que fôra tambem cabo da 3.ª do 1.º e que me entregou um laço; e eu escrevi neste cartão de visita:

Carlos Olavo:

quanda dizer se precisa alguma coisa.

Seu amigo

— Bilizario

O rapaz accidou-me o libete e perguntou-me:

— O meu alferes dá licença que o cabo da guarda leia esta libete?

— Sim, homem. Se não casar os ordens, leia á vontade.

O libete foi e enquanto não vier a res.

gosta, presenciou uma scena curiosa: o cabo de
servico diz para um guarda que estava de senti-
nella á porta:

— Oh m.^o Barbas, veja se dá um copo d'agua
áquelle grego. (um dos estudantes...)

— Eu?... Eu estou de sentinella!...

— Mas vá lá, homem! Então o cabo é que
ha-de levar um copo d'agua a um grego?

— E a sentinella é que ha-de sair do posto
e abandonal-o?

Engalfindaram-se um pouco, até que o ca-
bo quebrou e disse maliciosamente:

— Mas um favor faz-se a toda a gente...

— Isso agora é outro caso...

E a sentinella que não podia largar o pos-
to, que não transigia com ardentes contra o
servico, foi dar um copo d'agua... por favor!

Mas veio o litheo: ⁽¹⁾

Meu caro Pimenta:

Muito obrigado pelo seu cuidado. E' tambem
gentil e cuidar de nós que, felizmente, agora
de nada preciso..

Um abraço do seu amigo m.^o obrig.^o

(a) Carlos Olavo

Mas, ao mesmo tempo, a creada de regu.

⁽¹⁾ Na Collecção de Barbas, I - n.^o 72

bliva do Olavo, declarou-me que não tinha
leucões para dois dos rages; que lhe tinham
dado uma cambella de grão para ir tirar roupa
branca, mas que podia não haver nessa rou-
pa leucões. E laobimava-se, coitada.

Escrevi então uma carta para minha casa
pedindo leucões; entreguei-a á mulher e man-
dei-a cá e os leucões lá foram.

Na Baixa, a mesma coisa. Não se fallava
senão no britanhismo da grãe e á chegada do
ragido, pessoas que vinham de Lisboa, contavam
que na Polytechnica, a grãe tinha provocado tu-
multos sérios e até se dizia que no Instituto
commercial o seu director, o conselheiro Bai-
rão tinha andado ao collo dos rages!

No quartel do 23, continuávamos os do ho-
meio de gravitação; a cavallaria passava nas
ruas e os rages entusiasmados não fallá-
vam noutra coisa.

Os jornaes (a Luz por exemplo) traziam
uma carta do Bernardino Machado; exorta-
va-se anciosamente por noticias certas de
Lisboa e Porto e continuava a dizer-se que
nesta ultima cidade a tal grãe de 5:000 ofen-
sivos se levaria a effeito.

Os franquistas andam furiosos!

Coimbra =
= 9 d'abril [3ª feira] =

Levantei-me tarde; resolveira não sair de casa nem a passada a hora a que devia ir a aula de Physica e ao sair do quarto me alegrar jejuas.

Corri: eram jejuas da noite O Paiz, o Noticias de Lisboa. Miradamente ohei para a quinze pagina de O Paiz e comuvidamente vi que em Lisboa, e Escola Polytechnica de Jey deu o banco e a murro a entrada da golicia no edificio, como se vê nos outros jejuas, tambem, e que a grêua se golia considerar geral.

Em face d'isto, pensando no meu quarto, comeci a jejuar em muito coisa que me andou de entusiasmo gola attitude academica. Bella e generosa e' o aluno de moçada. de!

De facto, o proceder dos razaes, desde que se organizarão, e' digno de registro.

O funcionamento das comissões, longe de ser, como se queria insinuar, um funcionamento irregular e sem valor, ero, gola cambrario, d'uma ordem e d'uma conexão o tudo o grou. No de Coimbra, na chamada comissão central, presidia um quindamista

de direito, Larocq, um alegre e desconhecido rapaz; pois as sessões faziam-se com uma variedade que se diria incamuffável com a idade dos reunidos.

Fadava-se a galanteia, discutia-se com uma ordem notável, com um pouco de humor, do que resultava as acerbadas deliberações que tomavam.

Tinham cifras curiosas para telegrammas por causa da censura. Por exemplo, um dizia: « mandem chafers » e significava isto, por exemplo: « greve geral. »

Hoje vi eu o Larocq receber um que dizia: « Domingos Alberto chegou bem. » e que, traduzido pelo Pacheco queria dizer: « Lyceu S. Domingos greve geral. »

Alguns mesmo, tinham frases fícaras.

Uma das resoluções tomadas, foi por exemplo, no domingo, mandar os rapazes que iam chegando para ver — como em viagens de eleições... — com que se se podia combater. O Pacheco, no tarde de domingo, disse-me elle, andava a ver e a mandar os candidos e durante a noite andava pelas republicas, lembrando, insistindo, fregando, mesmo com fathia cruzada, forçando desapparecer ainda, uma ou outra relucencia.

Assim tambem, a comissão andava, ve-

guberna, da republica em republicas, durante
de a noite de Domingo para a segunda-feira,
Assim, satisfeito com o caminho das cam-
pas, almocei e só perto da 1 hora da tarde parti
e á fazenda.

Encontrei perto do Lyceu o Balthazar Fai-
xeira que me disse estar vindo na mesma: a
grêve mantinha-se e mesmo alguns que
hambem a juraram já hoje não foram ás au-
las: em direito, só um Americo d'Amorim
Girão (4º anno) e um outro Joaquim Carlos
de Souza (5º anno) que allegam ser professor
do Lyceu do Funchal; e na theologia um padre
José Marques Dias Junior (4º anno) a quem o
Dr. Theobaldo Garcia Tibeiro de Vasconcellos não
deu aula dizendo ao bedel que se garbificára
que só tinha aquelle alumno:

— Só para um não vale a pena ir lá; e de
mais a mais não são reles...

Garbificaram-me a verdade da farsa, e
subindo á rua Larga, ia satisfeito por ver que
já dia dizer aquelles que me afirmavam com
convicção e ironia que a grêve se não man-
tinha, que a grêve afinal se mantivera.

Na rua Larga, o mesmo que hambem: ca-
vallaria, zolicia e gente garada a ver...

De um grupo de mulheres desbocou-me-me
a criada que me mostrou me zedira os leucos
e contou-me affida que levára, de manhã,

uma nauza aos raios frescos e o correio que havia para elles, nas republicas; ora, como havia jornaes no correio elle enviara tudo junto e entregara a um policia. Do olho policial, Jorqui, não escapou um jornal passado sobre policia e crimiinosamente... tiraram com algazarra os jornaes, amesçaram o number, fizeram dal barulho que a Jorqui number julgou que ficaria fresca, tambem, e incensuravel naturalmente!

Soceguei-a e disse-lhe que se alguma causa houvesse que me fosse dizer Jorqui eu iria fallar ao administrador do concelho ou ao proprio Fernando d'Almeida, governador civil substituto, apesar de jesuita Jorqui das relações. O mesmo disse ao Nuno Monteiro, Jorqui a hypothese de qualquer asneira policial.

Fallei com o Pacheco, cada um mais animado; conversámos sobre varias causas com os condiscipulos Victor Hugo Albuquerque e Mira Feio e, quando me despedia do Pacheco, disse-me elle que se dizia em segredo, e com ardeur de não passar a ninguém... que o Terceirista de mathematicas, republicano, exglorioso rafez Fernando Baeza Bisaya Barretto Rosa, tinha sido preso Jorqui cido á esquadra e sendo visto á grade da prisão o Carlos Olavo, disse-lhe adeus, Jorqui que a prisão dá sobre a casa d'abrado. A policia, com o adeus, respondeu;

arruam-se discussões de que resultou o voto de greve para o Bissaya o que não foi mantido do que me nessa occasião agradeceu o commissário Aguiar que o mandou embora.

Mas, quando o Pacheco me disse isto, não se pedia de nada; apenas se dizia que fôr greve o Bissaya e em pouco isto depois, quando o vi na rua e um amigo d'elle me o contou.

Depois, desci a' Baixa. Chegára então o Sud-express e os jornaes eram disfigurados ferocemente; comprei o Diario de Noticias, incolor; o Mundo e a Luz, republicanos; o Primeiro de Janeiro, do Porto e a Terminel folha do bohem, d'homem. E, conversando e zangando com o Bernardo Pedro — sobre franquista amarrado ao fôr de medo que o levou a não jurar a greve — fui lendo as noticias mais circumstanciadas dos acontecimentos de Lisboa, principalmente da Polytechnica, onde os rapazes, forfim, já queriam recorrer ao acido sulfurico do laboratorio chimico!

As noticias de Coimbra tinham mais ou menos exatidão; os casos de um gae que acampanhou também um filho doente gae que elle não fosse á aula, e dos gaes que levaram os filhos a murro, são veridicos e como elles contam.

E por todos os rapazes havia uma alegria

que levei o meu condiscipulo Guesmões a Sousa, que appareceu eutão na balçada, e afirmou-me que amanhã iria de Gagozido á Universidade á entrada para a aula de calculo geral, no caso (que lhe constava) de o nosso condiscipulo Nicolau Fernandes querer jurar a greve, dar-lhe, á propria vista do Dias de Golia, um rocco, um rocco e authenticos rocco Gomburguez...

Depois, com o mesmo Guesmões nubi á noite, fomos a jantar. Na rua Larga, os cadetes discutiam; queriam tambem por qualquer modo fazer greve, fundando-se no que Gomburguezmente se sabia ter sido dito pelo general Moraes d'Almeida, em Lisboa, no Polytechnico, aos seus alumnos militares:

— Os pauleiros, para a greve por uma causa seria, deuem ir dizer aos professores que não estão dispostos a dar licença, que não podem prestar attenção, enfim, empregar meios razoaveis para que, sem apparencias de manifestação collectiva, consigam fazer a greve.

Acautelei-lhes moderação. O caso Gagozido, não se fez assim, sem mais nem menos; não estivessem elles em desistia das licenças porque isso era perigo.

O Pedro d'Alcambara disse-me que os proprios maucos bonitos de Lisboa — como o Pedrinho Sabugosa (Pedro José de Nuello, nosso condiscipulo) e Villaca (filho do Eduardo Villaca)

e outros não queriam ir ás aulas; que elle, Alcantara, resolveu ir a uma aula e faltar a outra, perdendo assim o anno por faltas e não fazendo greve, visto que parece por incapacitação do João Franco combievar com aulas abertas enquanto houver alumnos que não tiverem o anno perdido por faltas.

Conversámos um pouco e criticou-se, e especialmente, o procedimento d'alguns rapazes que neste interuallo de 5 semanas perderam graça e como auxiliares ficaram livres de faltar o anno. Sob o ponto de vista d'interesse foi bom; de resto... foi razoavelmente justa!

Dois deobes são meus condiscipulos em Physica:

Flaviano Eugenio da Costa — filho do Sr. de Joaquim Euziliano da Costa, do 23;

Francisco Nicolau de Sousa Dias Goulão — filho do capitão do 23 Miguel Goulão.

Os outros de que me lembro são:

Alvaro Antonio Botto Machado — do 3º an.º de mathematicas, de Pinhal; assentou graça em Inf.º 12

Mario da Silveira Guerra Freire Almeida — do mesmo anno, e que perdeu graça em arbitrio.

... e aqui ficam as memorias.

O Alcantara pediu-me para eu agradecer

na Baixa, á noite; e como estava tudo recolhido vim para casa já tarde, sendo dado, no caminho, uma descumfrosura ao filho do tenente Barros do 23, Joaquim Dias Barros, ferre, sem querer ver a baixaria que isso representava, queria ir ás aulas.

Depois de ter já estado, voltei, como também, á esquadra, para saber dos fusos — se as ordens não fossem em contrário.

Aí já estava um guarda de policia do tenente e que foi soldado do 23, ainda no meu tempo; disse-me que ia saber se os fusos necessitavam d'alguma coisa. E elle, tomando um ar de dono de tudo aquillo, respondeu-me:

— Não meu alferes; elles não precisam de nada, estão bons.

Eu ia dizendo a linha; fitei-o e frezendo as sobranceiras perguntei-lhe novamente:

— Tem a cabeça d'isso?

Elle reconsiderou; lembrou-se do que eu era no regimento e lá foi á prisão saber.

Elles, já não estavam na mesma prisão, quasi é vista; estavam em cima, num pavimento superior.

Quando o guarda voltou, com muitas circumelias e combinencias, trazia-me muitos agradecimentos e que de nada precisavam. Fiz-me tambem carter; e agradei tambem,

fez a minha parte, o encómmodo que deu ...
Bahia uma chuva miudinha, pouco mais
que nevoeiro e eu desci á Baixa.

Na Calçada, junto do Lusitano, dizis-se en-
tão muitas cousas e as que soube serem verda-
deiras são:

que também o grupo catholico da academia
resolven adherir francamente á greve depois
d'uma reunião que tiveram;

que se fez um telegramma dirigido para o
Marechal Montheiro, a academia do Funchal se de-
clarára, também, em greve;

que também á noite o conselho de decaes
reuniu e tomára resoluções de caracter reser-
vado, fallando-se de que havia tendencias
specificas da parte dos leões, que se não con-
stavam, como ninguém sabia que os acou-
tamentos tomassem este caminho;

que malguem surtidas havia colladas, as
relações dos estudantes que também juraram
a greve;

que houve combinações secretas entre ra-
zões dos mais valentes, para no caso de ba-
rrethos nos Generaes se formarem grupos para
abafar os folicias que lá estavam, e combi-
naram a esbar, e lançar-os para o lago, for-
cimo das grades;

que o Dr. Gallixto, também, ao entrar pa-
ra a aula, vendo só um alumno militar

Zerguebam - lhe :

— Não he mais alumnos militares?

— Não he...

— Ainda bem. Semad teria que o requi-
zitar ao ministerio da guerra...

Barria tambem com insistencia, mas sem fundamento, que o Lieutze fôra chamado ao Paço, mas sem se saber para que.

Visto apparecer o Pedro d'Alcambora, exaltado; queria ir fallar ao Sidonio, em nome dos alumnos militares, pedir-lhe para os não obrigar a dar aulas, pois que não queriam ser chamados sem o curso estar concluido, etc, etc. Aggreceram o Pacheco, o Fallé Trausatho, o Vasco de Barualho, e o Baravanno e lá fomos á Escola Industrial de que o Sidonio é Director; os cadezes subiram e eu fiquei no adrio com o Pacheco, gossiciando, sob os olhares vigilantes — adé ali! — de dois golicias da secreta, sendo um d'elles o muito considerado e conhecido cabo 8 da judicaria.

O Sidonio recebeu os rapazes muito bem, afiançou-lhes mais uma vez o seu recantesciamento e annuoio ao que elles pediam, dizendo que mesmo no caso de isto se concluir só muito tarde, aquelles que têm faltado á aula não seriam obrigados nos actos penáo ao que se deveu dado adé aqui.

Os rapazes tinham pedisfeitos e como

garámos no largo de Daurad a commensar, e
seriam já 9 horas, o capitão do recreatório
militar Leandro Girão (que é franciscano)
fazendo dizer que o recollector tinha sido ás 8½
sem pagar que os papas não cabem e que
nunca se empregam essa determinação regular
nembar para os esbudaes.

Parvo.

Depois, na balçada, apparecem de repente um
garoto com o jornal O Paiz trazido no safrido
do do moide; escurado para dizer que foi abso-
do, disfarçado e em poucos segundos um
masso enorme do jornal desapareceu. E eu e
o Pacheco concordávamos que isto precisava
comtambem ser mexido e agitado para não
aparecer, pois que ha algunos descendentes
que naturalmente precisam ouvir paes e
maes, depois!...

Apparecem-nos tambem o Aguiar, nosso
condiscipulo, transmutado, de graça, prom-
pta e fina, que em ha pouco não vê.

— Oh, vário Pinheiro!

e abraçámos-nos. E despedido-se declarou
que ia fazer a chronica dos acontecimentos
para o Illustrado e disse-o de um modo tão
serio que alguns circunstantes acreditá-
ram.

Despedindo-me d'elles, fui com o Ber-
nardo Pedro, ao café Marquez Pinto, tomar

chá; e ali, questionando, disse-lhe a mulher
são que me causava o seu procedimento:

— Que diabo!... você é franquista, você
esgria tudo do João Franco, mas quer me fa-
recer que é falta de dignidade a sua maneira
de proceder. No começo, quando tudo estava
em embrião, porque não falou você? Se se
tivesse o gosto então parece que teria direito a
querer agora entrar nas aulas...

É de facto, parece-me mais aceitavel
o procedimento do tal Girão do 4.º anno de Di-
reito que arcau com a malquerença d'uma
academia insular, que este do Bernardo Pe-
dro que se não entrou para as aulas foi por
que teve medo, falou-lhe aquella coragem de-
cisiva que faz dos homens alguns cousas.

É elle que se ainda parece não pôde
mostrar ao grande chefe João Franco — o
seu verdadeiro Deus — que a academia lhe
não merecia consideração.

— A Psychologia de cada um — determi-
nei eu — metter a cantecem os extranhos
do que os próprios.

— Mas é que eu, respondeu-me elle,
estou acobardado desde pequeno e escafel-
lizar-me...

Não quis ouvir mais; ri-me, bati as
plumas para chamar o criado, fagámos e
retiramos.

Chouroscaus; e encontrando o Dr. Teixeira de Barutho, o conhecido Luiz Martins, vieram com elle para a escola, conversando, trocando impressões.

E para terminar o diario d'hoje acarescendo um caso que se deu no Lyceu de Coimbra, onde a grama não tem sido geral, com o Dr. Francisco de Gordo Pessoa, professor de sciencias naturaes e que elle contou a meu Pa. D'ante d'hoje faltaram muitos rapazes e só entraram 8; desses 8, sete fadaram diogense e lá dentro o Pessoa disse-lhes que isso não podia ser e que visto aquelles sete diogenes era melhor mandar esses sete que os fadaram, Coimbra. Ficou João só com um; esse unico... disse que não sabia a lição! E assim o Pessoa teve de o mandar saber e voltar em João para casa!...

De resto, falta cidade o mesmo ardeor blico de purgarem de ganancias.

Tabernas e cavallo, glicis dobrada ás espreimas, e a judicaria fazendo custas de Coimbra... o quê?

Sabe elle lá, mesmo, o que farejo!

Coimbra =
= 1o d'abril [4ª feira] =

Hoje, ao accendar, ouvi dizer cá em casa que no Lyceu faziam um barulho enorme. De facto, de quando em quando, ouvia-se uma algazarra tremenda; depois tudo perennava.

No vesbir-me, vi de minha janela, sobre as escadas do Lyceu, magostas de gente parada; com o meu Gœthy vis-se mesmo, for entre as folhas das arvores, a policia gôstada, re-removendo, na posição militar de descanso. Depois, passado algum tempo, ouvia-se gritaria e de novo tudo se callava.

Era, certamente, a greve no Lyceu.

Meu Paê patrio, foi ver; e quando voltou disse que os reitores já lá tinham provocado uma questão com a policia de que resultou, é claro, fuzcada; e que encalhára o Dr. Traujo e Gama, leito de theologia (e grande franquista) que se mostrára affectuoso com o resultado diabo tudo e que lhe combára que os seus discipulos lhe mandáram uma mensagem de sympathia mas na qual declaráram que não iam ás aulas.

Depois do almoço, sempre quando fazia horas para patrio, comecei a ouvir a mesma algazarra no Lyceu; só quando patrio e me

derizje á Alta, e' que, ao aproximar-me dos arcos do Jardim publico barulho maior do que o do costume.

Aproximei-me e vi o alferes Motta, o Gussiano Motta, do 23, com a farda cheia de moedas, observando, enquanto não chegava a hora da aula de botânica; os rapazes em grupos discutiam acaloradamente, levavam gesticulavam; havia correrias, mas a policia continuava quieta.

Vi, nas janelas da escada do 2.º pavimento, uns rapazes near á janela, chamam e gritam; ha de novo barulho, estabelece-se uma corrente de rapazes para e contra; mas pouco depois, de dentro, irrompe nova corrente de rapazes, correndo e unindo-se aos do arco, e abe armando-se com pedras d'um monte que ali havia das obras.

Os gritos eram:

- Morra a policia! morra a policia!
- Fora a policia!...

Ha então um certo tumulto; policias emigram os rapazes, quasi todos novos, creanças mesmo; e de dentro amparado por alguns esbaldados sahe um, com um lenço na testa ensogado em sangue.

Quando se vio o rapaz assim, a vozaria augmentou extraordinariamente; ha indicios de pedradas á policia e eu, sendo im-

minuente o conflicto, atravessai para o arco de Traiccan, passando á esquerda da igreja de S. Bento, donde vi de novo tudo parecer.

Metti então á bancada de Lisboa, subi ao Castello, e vi no largo, então, enorme ajuntamento porque o rapaz ferido tinha ido para o hospital parecendo — ao que se dizia — que o ferimento apresentava certa gravidade.

Desci á rua Larga e então, a todo o passo, fazendo linha nas calçadas, passei para cima um algar de cavallaria com cerca de 15 ou 16 homens; linha do lado da rua do Norte, da Universidade, onde estão aquartellados e ia para o Lyceu.

Deixei graça.

At' Garbá-ferraz, o mesmo, o mesmíssimo algarde policial, com o tenente-coronel Dias á frente; estubantes, meia-duzia ... E na rua, na altura do café do José Maria, havia então grupos reunidos nos passeios, nos limiares das portas, mesmo em cadeiras. Era um aspecto curioso.

Vendo que nada havia de notavel, afroucei um americano e fui á Baixa com o meu condiscipulo cadete Saude e Barbo; ao passar no Lyceu, havia ainda ajuntamento, no qual estava o commissario e a força de cavallaria estava postada em linha, na frente do edificio, marcialmente.

Na balçada fui aos januaes. Conueguei va-
rios, entre elles as Novidades aonde uem uma
trameada de confusões dada pelo gae d'um
alumnino ex-gulso, ao conselheiro José Lobo, go-
vernador civil de Coimbra.

Havia animação, conversáua-se e conta-
ua que o João Franco encerrara as camaras
sob o pretexto d'um addiamento.

No Lusitano, este facto, produzio conuer-
sas violentas; o Paulo Teixeira de Gusmão (fi-
lho do romancista Bento Monteiro) exaltou-
se com um rapaz Frazão (do 4º anno de Di-
reito) e creio que todo franquista, e por fim
já dizia:

— O addiamento de cârões é caso para uma
guerra civil; e eu sou o primeiro a ir para as
barricadas!

Havia protestos, objurgatorias, gritos vio-
lentos; e li-se com avida os discursos do
Antonio José d'Almeida e do Luiz Teixeira,
feitos honde em nas camaras ácerca da questão,
a que o João Franco deu uma resposta du-
bia e casmurra.

O Antonio José d'Almeida, entre outros
geridos britannicos teve sobre a que é necessá-
rio jumar o fogo com que os diz:

— « O movimento é largo e leve no
seu desbocado impulso toda a febre de uma

conquista do Gensamerbo. Se o Sr. Presidente do Conselho julga que vai deitá-lo com a sua mão feróz ergam-na.

Não se trata de um disturbio de cobardes sahido das real-avencas de uma arruaça nem de uma insubordinação de cábulas em regressalias dos RR universitarios. A questão é mais alta e um criterio superior a animus e fecunda. É todo uma aspiração das almas juvenis que querem progredir e caminhar pela estrada aspera, mas luminosa que vai dar á emancipação da intelligencia. A mocidade não vai indellida por desfeitos grosseiros ou ridiculos pretextos de disciplina. Vai, febril e zelosa, na ara indomavel de uma conquista liberal.

Só ha uma cousa a fazer: dirigil-a. »⁽¹⁾

Bello e eloquente discurso! Generoso e grande alma, a do Theobaldo José d'Almeida!...

O discurso do Hüfje, é claro, mais sereno e ... cathedraico, foi tambem um discurso violento, e entre as phrases felizes, de se esta que é de todo justa, referindo-se ao caso do João Franco tomar a questão academica como um caso absolutamente d'orden publica e responder sempre que podia

⁽¹⁾ Diario da camara do Sr. Deputados - no.

garantir que não tem havido alteração d'ordenem:

— « O chefe do Governo manteve-se n'uma attitude firme e absolutamente golicial.

« O seu governar não é proceder com um criterio tão estreito e tão restricto. »⁽¹⁾

É claro que os commentarios vizavam de preferencia os dois discursos e a reafirmação de João Franco:

— A ordem não tem sido alterada... as ruas ho completamente pacas...

O imbecil!

Voltando a casa encontrei em Eubra-meos o Bernardino Pedro; o aspecto era de meio emvergachado, meio corrido.

Para se não tocar na ferida, fui lendo, nos acinos, os discursos nos jornaes e ao despedirmos-nos ás escadas do Lyceu, elle pediu-me para ler, enquanto não havia aulas... o Procambola!

La diluir, certamente, os remersos, na leitura dissolvente, do favoroso romance!...

rao nº 56, de 8 de abril de 1808, p. 5

⁽¹⁾ Anuaes da camara dos dignos feres do reino — Sessão nº 50, de 8 de abril de 1808, p. 538.

Depois do jantar tornei a sair, embuchado no meu casaco impermeavel; havia um cho-uisco mudo; e desceudo pela Avenida, como vi-se adiante o capitão Martins a quem não queria falar, correi ao Mercado, para dar tempo que passasse.

Foi um acaso feliz; de guarda ao mercado estava o Carlos Santos, zolista, o meu amigo de 36 que deixara a leua aos estudantes exul-ros em Taveiro. Seguiram-se uns cummri-mentos amaveis e em pouco tempo adaguei a questão:

— Então, oh Santos! vocês fizeram aquella prisão dos rapazes d'uma maneira cabida! Nos jornaes o caso nem que parece um romance!...

O rapaz teve um sorriso, como de quem tinha a zome d'um grande respeito e respei-cto com um grande ar de desfeitado:

— Não foi nada assim, meu alferes!

— Lá me parecia, desimeei eu; vocês go-ziam e deviam fazer coisa melhor...

Elle então abriu-se ao meu amigo alferes com quem lidava sempre mudo a bem, de quem recebam lições de escripta, de contos, etc etc. E contou que o caso se dá assim:

Elle, Carlos Santos, andava encarrega-do de vigiar os comboios entre Paufilhosa e Alfarellos; naquella altura estava na esta-ção de Taveiro para ver na via os rapazes es-

Julho no cambóio correio que chegou a Coimbra
 com 3½ de manhã pouco mais ou me-
 nos; quando o cambóio entrou na estação es-
 tava elle a dormir; saltou da cama improvisa-
 da, pôz o varino aos hombros e chegou á por-
 ta na altura em que saltava do cambóio o
 bandido Lima; recarregou-o, deixou os outros
 ajeitar-se e como ficasse á porta, fingiu de em-
 fregado e pediu-lhes os bilhetes que se lhe não
 esqueceu elle disse que eram para o Luso e de 2.^a
 classe.

Os rapazes eram: bandido Lima, Thomaz
 Curto, Carlos Olavo, Alberto Xavier e Pinho
 Ferreira.

Este ultimo, imprudentemente, viuha
 de casa e badiu.

Os rapazes entregaram os bilhetes; só o Car-
 los Olavo, sempre distraido, se jassando sem
 cumprir esse dever de viajante. Trazia
 uns maos e jogaram-se a caminho. Era mi-
 de ainda e o Carlos Santos, entregando ao
 chefe da estação os bilhetes, pediu para telegra-
 fhar para Coimbra mandando pedir ao comis-
 sario geral para os vir prender ao caminho.

O rapaz, não ha duvida, mostrou um cer-
 do geito, — muita habilidade! — ; e os estudan-
 tes mostraram romance quando eram inex-
 perientes novas cousas — sempre romanti-
 cos, generosos, sempre de boa fé!

Mas o Sainboz cambiumava; disse adeus ao chefe da estação, em voz alta:

— Adeus, meu chefe! até logo. Eu vou a casa e venho ao comboio das cinco...

— Sim, está bem...

E gabriu juntamente com os rapazes. O Pinho Ferreira, mais desconfiado, ascendeu um fogão e chegou-o á casa do Jolicia mas não o reconheceram e como este dissesse que morava na Bancaíba, estabeleceram conversa e vieram todos esbadafara.

No lugar de Engadameira tinham-lhe quatro homens: eram quatro guardas á fazenda que pertenciam á rede estabelecida nas esbadafaras que usam dar á cidade para a hypothese dos esbadafaraes se reunirem d'outra mais de traesforte que não fosse o comboio.

Os rapazes, desconfiados, perguntavam quem eram; o Sainboz que lhes deu os bons dias disse que eram operarios empregados na construção da via dupla entre Coimbra e Alfanellos; mas mais adiante, como era já dia, o Xavier contou um dos guardas:

— Estávamos agachados! disse elle.

De facto, estavam agachados... Bahin-lhes por terra o pouco de esbadafara em Coimbra sem ninguém dar por isso; na sua ingenuidade calculavam que porem-se na estação da cidade a Jolicia os esbadafaraes.

Pediram então para os deixarem mudar o traje civil para a calça e botina — sempre o romantismo! — e tirando de mala as calças, desgrilaram os polvedros e ficaram fardos do academicamente.

Então, um pouco mais adiante, encontraram uns brasis, com o commissário e policiaes que os trouxeram á cidade ainda, sobretudo na Paragem, os esperava uma força de cavallaria. Bella entrada esta, para noções novos deus de vida e fé!

Os jois, a verdade, sob a grisação dos rapazos que os joiaes combatam com joiaes romanescos.

Agradei ao meu ex-36 e fui á Calçada, onde havia agitação.

Dizia-se que em Lisboa este os militares adheriram á greve, que houvera graves tumultos. Os cadetes da Universidade queriam tambem adherir á greve forqualquer forma, não queriam deixar os outros só. O Fortissimo Salgueiro fellou-me mesmo nisso, mas eu ... lancei d'ahi as minhas mãos.

Nada de conselhos: se os deus goziam os rapazes por causa d'elles, agantam grossa bofada.

No Lusitano agantem o Pedro d'Alcantara, com os outros congestionados: vinho de falar a um dos commissarios da academia.

do Porto, um pythagórico rapaz, de barba-loira
 é Christo, chamado Barberão e creio que da
 Escola Médica, e este assegurava-lhe que no Por-
 to, mesmo os cadetes, amanha, fariam grê-
 me, e o Alcaubara dizia-lhe se seria legal dei-
 xal-os pòs e não promover cá a greve.

Em voz baixa acrescentou:

— Eu consegui, depois, á 1 hora, uma reu-
 nião dos militares no Penedo de Saudade; e
 quero conseguir outra ás 8 1/2 no mesmo mi-
 nio. É necessario fazer-se alguma coisa... Eu
 estou zangado para ser castigado... O Pedrinho
 Sabugosa tambem quer adherir...

Alisto foi chamado pelo nosso candidato
 Gaulão, já aqui citado tristemente, a pg. 20.
 Disse-me em segredo que o tambor-coronel do
 23 já sabia da reunião e resolveu que havia
 ordens rigorosas a tal respeito.

Eu desconfiei muito do rapaz: seria elle
 quem denunciou a reunião? Julgo-o talvez
 caliz d'isso, para querer parecer a modos pobre
 o seu nome; mas ás vezes... o interesse...
 elle é bem esbucado... mas é dos melhores
 candidatos... é filho d'um calizão...

Adiante...

O Alcaubara ficou quasi doido. Andava
 de zungo em zungo e em receios que elle se
 denunciaria — porque fica aqui assegurado
 que pela cidade havia uma obliqua consi-

derivel de glicias da recorda, naturalmente de Lisboa e Porto, aos quaes chamavam glicias e chamam de bufos e cucos. O Pacheco entao não o largou e lá foram os dois para a Alta:

— Abê logo... dizia-me o Pedro; abê não sei quando!... Estou a ver que venho lá de cima logo!...

E lá foram para o Penedo da Saudade onde romanescaamente iam deliberar.

Eu entao fizeti a jurar se poderia evitar qualquer causa. Declarei-o ao meu coadjuvante de fypico Juozio Carneiro Gargen Teixeira, aconheço, muito amigo de Pacheco e que se não dáem zungado a trabalhos; e como me julgo insufficiente, procurei o ajudante do 23, o tenente de Armas Augusto Pereira Dias que estava na Barbearia Pereira, a quem zenguntei se alguma coisa havia contra os cadetes.

Elle não tinha conhecimento de nada; apenas dois tinham ido hoje desistir das licenças para estudar, parece que tinham o mesmo zengido.

Fomos depois ao quartel, poriamos 8 $\frac{3}{4}$ de noite; zenguntei ao pargento da guarda Manuel Pedro se alguma coisa havia. Elle, tambem, de nada sabia.

Ora voltávamos, Sophia jára, quando ia o major Bobo, agressado, para o quartel.

— Não... zensamos nós.

Parámos o meu passeio, vendo logo aonde elle ia; de lá, do quartel, vinha outro vulto d'official; encaminháram-se, ficando conversando. Não, passámos outra vez logo ver quem era: era o major Barbeito que serve actualmente de tenente-coronel. Continuámos a ver: os homens gesticulavam até que se separaram: o major Corda foi ao quartel e o Barbeito requiê logo para Monte'Arroyo, aonde mora.

Então o Ignacio foi á estação ver se havia alguma coisa de Lisboa, logo gente que viesse no navio e eu voltei ao quartel, inquieto, porque poderia haver alguma ordem para ir perseguir os negros.

Substornei o 1.º sargento Loureiro que ia para casa; não sabia de nada. Com frente do quartel observei: tudo em sossego; no meu anteparo camuflado, e 1.º do 3.º havia a folharia de costume quando os negros se deitavam.

Voltei então convencido de que nada havia de extraordinário e quasi ao fim da Sophie ouvi tocar a silencio.

É para não esquecer: quando á reunião dos cadetes no Senado... não se realizou; no caminho, os medrosos ouvindo o argumento de que o tenente-coronel já sabia de tudo, fizeram diáferas os que iam.

Somente se reuniram cinco e eu não me aqui ficam:

Pedro d'Alcambara d'Andrade Moraes ;
Adolpho Trindade, meu condiscipulo e
 physico e soldado d'artilleria ;
João Pereira Ramos Paz, do 5º anno de direi-
 to e soldado d'Infº 3 ;
Luiz Filipe d'Assumpção, do 2º anno de direi-
 to e soldado d'Infº 5 ;
Francisco Carlos Pinto, do 3º de medicina e 2º
 sargento chefe d'Infº 7.

Chegando á balçada, encontrei o Domingos
 de Freitas, com cara de caso...

Na verdade, é judiciosa aquella observação do
 Floro Henriquez :

— Regate o Sr. alferes Pimenta que o major
 Freitas não tem cara para politico ; a cara d'elle
 é um verdadeiro termometro...

De facto, naquella altura, o termometro
 marcava cinco de temperatura frangida muito
 baixa...

Fallou-se de tudo a respeito da questão : caso
 Lourenço Christo, preferências do major Goda ja-
 ra ficar no 23 como tenente-coronel, etc, etc.
 Só me ficou a que me disse :

— Não sei onde isto ha-de ir parar...

E despedimo-nos, depois de eu lhe dizer :

— Olhe a Beira dos Bardes : Pessimismo, e
 Humildade, avante !

Não chegaram os raios que tinham ido a

estacões, ao nasido; dizia-se que na estacão me-
lha, a policia apprehendera o Paiz, mas d'ahi a
um bocado ouve-se um vóy agregoando:

— Olha o Paiz é ultima hora!

Foi um tumulto! Tudo correu para o garoto
o zombos de a nos ficar quasi impedido.

De Listos, noticias graves: militares gre-
nos; na Escola Medica, como foderos, os profes-
soras resolveram observar o regulamento que
diz que ao fim de 4 dias de farda se riscuem os
alunos que a fazem; e outras noticias, assim,
animadoras.

Alegria enorme. Cafés com certa animação.
Fallava-se á bocca pequena d'uma reunião de
algarvios, grave e que a policia patia-o e se reu-
nira toda em local desconhecido.

Não consegui saber o que havia. E encon-
trando o Floro Henriquez — o conhecido e fir-
me Floro — subi para casa, conversando e me-
dando que o Bernardo Pedro é moito, já não
afaracia, como de costume. Seria vergonha?

Valley não. Valley se immergisse na lei-
tura amavel do Pocambola ...

Os franquistas, os franquistas! ...

Coimbras =

= 11 d'abril {5: feira} =

Os jovens dizem, em geral, que a academia ainda excitada, que nos cafés se discute revolucionariamente. E no entanto, não é bem assim.

Nunca a Academia andou com ar tão indifferente; discute-se, e' certo, a mesmo animação, mas o barulho dos cafés é quasi o mesmo do costume, excepto uma ou outra discussão mais isolada e localizada. Mas não gritam-se, como de costume, os palcos; riem-se como de costume.

A attitude tem sido digna, séria; e desta inflexibilidade resulta a consciencia do acto.

O dia d'hoje esteve fresco; no Lyceu ainda havia gente parada em grupos, e reuniam-se vozes, mas, de resto, tudo pocegado.

Na minha rua continuam a passar as garruchas de cavallaria; parece incrível como fazem andar dia e noite, os pobres rapazes, e dois, garruchando mas ainda não ha esbaldados e ainda, se os houvesse, não se encaimariam a olhar, tão indifferentes andam aos maneios policiaes e bellicos.

Porque, de facto, as phrases que o Sledge disse no seu discurso de auto-homagem, ao

Joad Franco, não infelizmente verdadeiras.
— Mas não me ha altercaçãõ d'ordenem...

Tudo em poçoço...

E é como elle vai resguardando.

No entanto, no quartel de 23, sempre 40 a 60 homens de guarnição por o commando d'um capitão; cavallaria gôrnita as ruas de alta ajezar da chuva que ás vezes cahe em grandes botegas; as guardas estão reforçadas; e a golicia com os que vieram de Lisboa deve chegar ao numero de 220!

E os rapazes?

Os rapazes! Hoje, ninguém foi á Universidade; um d'elles ou talvez mais de academia rebôrou por suas casas esgrando os acontecimentos com uma indifferença decisiva e corajosa; e a Paró-jerua, abandonada, tinha algumas dentro golicia por causa da chuva.

Ora isto é' significativo.

Foi assim que eu vi a Universidade quando me lembrei de lá entrar para... ouvir! Era preciso dar-lhe uso; e já que não serviria para mais nada, ao menos serviria... de animal!...

E passei entre alas de golicias. Na São Luiz, Paulo e Paró-jerua, contei eu, de relance, vinde e oído!

Vinde e oído!...

Quando sahi, a rua largo, apresentava o

alguém que apresente no veras: ninguém!

No Ponta-Jerua, a policia de Lisboa, com ja-
terminava com uns rapazes que tinham ju-
gido d'uma chupada, e trocavam cigarros,
conversavam, riendo com anedotas ficasas
que alguns mais descarados lhes contavam.
Era interessante.

Descei, depois a Baixa, tendo encontrado o
meu condiscipulo Victor Hugo Dubois que fo-
ra á aula de Physica e na qual o Teixeira Bas-
tos explicava toda a hora.

No balcão, poucos estudantes; chorra e se
alguns havia pelas portas era á espera dos jar-
mas que deviam chegar no quid-express.

Conversei com o Pedro d'Alcubana, todo
embruhado no seu café; contou-me en-
tão, casos da reunião dos cadetes, no Paredo
á 1 hora da tarde. O medo dominou-os e
quando se fallava em entregar as guias e de-
positar das licenças, quasi todos fizeram carota.
Um mesmo distinguio-se: foi Roque Ferrei-
ra d'Aguiar, meu condiscipulo em Physica,
cabo de cavallaria e filho do actual commissario.
Este Aguiar já no vespero convidara algunos
condiscipulos para trabalhos graphicos no gabi-
nete de Physica quebrando assim o movimen-
to unanime de solidariedade; e na reunião
declarou que nada se importava por elle o
unico que não gerdesse o anno, que iria

até ao fim e desconfiou-se que elle tivesse ido dizer ao Pae, da reunião.

Parece que recediamos este meu candidato, foi condemnado a algarhar como bairra que lhe para ministrada a seu tempo por alguns mais valentes do curso.

Contou-me mais o Alcaide algumas cousas que se deram na reunião e disse-me que me da morte — a que pó' foram os cinco que eu já citei, — resolveram sacrificar as licenças se necessario fosse.

Consuramos o nosso candidato Francisco Dias Gualtas já aqui citado tristemente, e quem logo fomos o lobem de bradar ainda que por concessões. A cara trahi-o quando haubem veio dizer ao Alcaide que no quartel se pavia da reunião; e eu elle eu o Regue d'Aguiar foi denunciado a reunião ou não foi e neste ultimo caso veio metter obstaculo assim a que elle se realisasse. Qualquer das cousas e' triste.

E continuava o Alcaide:

— Estes acontecimentos foram como joia na... Viu-se quem ficou ao de cima e quem fassou zela na...
 ..

Com esta consideravel e profunda obstrução despedi-me e de novo fui á Alta, fornecido de jornaes.

No Quatro-bobas encontrei o Adolpho Trin

dade, com quem troquei impressões; andava exaltado com o procedimento de muitos cadetes a que elle chamaes cobarda.

— Eu, meu alferes, antes de fazer nos livros fizei muitas ~~curtidas~~ curadas; se for necessário ainda me lembro como ella se maneja...

E fazendo um gesto d'athleta:

— ... tenho cargo para isso!

E a estas palavras dava-lhe um ar gíborresco o poldaque a coreano acumbado.

Depois do jantar meu Pai recebeu pelo Telephone a noticia do Telegrapho que as cândas tinham sido encerradas, depois de vislumbos tumultos e que faria um telegrapho sua garbicular dizendo que se reunira o conselho d'estado e que votara a amnistia.

Pôr o chapeu e corri a casa do Pacheco; de rua gritei e quando appareceu a cabeça a janelle, investigadora, disse logo para cima:

— Pacheco! pode acabar o hymno do Triunpho!

— Subs! subs!...

Embreei e fazendo pego da provincia disse-lhe a nova.

Foi uma alegria! e como e natural a nos na imaginação trabothon! Imaginou-se logo uma recepção aos patriotas exilados, quan-

do embárrasem na cidade; recapitação silenciosa da causa da Zolícia, pôr-me-me com galmas, ou mesmo sem ellas:.. Combina-se lançar a ideia das luminárias nas republicas, com arremendações; d'uma manifestação de sympathie ao tenente-coronel Dias quando se fosse embora, inclusive um jantar; umas mensagens aos exilados, etc, etc.

Na rua, encontrando o Mira Feio, fomos ajudar na ideia, e na Baixa, onde se fallava já na amnistia, havia a tal respeito as mais variadas e exóticas versões.

A comissão central veio-me até obrigada a Zôr, no colunino do café Lusitano, um aviso dizendo que nada sabia oficialmente; e Zôr um outro lembrando á academia que devia continuar em grãme até que fossem conhecidas as resoluções do governo e accedidas pela mesma academia.

Hôo foi para lembrar que o simples boato d'amnistia não vinha ligar a consciencia dos que viviam no simples hypothese uma re-dificação dada e que poderiam assim continuar a ir ás aulas sem deadouro nem vergonha.

Até 9 horas chegou o Paiz, esgerado com interesse mas que pouco adiantava; em Lisboa e Porto tudo na mesma e á bocca segue-se a fallava-se em voltar o dia da Zolícia...

É de anedotas em anedotas em, o Pacheco e o Alcantara, abançados a uma mesa d'um restaurante na rua de S. João, e abocando umas costelhas de gôco, lançávamos a ideia das festas de recepção dos expulsos, das luminárias, da despedida do dia e começávamos com projectos interessantes acerca do nosso futuro curso de engenheiros civis...

É eram 2 horas quando voltei a casa.

Coimbra =

= 12 d'abril (6.ª feira) =

Quinto dia de greve!... Chove e chove bastante; foi a cavallaria garrá e tárem a jogar no miúdo rua quasi sem fim de serda.

Logo de manhã, da estação telegraphica chamáram-me meu pai para dizerem "que no Lyceu se estavam fazendo factos anormaes e que se tinham feito jissés e que estava lá a cavallaria."

Fui ao 2.º andar de minha casa, dei o binoculo, mas nada vi; e quando sahi só vi em frente do Lyceu muitos rapazes em grupos, a policia debaixo do arco por causa da chuva e dois grupos de 3 soldados de cavallaria passando constantemente de baixo para cima. De resto, tudo parado.

Na rua do Berrinho chamei o Pacheco, mas não estava; veio uma bofeza d'agua que me fez fugir e ao atravessar a rua larga vi o aspeito desolador e triste de uns estudantes unicamente a Porto-fenas, recolhidos da chuva, e a golicia, a eterna golicia que tambem se recolhia da chuva — esse massadãna chuva que tanto motha guardados como guardados.

A ordem estava bem assegurada; o presidente do conselho podia dizer aforadamente que se mantinha a ordem, nesse curioso modo d'interpretação de factos que levou o Hintze a chamar-lhe "golicia" e que levou João Chagas a escrever os requizitos feridos, logicamente deduzidos, pensados, verdadeiros e consensuosos:

« Aqui está, afinal, para que veio ao poder mais um governo — para manter a ordem!

Submettado ao parlamento, o chefe do governo declarou que a greve dos estudantes lhe e' indifferente. O que o fascista e' a ordem.

Alguns telegrammas de governadores civis, comunicando-lhe que tudo está em sossego, dão-lhe a impressão da ordem.

Qual! São apenas as ruas que estão em

ardam. As consciências sobão em revoltã.»
 [No Primeiro de Janeiro, de 12 d'abril, nas Mi-
 nhas razões].

É a chuveira vinda ajudar a zolícia. Os ra-
 zões já meo pahiãem... É se pahiãem iam ja
 na os caféz embredes.

Mas o João Franco só de criticar a di-
 zer — que a ardãem tem sido maubida!

Leido os jornaes que chegãvam irã-se que
 a beicãem do governo, maliciosa, meiga, mes-
 mo pedubãra, era encerrar todos os estabale-
 cimentos de ensino, mandar encerrar ma-
 tricula e em breve os 'actos viriam feitos,
 só com mebade da maubria, com gãmbos pim-
 flos...

Éra uma beicãem, na verdade...

Quem máo goria de gãmba os escrevulos,
 quem máo alteraçãem logo esse ideia publicime
 de, d'agora a meo e meio se achar em ferias
 grandes, com outro aumo feito e só com
 mebade do programma dado?

Não era bem uma resoluçãem para o con-
 flito: era uma reduçãem á mocidade irrefle-
 xida...

O governo achou a formula, a palavra de
 gãmba, para acabar a questãem. Depois das amea-
 ças, a reduçãem.

Depois dos pãvres da zolícia, a presfektiva

d'um anno fora, com boas modas... Oh minha
raizinha! a mocidade esmerilhosa correria
sobra de tanta luminosa esmerilha!

Fazendo baes ou praes commensarios,
descei o Bairro, pensando no que fariam os
raizes. Logo ao Arco d'Alameda o Fortunado
do Pires da Rocha, meu condiscipulo em
balculo e d'ahi a pouco o Balthazar Teixeira
(do 4º anno de Direito) que deixaram a agra-
davel impressao de que a academia rejudica-
ria a poluicao; era esta, seguindo elles, o con-
reito geral. Depois, o meu condiscipulo
Carlos Augusto da Costa Motta tambem me
deu equal impressao e felizmente depois
de ter fallado com mais duzia de raizes con-
reici-me de que pouco tempo levaria a ef-
feito tamanha indignidade e se subjeita-
ria a tao cruas farras caudivas.

No entanto, esmerar-se-hia, ver-se-hia.

No corao, dizem os jornais deviam ser
hoje encerradas primeira dia; o artigo de fundo
do Illustrado sob o nome de Uem Joco de agri-
tao (e que e mais mais mais mais que o
garbamento...) de e entender que nada para
para admirar um didadunozinha; e as Novi-
dades sempre gronellas a deitarem o fican-
de e a malicia em tudo diziam:

«A grande noticia do dia, diz que o chefe do

governo, após consulta com o chefe do partido progressista, resolveu:

1º: Encerrar a actual sessão legislativa visto terem decorrido os tres meses de sessão ordinária. Por este facto, mandando rapidamente a ambas casas e deputados se julgaria alcançar logo para o dia seguinte d'um debate parlamentar a respeito da questão com os estudantes.

3º: Que esta resolvida, em principio, a publicação de um decreto de amnistia ... restricto. Quer dizer: os rebe condemnados a expulsão da Universidade para privados de feições.». [n.º 7.025 de 11 de abril].

O que houve parece ser certo é que o governo não se parece bem; imaginava-se que isto fosse um simples troço de palavras e que tudo se resolvesse pelo melhor quebraando as desunias e voltando para as aulas volvidos que fossem cinco semanas de feições lances. Mas nada succedeu assim e creio que para a primeira vez que os estudantes d'um lado se declararam em greve simultaneamente, nunca a liberdade parecia, impropria e firme.

A' tarde, voltando novamente pelo Alameda para procurar o Pacheco, para trocar impressões, tive a satisfação enorme de ver a

salvar a attitudde resignada mas altiva dos re-
gares.

«Ninguém cedaria!»

No Lunidano havia uma certa animação; e juntando-me aos condiscipulos Maximiliano de Mattos (de Tafe) e ao Pochô Salgueiro (o Dr. Salgueiro...) começámos a trocar impressões, contando anedotas, lembrando o projecto do regto do Benteve-coronel Dias, para o qual estava indigitado, entre outros, o estudante Vieira da Motta, como de respeitavel e consideravel força...

Os dois sobáo disseram-me que não encerrariam matricula como o governo queria de rejar; e elles, com os outros condiscipulos Henrique d'Almeida Salgado Tenha e Eduardo Coelho dos Santos, iriam em maio ou começo de junho para Liège fazer o curso de medicina e residir no coração de Belgica, essa cidade trabalhadora e grévista por excellencia — uma verdadeira republica coimbrã! (1)

Apareceu o Pedro d'Almeida e o Trindade; contaram-me mais anedotas e fallou-me nos condiscipulos militares que honraram, na aula de physica, a combinação de se não tomarem agendamentos; foram elles

(1) Escusado é dizer que todos encerraram matricula... (Nota a 3-junho de 1808)

Roque Ferreira d'Aguilar, já aqui fallado; e
Antônio Joaquim Ferreira da Silva Júnior,
 cadebe d'arbitria e filho do nosso grande chimi-
 co Ferreira da Silva, do Porto.

O primeiro é garço, mas o segundo, talzê
 intelligente e que sempre me pareceu sério,
 causou-nos admiração. Pois ambos estiveram
 com muita attenção á palestra do Teixeira
 Bastos e tornando afofocados.

Depois andei no Lusitano e enquanto se
 discutia acerbamente o procedimento do go-
 verno nas mesas eu voltei, aqui dizer a um
 quintanista de direito Adolpho Sampaio de
 Moraes Ribeiro d'Almeida, que afofocava em como
 muita gente iria assignar o termo e iria aos
 actos. E dizia isto com um ar tão comicto!

Não gofocai; a elle é franquista...

Foi então que, por deobajo mais que por
 outra cousa, escrevi a seguinte carta ao Carlos
 Olavo:

Meu caro Carlos Olavo:

Eu andei afofocado da questão adá carta al-
 tura; comecei depois a interessar-me e agora
 ando nella enthusiadissimo.

Desculge pois o Carlos Olavo que hoje me
 nha indrometter-me nenhuma cousa para que não
 fui chamado, e de qual me gofia afofocar aco-
 berbado zelo minha qualidade d'official e qual

Todos ligam a faculdade de não pensar. Permitti-me pois o meu amigo que lhe reproduza uma impressão territorial que hoje tive acerca das discussões dos academicos, no caso de encerramento de matriculas e actos a seguir — que parece ser a resolução redubada e meigo do conflito, dada pelo João Franco.

Embora não encubrisse nenhum razião que me dissesse categoricamente que não se indignava com o que se deu feito, e que ia encerrar matriculas, no entanto sabe que mesmo não caras não são corações e que pode haver quem vá a comer, de braços abertos, abraçar esse official, na tabua de salvação.

Eu não deixo feito; se alguma coisa de muito procurado fazer é observar ~~as~~ as opiniões procuradas ver o que vai lá de dentro & e de outras muitas observações — se observações se pode chamar — nasceu a commissão do que lhe digo. Poucos parat, mesmo muito poucos; mas estes poucos não podem fazer afagar alguns esculhos de consciencia de muitos tímidos aferrados pelos olhos e d'outras sem dignidade? D'aqui, esta carta.

É uma observação simples, extra-official, sincerissima.

É não como revolucionário mas simplesmente com a preocupação d'homem digno e de abundante que não tem ido ás aulas, (em

hora da noite) e eu lembro-me este caso que é
para ponderar.

Declaro que he não vou dar novidade nem
conselho que necessite; no entanto, ajeitar
d'homem d'espada... parece que só agitando
e agitando bem.

Por cá parece-me que se trabalha. É neces-
sario não deixar cahir no adoleiro tão gene-
roso movimento.

Não faço uso desta e manda sempre o seu
amigo até e Sr. de...
(c) —————

Belizário

E vendo que mais nada havia aqui pela
Alta, para casa, vendo com também de fa-
bricadas de cavallaria, e folias aos feres, que-
ri a cada esquina.

Chovia. Ninguém pelas ruas. Em todo a
Alta havia um ar de desolação enorme!

Mas cunha-se a verdade do ditador
João Franco e a ordem nas ruas estava com
effeito assegurada e continuaria a ser-o!

Coimbra =

= 13 de abril {sabado} =

Tudo na mesma, louvado Deus! Os feres
nas de cavallaria continuam a fazer; e

golicia cambium na Universidade embora em
menor quantidade, sempre de vigilancia, e ho-
je a Porto-Janea vive o prazer de castigar o cal-
tere todo, o Terror como lhe chamavam em listas,
um consideravel golicia, notando, loiro, cabel-
ludo, d'aspecto feroz e um tanto em quanto em-
beberado com os othanos dos rapazes.

Discutiu-se nas suas a attitude que se de-
veria tomar em face da projectado resolucao
do encerrar modicula e reunidos affirmavam
que haveria quem o fizesse. No entanto o Bar-
reis do Uoite tranquillizava: que tudo o que
aqui se tem dito não tem caracter official; o
que se resolver... apparecerá a seu tempo.

Da resda, fela cidade, tudo no mesmo. A
grève, dizio-me ho pouco fela telephone o ad-
ministrador do canalho, e' caso liquidado; du-
do fassou a historia...

De novo, só mebei que, na rua Larga, o Ber-
nardo Pedro fassando por um grupo ainda em es-
tudo, fingio que me não vio e na Baixa, tam-
bem me fassam o mesmo, na tabacaria An-
drade.

Pobre franquista, impotente e ridiculo!
Nos jornaes chegados, nada mais que aduan-
tasse. Só o orgão, o Diario Iluminado, combi-
nava na campanha exquisita contra o reovi-
mento republicano da grève.

E mesmo descaradamente; hoje, por exam-

foi de, nas informações acerca do estado da greve, no dia d'hoje, em Lisboa:

«No Conservatório compareceram todos os alumnos.» [13 d'abril].

Do mesmo tempo, dizem os outros jornaes:

«No Conservatório não apparece nenhum alumno ás aulas.» [13 d'abril].

«Mais agitado que nos dias anteriores, os alumnos desta escola foram hoje constantemente seguidos pela policia que os não deixou sequer aproximar das suas candidaturas. O manifesto que tambem aqui publicamos foi profusamente esgathado e muito bem recebido pelos academicos que se mandam firmes na greve geral masculina deste conservatório, etc., etc.» [Novidades de 12 d'abril]

«Neste estabelecimento (o Conservatório) os grevistas conseguiram a adherencia de todos os seus candidatos.» [O Seculo de 13 d'abril]

isto é um exemplo... E aqui está como o organo franquista julga formar a officina dos seus leitores: membando!

Outro exemplo: no mesmo numero de-

gado hoje, diz esta phrase dubia e exorbitante:

«da Universidade com tudo na melhor ordem, não tendo sofrido alteração o movimento academico.»

Viendo no mesmo numero vem a copia d'uma carta do Dr. Daniel de Mattos acerca do movimento do filho, e que elle enviou para a Luiza. Diz entre outras cousas:

«Pois registre-se tambem a Luiza esta causa feia: — que o prof. Daniel de Mattos enviou do Porto um telegramma ao filho dizendo-lhe que confiasse em que elle cumpriria os seus deveres para com o Pai, indo ás aulas, afirmando o sua liberdade de trabalho.»

Tambem de patria para o Porto conversei com meu filho sobre os acontecimentos nos seus estudos e perguntei del-o convencido de que — sem nenhum accordo d'ideias — a solidiedade, em lugar de ser para elle um acto honesto, era um acto de fraqueza de caracter e de vanidade.»

Tera melhor que o impudico professor a não tivesse escrito.

E em toda a gente se avizora a commençação de que o João Franco está seguro no governo,

e o que tambem e' verdade e' que os francezes
 das afirmam que elle tem o rei no mao e
 que este lhe obedeca cegamente.

E o caso esta cada vez mais intricado...
 Perder o auro? E', no fim de contas o que
 eu tenho resolvido.

Não cederei emquanto não se fizer a vontade
 aos reizes.

Boimbera =
 = 14 d' abril {domingo} =

O homem, apinal, o grande João Franco...
 o dezoito, o arrependido liberal, coheir!...

Ho de reizes não e' coisa facil de obter;
 julgava elle que levava a consciencia da moci-
 de a amoldar-se a zeixa algada e no fim foi
 elle que sahio mal ferido da lucta em que
 deimosa e brancamente se mettara.

Lago zelo manha, lavava eu a cara, meu
 Pai entrando no quarto disse-me que fariam
 dois telegrammas na estacao (assim th'o com
 communicam zelo telefone) um para Boim-
 ber, outro para Jira, dizendo que o João Fran-
 co coheir; e que para o governo civil viere um
 telegramma em cifra.

Assim, o nicho satisfeito publico suas
 manha!

O João Francisco, estava, de vez, em terra!
Finalmente que esse mascarado de libera-
lismo dera com os costados no chão!

Depois de vestido desci ao andar de baixo, fo-
no me despedir de meu conhecido Costa-Ferreira
que viera na viagem e pegara no navio para Lis-
boa. Couro de cinco minutos, não mais, de
conversa; mas foram o perfeitamente João João
observar que elle, — o revolucionário Costa-
Ferreira — já seus como professor; fallando
de amnistia disse-me:

— Bem vê você ... a amnistia é um máx
exemplo...

E foi a observação que comuniquei e calci-
me. Mas ... adiante.

Estive em casa até á 1 hora; chovia cons-
tantemente e nas ruas, as górruchas de ca-
vallaria continuavam na sua continua rou-
ta! Era o tal caso d'ordem publica...

Os jornaes chegados de manhã nada aduan-
taram a não ser que a Universidade se fechava
e todos os estabelecimentos pedagogicos de ausi-
mo; e que se fallava no D. João d'Alarcão para
reitor da Universidade. As Novidades fazem
commentarios ao facto e acrescentam:

« Se, porventura, D. João etc, etc tendo refle-
ctido durante quarenta e oito horas, declinar a
honra de dirigir a Universidade com a gloria do

Mr. Tenente-coronel Dias nos Geraes, já está de
escalafão sobre diguo do Progressista, irmão do
último ministro das obras publicas d'aquelle
partido.» { de 13 d'abril }

Estive em casa do Pacheco para lhe ir dar a
nova da queda do ministério; disse-lhe que não
seria máo, em todo o caso, fôr-a de reserva,
no entanto chamau-se o visinho da frente, o
nosso candidato Luis de Mira Feio e depois
o Laroey que mora mais abaixo na mesma
rua do Berratho. A gritaria chamou a atten-
ção; dentro em pouco as vizinhas deitavam
a cabeça de fora e ouviam o seguinte dialogo
do Pacheco com o Laroey:

— Sabes que cahiu o João Franco?

— O quê?!...

— Cahiu o João Franco, honraem!

— Ora uae-se é m.....!

— É verdade!...

— Palavras?

— Palavras... Olha: dou-te meus galanos
d'honne...

E o Laroey, fazendo um gesto equivoco, e
sem acreditar, terminou:

— Queres vir jogar o vultarobé?

E a chuva cahia á grande; o rio, que se
avistava por decimas dos telhados, ia cada-
loso; as caras todas, tinham as janelas

fechadas. Triste grêve! nem ao menos podiam
vir para a rua conversar os poucos rapazes
que nessa altura estavam em Coimbra!

Mas as noticias de queda do governo não
se confirmavam, ninguém fallava nisso e
em convidar-me a ir comprar jornaes e a vol-
tar para casa. Na loja dos jornaes (a Casa Fa-
lty, na rua Larga) affirmava-se que ninguém
em pórnica uma semana meia-duzia de ra-
zões iria a acôr; de facto parece que tudo mais
em menos se encaminhava para ali e os jor-
naes republicanos lançam a lembrança ne-
cessária para os ditos de que se devia goce-
dar com dignidade até ao fim.

Infelizmente ho tanto interesseiro e tan-
to indiguo!...

Ora lendo os jornaes vi que houbera houve
no ministerio do reino reunião de maiorias
e em casa do Hintze reunião de minoria
regeneradora.

Na 2ª reunião, o João Franco, explicando
o motivo porque encerrou as camaras dizia
que tinha andado com a lei, que cumprira o
seu dever; e ao mesmo tempo, á mesma ho-
ra da tarde, na outra reunião, o Hintze dizia:

« O governo encerrou as corôes. Prohibiu um
acôr irregular. » (Diario de Noticias, de 14, abril)

Vão lá entendel-os !...

Mas o que resultava do conhecido discurso do presidente do conselho, o que agradecia a cada passo era o tal « estranho critério politico » a que o Slindege alludio e que fez ver ao governo, neste conflicto, unica e simplesmente uma questao d'ordem publica.

Que seja-se :

« ... o governo foi absolutamente obrigado a encerrar as camaras em frente d'uma questao d'ordem publica... »

« Levantára-se lá já um movimento que, nascendo d'um tumulto universitario a breve trecho e nos ultimos dias assumio as proporções d'uma verdadeira questao de ordem publica... »

« ... os successos de cada hora tinham de manifestar que era d'um movimento politico revolucionario que se tratava... »

« ... o governo tinha agora diante de si... uma verdadeira questao d'ordem publica... »

« ... era uma agitação que poderia, porventura, constituir um dos mais graves pro-

blemas de ordem publica que nos ultimos annos tem apparecido em Portugal. »

« ... o desordem das escolas que se estava tornando em desordem das ruas... »

« Não está no meu intuito determinar quando terminaram as causas que motivaram o movimento das camaras; porque, se a causa proxima foi uma questao d'ordem publica... »

« ... o que elle (o questao academica) tem de lato e de inquietante, e' que o governo uma questao de ordem publica... »

Além disto, continuava a insistir que o movimento academico era republicano:

« Tudo isso (as liberdades que o francismo concedeu) converteu-se a fôrça revolucionaria, desde o primeiro instante manifestando a sua intolerancia para com os seus factos recentes e contenciosos, abri' a organisação d'um movimento revolucionario para que foi tomada como primeiro elemento e activamente o mais proprio para agitações desta natureza: os estudantes, a juventude, a idade generosa, que todas as ideias e principios desde que tenham a apparencia de nobreza e gallardia, cultivam, em.

criação e exaltam quaisquer que sejam os
 perigos e os males resultantes dessa facil-
 idade.

Que dizer desse partido o qual, ao per-
 trahido um campo legal de combate, de dis-
 cussão e de propaganda, resfrende lançando á
 lucta a mocidade das escolas superiores e até
 as crianças de 10 e 12 annos que frequentam
 os lyceus? » Etc, etc.

E terminou por dizer que o accordam dos
 decaus se havia de cumprir:

«... relativamente ao que foram legal-
 mente expulsos da Universidade por aquelles
 que para isso tinham direito, em virtude de
 factos que todos conhecemos, a attitude do gover-
 no é hoje a que era no dia em que teve occa-
 são de falar a tal respeito no camara: — o
 accordam executa-se. Depois de normalizados
 os trabalhos escolares e decorrido o tempo ne-
 cessario para que as generalidades agora incul-
 das hajam produzido os seus devidos efeitos
 moraes e sociais, poderá tambem a Universi-
 dade governativa manifestar aquelle senti-
 mento paternal e benévolo que nunca fica
 mal aos professores demonstrar em relação
 aos seus discipulos. »

Bello e significativo discurso! O liberalis-
mo alagado ia dar agua abaixo em face de
uns questões de ordem publica como esta e em
frente de incapacidade governativa dos republica-
nos! Pois isso voltava aos seus ardis e pince-
nos de sempre de d'otardar a que a sua mão estava
mais afeita, e restava o partido avançado que
que fizesse ja a republica porque, senão... nem
ca o consentiria!...

Bello e significativo discurso!

Depois do jantar p'hi e como chovia esfreguei
o americano; no largo D. Luis entrou o brues-
do Torres, formado no anno passado em medi-
cina e que viera de Paris ha uns dias e o meu
condiscipulo baravanno d'Almeida e Brito,
que me disseram ja estar á Parba-ferres o edi-
tal fechando de novo a Universidade.

Mas a respeito de queda de ministerio...
nada! Cheguei a ver um enorme ferro j'ho in-
dicarad, e de mais a mais o baravanno dizia
me ao ouvido descaradamente:

— E depois... os actos feitos... tudo á parba-
fechada... Só quem for d'olga e' que não use a
acção!... Pois não e' assim?...

— Sim... isso... bem né...

do Lunbano, barbaude animação. Discu-
tia-se o caso e dizia-se ja que as comissões
grévistas funcionariam do mesmo modo,
mas deixariam j'ho em campo verde a mi-

quem, que se vigiaria quem arriguante meobri-
cula, que se ajustaria combas com esses e que
abê alguns meosmo se rajbariam na mesera
do acdo!

Como póbe rajdamente a imaginação de
mocsidade! Como tudo é cên de rosa!...

Ora um dos que estava condemnado ao
rajdo era o meu condiscipulo abicolau Gau-
calves.

Os combinasões publicam de interesse, ao gar-
so que os factos desciam; e agora com o tasco fe-
chado, seria uma inenarravel pensavaria, uma
escuria e indeterminavel massada!

Foi no Luxibano que o gae do Maris Men-
deiro me informou que a comissão combinea
trabalhando e que se preparavam graves acen-
tamentos.

Abão quiz insistir, mas seria a grêve oje-
raria?

Encantrei o Flaw, eubão, e d'ahi a gaus
no Marques Pindo, tomando um chá quembe
gros camdegnar a chuva recehida, trocávamos
impressões dos acembecimentos. O Dr. Luiz
Marbino esteve tambem um gauso cammosco
e eubão afareceram as anedotas...

a) Tambem-se que o governador civil, o
canselheiro José Lobo, dizia zangado:

— Ora o João Franco mandou-me abri-
nar os rajtes e afinal agora becho que abri-

rar os leites!... Não queram o Jordão e eu é que os aburo!

Logo foi-me garantido pelo 2º official da repartição de fazenda districtal Augusto Gonçalves e Silva conhecido pelo alcunha de governador civil de Castello-Viegas.

b) Contou-me que o Teller, o pajubeiro da rua de S. João e que quer passar para ser influencia politica, tendo ido levar ao Lyceu duas filhas que lá andam a estudar, e vendo a attitude dos rapazes que diziam

— Não entra! não entra!

vio que era melhor vender para a popularidade e teve um cargo de aratoria:

— Pois bem, meus penhores! as minhas filhas estão á disposição da academia!...

c) Contou-me que no primeiro dia de grêua um dos numerosos paes que aqui vieram garcares dos filhos, querendo levar o seu menino para a aula, atravessou com elle a multidão até quasi á Porta-Jerua. Houve murmúrios, um certo barbaquicho, como havia já todos os dias que scandalizavam os filhos, e o homem não se lembria á verdade... Uns coadivagos do rapaz, vendo o caso, disseram-lhe:

— Oh Fulano! tu não vas á aula!

— Não vai! não vai!

O rapaz afrouzando o cinto disse ao pai que havia esquecido entrar... E o pai, vendo a

atitude dos rapazes e o murmúrio um tanto agressivo, em volta, fez uma grande careta, e muito fôro, com uma lagrima de raiva ao canto do olho:

— Pois subam não vás, com mil diabos!

É no primeiro encontro embarcou para a terra. Foi chamado Zelo Guim.

d) Contou-se que o Dr. Daniel de Mattos dinara a varias pessoas (e os rapazes tinham as suas declarações) que no fim do anno ajustaria contos com os discipulos; pôz-mebe os que foram a acôr muito e muito bem preparados e que logriaram ganhar.

Foi chamado Zelo Dr. Guim, e contou-se do:

— Elles venderam a cabeça. Os rapazes têm mostrado mais juizo que os mestres...

e) Contou-se também a villania de sé de Coimbra no primeiro dia de grêve mandaram para o Porto telegrammas officiaes com o noticia de a grêve ter sido completamente jurada. Li mostravam os telegrammas referendo bom effeito sobre os rapazes, sem saberem que n'esses primeiros dias andavam emissarios academicos entre Lisboa - Coimbra - Porto, informando, vendo, ajudando as officinas, procurando sustentar o espirito de independencia. Pois se elles, os melhores governantes não viam, ou não queriam ver, que os rapazes

se organizáram lindamente e que tinham tudo offimamente mudado!

Com as outras dearam as onze horas. Chovia ainda e muito; e mesmo assim, eu e o Filão, lá rubinos para a Alta, conversando e lasbriando não se pater nada acerca do que do João Franco.

Uão cahiria?... .

Certamente que se fosse verdade as republicas teriam logo luminárias, apesar de chuva.

Dezadi-me e peguei para casa; debaixo do arco do Castello, acolhido da chuva, uma tropa de cavallaria observava. Um dos soldados, olhando fixamente para mim e não me cheirando o meu mulo a tropa tirou a mão debaixo do capote e cambicou a fumar um bello charuto, bem recordado na faldilha do pelim.

Dois bebados discutiam, encharcados, aos arcos de S. Sebastião; só a chuva se ouvia cahir geradamente nas calçadas e, quando no meu quarto peguei no Diario de Notícias d'hoje, regarei meu periodo que de manhã tinha assignatado a lagiz azul: era o meu illustre Pimentel Pinho a fallar na reunião das maiorias e a dizer:

« Perguntou o Sr. Henrique Ribeiro para onde havíamos de ir? »

« Vamos para onde sua excellencia nos mandar, certos como estamos de que nos guiará pelo caminho do dever e pelo caminho da honra. »

Valha-nos Deus que até se enrojasse uns aos outros!...

Coitens. =

= 15 d'abril {2.ª feira} =

Só de tarde é que sahi de casa. A chuva e o vento combiniavam irresistiveis de modo que fiquei em casa para saber novidades e para ler lido jornal.

Assim, quando sahi á tarde, embuchado porque estava frio, encabreei ao largo de São João o Sr. Hilário Augusto Martins Fernandes, o antigo colino da republica da rua das Esbelerias, n.º 10.

Deu-me elle logo a novidade extraordinaria: for ardenci do ministerio da guerra todos os estudantes militares iam ser mandados para as Escolas Praticas: os de cavallaria e artilheria para bandas novas, e os de infantaria para Magre.

Incrível e estúpida medida governativa!
 Agressam então a Trindade, o firme Abdol-
 Jho Trindade e conversando sobre o caso dezi-
 mos a conclusão de que o governo... genduu
 a cabeça!

Pois então, se o governo queria evitar reu-
 nistês dos militares estudantes ia reunir-os
 em Vendas-Novas, em numero de 200 e ban-
 dos e em Mafra, em numero superior a 100?

Em que é que se sublevaram os rapazes re-
 não em conversar sobre o assunto, trocando
 impressões, quem sabe mesmo se fazendo com-
 binações?

Eu até afirmei: que no fim de tres dias o
 commandante da escola pratica de Vendas No-
 vas enviaria certamente um telegramma ao
 ministro da guerra dizendo que não podia lá
 abunar os rapazes, que lhes desse destino...⁽¹⁾

Venhamos o que os rapazes de lá mandam di-
 zer; o que fazem e' certo e' que os que foram fo-
 ra Mafra não se sentiram mal tratados.

Dezêis, a pôs com o Marbino Fernandes,
 genduuhei-me zelo operários atentos a sua que
 cidade de velho carbonário e maçon; se elles
 sempre fariam a grama projectada; se nahiam
 para a casa.

⁽¹⁾ Esta afirmação não se tem verdadeira. Os rapa-
 zes foram presos e ardeiros... (Nota + 11 - VI - 208).

Dize-me elle quem agora anda mais medido com o agerariado de Coimbra era o Graujo e o Bissaya⁽¹⁾ e que sabe por alguns agerarios que elles estão damnados para sair para a rua e que no Porto o barão de Lima tem furado tudo e tudo está nas mãos d'elle. Um agerario disse-me mesmo ao Marbim Fernandes que por ora só desejavam deitar a terra o João Franco; se se pudesse fazer mais algumas cousas... não sei o que era indispensavel, o que era urgente, era o João Franco em terra!

E afirmou-me o Marbim Fernandes que elles estavam prontos para a primeira vez.

Como — estávamos então na rua Visconde da Luz, encostados a uma parede — vimos nos barões do lado de Sausad e vimos vir para cima, acompanhados, uma multidão aos gritos:

— Fera! fera! fera!

Vinha subindo a multidão e pareceu para a certa altura; os gritos continuavam, havia caverias, e passado um grande bocejo appareceu a policia que lá fez dispersar mais ou menos a multidão. Informei-me e disseram-me que eram os alumnos da Escola Industrial Brotero que estavam também em greve e que

⁽¹⁾ Antonio Joaquim Graujo e Fernando Balthazar Bissaya Barretto Rosa.

como viram um d'elles ir p'osinho e outra aule,
esgráram-no á palida e vieram-no trocando
e gritando até á casa d'elle que era no rua Viscon-
de de Luz por cima d'uma colchoaria.

Interessante.

No café ao arco d'Alameda, disse-me ainda
o Martins Fernandes que havia áquella hora uma
reunião de rapazes do Lyceu, dos mais dezes.

Com a prohibiçã, fallou-se da infamia da prohibi-
ção das reuniões academicas nos cafés em Lis-
boa, obrigando os donos dos cafés a não deixar,
sempre, fallar nos acontecimentos. Assim o di-
ziam os jornaes:

* A policia tem procurado sempre impedir
que os rapazes fizessem as suas reuniões fóra das
respectivas escolas, e assim, algumas vezes causou
que algumas se projecta em sitio conhecido lá af-
ferece á hora marcada, dissolve e dissolve todos os
agrupamentos. Foi o que tambem succedeu. Para
a 1 hora da tarde estava marcada no café Gelo
uma reunião de grande comissão de Lisboa, re-
sultante de causa conhecida.

As 11 horas e meia os rms. Major Novas e che-
fe Americano acompanhados de alguns guardas
interromperam ~~alguns~~ o rms. Ferreira, dono do café
e não consentir ali a reunião nem mesmo dis-
cussões sobre o assumpto, sob pena de mandas fa-
zer o estabelecimento. * {Seculo, de 15 d'abril}.

E ainda mais: uma vaccaria no largo do
Barro, foi fechada, pelo piúffes mas considera-
vel razão de estar ao pé do Lyceu do mesmo
nome!

Oh liberalismo franquista!

Depois fui á catedral de juremas e entre al-
tes um novo jornal organico A Bancuista do
Pão, que no seu artigo de fundo do n.º 2, chegou
hoje, alguma bem a ridiçáo:

« O facto capital de toda esta magna questáo
a grande conclusáo a tirar é esta — é que mais
uma vez a massa anónima surge e vem os
seus febrilidos dirigentes, vindo-nos provar
que elles a dirigem tão pouco que a descaute-
cam completamente. O facto interessante a
constatar é a existencia de um estado de espi-
rito colectivo que ninguém previa. »

Como então apparecer o Floro e logo o Pe-
dro d'Alcambara, fomos passeiar, conversando.

Ento ultimo ia arranjár com uns amigos
do Bordo Camacho para que este escrevesse um
artigo no Luzda a respeito de ido dos cadáveres ja-
na as escolas gábricas e no seu enthusiasmo
queria que o artigo tivesse por título: Léve de
condemnaados! Sincero e generoso rapaz é o
de Pedro Alcambara!

Fallou-se tambem do mesmo candidato da
marinha d'Almeida e Brito que queria a força
fazer acto e a quem o Pacheco já corra de casa
quando um dos ultimos dias lhe fôr lá pedir
para lhe ensinar a fazer uns exercicios de cal-
culo que queria entregar ao Sidonio.

Quando o Pedro se despediu, fui eu e o Flo-
no para o Marques Pinho tomar chá.

O Salgueiro, o Dr. Salgueiro lá estava pedin-
do ao Sr. Martins um artigo para a Presis-
dencia a respeito dos cadetes condemnados e de-
gois, reuado á nossa mesa, contou-nos que o
Granyo viera de Lisboa no navio (ainda fôr
como emissario da comissao) e que tinha been
impressionado com a opinião publica: todo el-
la estava com os olhos, e a gente grãve — e
entre ella alguns senhores do reino e franquistas
altos — ouvira dizer que não fodia por assim
uma guerra d'anno, que não se fodia deixar
mal uma geração tão decidida, uma geração
tão deza...

E terminava, com a franquia com que
costuma filtra tudo quando ouve:

— ... o João Francisco está em mãos ven-
cões!...

Em Lisboa, ainda pedindo o Granyo — o
gabriancha Granyo — havia varios boatos, e
entre elles que haveria recessão minima
d'arial na qual entraria o João Luciano, para

deixam também se resolver a questão — embora
 não boabo mas que me não admira porque são
 calções de tudo, aquelles diabos! Mais dizia o
 Groujo que na academia de Lisboa ia tal eferves-
 cencia que já se fallava em iram, em multi-
 dão camuffada, com o povo a brar, operarios em
 greve e quem mais se quizesse associar, ao Pa-
 co das Necessidades, ameaçadamente injerir
 ao rei a demissão do João Franco, como uma
 pedisfoção dada não só aos regentes mas a todo o
 país.

Como a phantasia se camuffa em roman-
 tico flauto, em grandioso flauto!...

Commemoramos ainda o discurso do Ambo-
 rio Cabral na reunião das maiorias e que
 hoje vem no Illustrado, discurso insensado,
 terrivel, alucinado de bandidos, referidas
 vezes, os honraes da officina:

« Que mais querem os bandidoleiros e execu-
 tadores de politica que andam, dia a dia, espe-
 culando? »

.....

Ali (na reunião) não ha progressistas nem
 regeneradores-liberaes: ha um governo que quer
 seguir o caminho de honra e não recia uma
 officina de bandidos.

.....

Alfandando a obra do governo, dá-me um

conselho regendo: defende-se, defende-se
com unhas e dentes; o meu presidente do consel-
ho sabe muito bem o que são unhas e o que
são dentes para defender o juiz.»

Estaria bebido?...

Quando perdemos das onze horas, levantá-
mos-nos e partimos à Alta; no Quebra-costas
passando na casa do Maria Mombino onde se
reunia a comissão central da academia, encon-
tamos no 2º andar, voz. Parámos: e eu reco-
nheci a voz de Larocq, o alegre, vivaz e gaude-
zoso Larocq mas que agora tinha o tom firme e
grave d'um homem d'idade; depois uma outra
voz que não reconheci mas que discordia pare-
nhamente, firmemente, como numa reu-
nião de velhos, em que se tratava de uma gra-
ve questão.

Na Alta, no largo do Casbello, vi passar o
alferes de cavallaria, de nome; assim como,
poriam 9 horas, o tenente Paiva, também de
desobediência, passava no balcão, com or-
denança, rondando!...

Oh que ridiculo tudo isto! Tratando o
que se a cidade está quasi sem esbudas e se
tudo o que não é esbudante se mette em caso,
segundo o costume?

As górnithas continuavam gelos suas e
eu lembrei-me da frase do Honório Cochrane:

— Defenda-se, pm. Presidente do Conselho!
Defenda-se com unhas e dentes!...

boimera. =
= 16 d'abril {3: feira} =

De modo que estou no meu pequeno dia de
ferias forçadas, sem saber o que hei-de fazer; ou
de irai eu fazer?

Se o ministro sabe que eu fui grevista,
bem!... estou arranjado! O Vascanellos Porto
é feroz...

Vamos a ver no que isto dá.

A chuva continua e hoje tem havido cada
botega d'agua que é mesmo um louvar o Deus.
No entanto, pelas ruas desertas da cidade con-
tinuam a fazer as górnulas de cavallaria, vi-
gilantes, vagarosamente, sob a chuva in-
fernal.

Com uma botega d'agua valente, uma fa-
lante que passava em frente da minha casa,
recolheu-se ao galpão e encobriu-se á janella
da casa do meu vizinho Dr. José Bruno de Ca-
bedo. Outros rapazes que assim andam peni-
ficados á pingelha fantasmagórica d'um ditador
que faz d'um caso de progresso um caso d'or-
dem publica!

Como de costume aqui, seria uma hora.

No Lyceu, sob os arcos do aqueducto, canteei em
viude e pata golicias!

Viude e pata!...

No largo do Caselle havia mais; e na rua
Larga, seguramente deserta, mais golicia!

Encontrei no Governo civil para fallar com o
Buenos do Miranda, com o fim de saber novi-
dades; mas estava na habitação do governador
civil, sagrado tabernaculo que eu não quiz
violar profanamente.

De caminho para casa do Pacheco, conheci
o Primeiro de Janeiro ou seja João Chagas, como
de costume, na sua cultura do Jaradonal, ex-
gõe a ridícula com uma precisão e brilho no-
táveis.

Diz elle, por exemplo, a respeito do João
Francisco de Assis: completamente:

« Não se governa com gambos de interrogação.
Governar é afirmar. Comtudo foi assim que o
actual governo começou governando, — com
gambos de interrogação.

Estávamos todos, com effeito, lembrados que,
na sua conferencia do Theatro Principe Real,
do Porto, o actual primeiro ministro, Gurgel
Souza, depois de apresentar o seu programma de
governo, se o faz estava tão divorciado das
instituições que fosse impossível governar
com estas.

O governo já está ho barbaete de modo ao go-
der para que os factos tenham respondido á
sua interrogação.

.....

O que parece ser inconcebível com as
instituições é a liberdade, pois que sendo o
programa do governo, um programma jus-
tamente liberal, foi por ali que elle fellou.

Viu-se isto já e isto responde ás interroga-
ções do primeiro ministro. — Em Portugal to-
da a liberdade é agouada contra as institui-
ções. Dá-se um momento de liberdade e o
que se ouve logo é isto — viva a republica!

A liberdade pó parece em Portugal para
cambaber as instituições. Ha liberdade de im-
rensa? A imprensa brava contra as institui-
ções. Ha liberdade de manifestações? A rua
clama contra as instituições. Ha liberdade
de voto? O povo vota contra as instituições.
Ha liberdade de tribuna? A tribuna genera
contra as instituições.

Nestes termos todos os governos, todos,
não inevitavelmente levados a fazer uma
politica d'opressão, porque é seguindo no esse
modo, a unica concebível com as institui-
ções..... » {de 16 d'abril}

Li tambem a noticia de que se ia mandar
fechar todas as agremiações politicas incluim-

do o curso republicano. Boa execução do
programa liberal!

Como o Pacheco, a conversa veio á cousa
obrigatoria; e contou-me elle que tinha sido
procurado pelo Dr. Julio Henriques que é o pre-
sidente da Sociedade Philantropica academica
que lhe lembrou a elle, Pacheco, o facto de ser
protegiido pelo mesmo sociedade e que se con-
tinuasse grévista e vendesse o anno, para o
anno que vem não teria direito á protecção
que bem tido. O Pacheco ficou arreliado e
censurou o Dr. Julio Henriques que sempre
foi tido por um bom homem, por um excel-
lente caracter, por ter insinuado uma cousa
desboa, obrigando moralmente a quebrar os
deveres para com os seus discipulos e para com
a consciencia.

Dize-me mais que tinha sido procurado
em casa pelo novo discipulo Nicolau da
Silva Ganchua que o fôra ponderar e que lhe dis-
sera que não havia agora motivo para não ir
a actos, que os actos seriam fôceis, etc, etc; no
entanto consultava-o, o elle, Pacheco, para lhe
ouvir a opinião que de facto todo o curso res-
feitava e regeido.

Daqui é de notar que este Nicolau é
todo amigo do professor de chimica organica
Alvaro Barbo, que vive a casa d'elle, e que faz
o que elle lhe aconselha. Pergunta-me: ajudará

nesta conversação, suggestões de Alvaro Basto?

Além d'isto, o Nicolau é uma creatura tímida, e de facil suggestão. A respeito do Bernardino Machado disse:

— Elle não tem razão. E depois, traiu os collegas...

Outra coisa que não é do Nicolau, é de Alvaro Basto e como tal o Pacheco me'a regebidu e eu a escrevo aqui.

Depois, desci á Baixa, onde nos jornaes corrigidos vem uma declaração do quintanista do de direito José Gabriel Pinto Coelho (da familia miguelista Pinto Coelho). É de notar tambem que este cavalheiro quer entrar para a academia e é conde de casa do filho do João Franco.⁽¹⁾

A declaração é motivada pela outra declaração da comissão acadêmica de Coimbra e que veio nos jornaes de 14, ante-hontem, e que diz:

« A comissão da Academia de Coimbra, munida dos poderes necessários pelos seus collegas, tendo conhecimento que o governo tem de dar uma polucação indecorosa para o livro e honra de todos os acadêmicos em grãve, declara cotte-

⁽¹⁾ Foi ha uns dias ardo de licenciado, obtendo classificação alta... [Nota a 26-VI-1908].

zoricamente que ninguém irá ás aulas, não fará exames, nem seisembirá que elles se realizem quando não for concedida uma amnistia que abraça os pobres estudantes exilados.

Boimbras, 13 d'abril.

A commissão da Academia de Boimbras.»

Ors o illustre Raimo Coelho, futuro lente, mandou para o Diario de Noticias a seguinte declaracão, e seguinte carta:

« Sr. redactor. — No meu jornal d'hoje vem publicada uma « declaracão da Academia de Boimbras » na qual a commissão do mesmo academia se diz munida pelos seus collegas de poderes necessarios para declarar que ninguém fará exames ou seisembirá que elles se realizem quando não for concedida uma amnistia que abraça os pobres estudantes exilados.

Abolutamente ignoro que sejam aquelles poderes de que a commissão se declara munida. Eu, pelo menos, não fui convocado para nenhuma assembleia, nem tive conhecimento de que nenhuma se realizasse em que fossem tomadas aquellas deliberacões ou outras analogas que só em assembleia geral da Academia se poderiam tomar e não estou disposto a permitir a quem quer que seja que envolva o meu nome em declaracões que eu, muito expressamen-

te, não tenho autorizado. Peço pois a V. que torne pública a declaração, muito categorica, de que me reservo a plena liberdade de proceder conforme eu proprio resolver e não como outros poderiam resolver por mim.

Do J. etc. José Gabriel Pinto Coelho
Lisboa, 14 d'abril de 1807.

Vê-se bem, claramente, o futuro leute... E' assim que se póbe...

O Diario Illustrado chegado hoje publica a carta e commentos que é agradável ver com a he ainda regres com o coraggio de reagir contra a audácia de algumas d'ellas; depois felicita o Pinto Coelho pelas injurias que certamente terá de certa imprensa republicana e beruina:

« E' que neste momento he duas ridiculas que muito honram aquelles que nellas se usam: a de esbudaute injuriado por jornaes republicanos e a de se agulgado pelos esbudautes gregistas.»

E'rico!...

Fui depois a casa de meu Tio Helio de Silva e fallando-se do acontecimento disse-me meu Tio que o Bobo Lobo, o leute de me Thermobica, o que me muito lá a casa, affirma

que o movimento é republicano e que se não é republicano é com certeza de monarquia.

— He em Coimbra — diz o Bobo Lolo — uns 150 esbadaubos moncos; bobo que cada um bome conta de governo o que não é muito e já assim têm a dignidade 750 esbadaubos...

Bomso calculo mathematico está certo e é facil; mas de resto...

Passadas duas horas de palestra voltei a casa e como no caminho choveu, encontrei na familiaria do Madeira, no Avenida, e falei com o Francisco José Machado, empregado no mesmo familiar, e meu amigo camagueiro na Pro-Veridade. É um homem decidido e firme.

Pouco adiantei com a conversação; algumas vezes que o azeriado está decidido a saltar para o mar, com os raios; os raios é que têm obstado, porque, como o João Franco fez d'isto uma questão d'ordem publica, elles não querem dar razão a que elle o afirma com factos. D'ahi o não ter havido parafusos até á data.

Mas lá estão firmes, é primeira vez, e diz-me o Machado — o quem nós na Pro-Veridade, zelo para a verdade, chamámo-nos o carro — quando me despedi:

— Mande sempre! sempre ás suas andas, como sabe!

A tarde, lá voltei á baixo; encontrei o

Jesuicio Carneiro e disse-me que fosse a minha reunião da comissão, a 1 hora, em casa do Mario Maranhão; deveria ser interessante, attendendo a que bem havido questões a grupo de homens a passar durar 4 horas e tanto. Assistiram a esse sessão, grupo de 100 pessoas e um d'ellas que eu não sei quem é e elle ignora o nome, indignando-se com o proceder da comissão, disse que havia de ir aos actos, que faria o que quizesse, e terminou por se enfilhar com um outro.

Estava imminente o jugo: mas o grimeiro, o de indignação, quando o outro lhe quiz falar, desceu escada abaixo e ninguém o viu!...

Fugio.

Alto a altura de cumeira, passou uma brincarilha que o Jesuicio esgrava; e' claro, le foi obra d'ella e eu fui ao correio.

Alto a altura a cadeia e a Associação do M. S. — hoje de Olympio Nicolau T. Fernandes — havia grupo em grupo, por causa de greve da Escola Industrial. Pôrtohas de 3 soldados de cavallaria andavam d'um lado para o outro, que não deixam ninguém falar, não só na rua mas principalmente em frente da cadeia onde se dizia estar um abundante grezo.

Alto a altura, depois, encaminhei o Victor

Hago Antunes com quem andei e com quem fui tomar chá ao Margues Pinho, fazendo horas para o comboio em que elle, com os estu-
dantes de cavallaria e artilheria, daria seguir para Vendas Novas.

Passou o Padro d'Alcambara, o Pacheco, o Flo-
re Henriquez, com quem trocámos uns li-
zinhos ázardos, porque nos cafés de Coimbra foi
tambem prohibido fallar-se nos acontecimen-
tos. E depois do Vicente Hugo, com toda a philoso-
phia que lhe é peculiar ter ido dargedir-se de
uma meiza e amafada Micas, fomos para a es-
tação onde 76 cadeas, com a bagagem convergen-
do tambem, faziam uma balburdia enorme.

Vai o alferes que os acometiam á Ven-
das Novas, o Antonio Sergio de Brito e Silva
ger ~~o~~ alcuinho, deude a Polytechnico, o caval-
lo de Jaz e a quem os cadeas logo começá-
ram chamando ger delicadessa... o cavallinho.

Fez-se o chamado; o Brito e Silva deixou-
se disjunctar offimonmente, com o grande ar-
gumentario que torna sempre. Dividiu-os em
wagens, nomeou chefes, o demomio! e nunca
algorans enorme lá subnaram para o com-
boio, turba-multa, cantando, tocando, porque
alguns levavam guitarras e violas.

Eu fui tambem com o Pacheco. Na estação
velha, á chegada do comboio que vinha do Por-
to, houve barulho: vinham no comboio os ca-

dezes do Porto que tambem peguiam para vender as novas do modo que houve troca de emprazamentos alta do mais para droga...

Metteram-se duas carruagens e mais no comboio e lá peguaram todos, ao nome de uma pequena patria de galinas que uma duzia de esbaldantes deu, é garbido d'el dr.º...

Voltei-me o Coimbra e subindo para a Aldeia, o Pacheco disse-me que era certo o Bernardino Machado ter pedido a demissão de leito e que o reitor lhe mandou responder na mesma forma. Temos cousa...

E com isto, despedi-me, e voltei a casa já depois das duas horas dadas, na barra polleume da Universidade...

Coimbra =

= 17 d'abril {4.ª feira} =

O jornal republicano A Lucha, de Barcelona, publicava na primeira pagina um manifesto ao gaz, feito por Antonio de Guandoal, no conflicto academico de 1862-63; este manifesto fôra já publicado pelo jornal de Coimbra, o Resistencia, em 11 de abril e mostrando como elle que, apesar de ter sido feito ha 45 annos, tem na mesma officina hoje e este conflicto — tanto tem sido o pro-

gresso do ensino publico entre nós! Li-o hoje e cito-o aqui porque de facto é um bello e eloquente manifesto como outro não podia sair do celebre author das Odes modernas.

Quiz ir á reunião do conselho; mas ao passar no balcão, vi um grupo e mais tarde de gente que a conheci de modo que fiz esse pequeno d'observação.

Os jornaes pouco dizem; quiz as Alvidades, mas diuham-se esgotado: nem uma! No Janeiro, de Porto, uma carta do Alfoiz Gervais, como sempre é facção derradeira:

« Estamos enfim... em plena Rússia. As aulas fechadas; o parlamento, encerrado definitivamente; as associações e academias, fechadas; os cafés, com grandes arizos á porta, em nome da policia, prohibindo conversas politicas! A Rússia for um triz... »

É o visconde do Arneal, filho do Hyres de Campos, um derradeirinho ajamorado, anda ás voltas com o Mario Monteiro:

— Comtinuem nessa attitude digna, que nem cam!

É combinava cousas para o proximo comicio algeriense, no domingo, procurando oradores academicos, agitando...

Muito interessante, o Sr. visconde!...
Voltei a casa, sem trazer novidades. Tudo
na mesma, tudo velho.

A questão acadêmica está definitivamente
de morte.

A' tarde, saindo de casa, calculava voltar
sem novidade, como de manhã; mas não:
arranjei uma fresquinha.

A' tarde do Luzitano, o Octaviano de Sá,
chamando-me de tarde, perguntou-me sub-
tilmente:

— Tem lido as Novidades?

— Tenho...

— ... e as cartas de Coimbra, que tal?

— Sim... bem não... é que...

— ... não minhas!

— Ah! Bem escritas, sim senhor! Te-
mo-as lido e com muito interesse. Tenho
gostado...

Elle então abriu-me em confidências mas
que me não lembram já. Só ^{um} caso que el-
le contou é que me lembrei porque me cau-
sou muita indignação: fôra-lhe contado pelo
alferes d' Infanteria 23 Luis Guilherme Nu-
nes de Carvalho.

Foi o seguinte:

Está alferes é o alferes Luis José de Motta
estando á janela — naturalmente da casa.

de reunião dos officiaes — do quartel do 23,
e, como de costume, sem fazer nada, viram
em frente, no jardim do Hyres de Campos,
(cande do Arreal) o filho visconde conver-
sando com o embathador João Paulo que
anda a trabalhar no galcio ainda em cons-
trução.

Ora este Paulo dizem ser um tanto em
quanto parecido com um conhecido agerário
agibador, Theodorico Carneiro, orador popular
de grande vehemencia embora com algumas
folices; este Carneiro é conhecido na golicia
como anarchista e carbonário e quando foi
dos mestres populares de 12 de março de 1863,
foi gance que delatado para o Aprice sem
processo nem curso que se lhe gancesse. Eu
gosto do homem, como gosto sempre dos ger-
reguidos, quando esses gereguidos são como
este, agerários intelligentes, honrados e tra-
bathadores.

Pois bem: os referidos ageres, vendo o gru-
zo, berráram logo para os outros officiaes ge-
reiros, na justa intenção de salvar as ins-
tituições:

— Olhem o Carneiro a fallar com o vis-
conde do Arreal!

Ora, de facto, como bem auctado no ar o
medo d'uma greve agerária e como ho berrão
do comicio desordemado, aquella conversação di-

um budo de indorbaude e extraordinario...

Os seus defensores da gloria viram naquillo um herige; correram logo a parrel o herige que ameaçava a nação e a monarchia!... E o major bocha que parece sempre investido no commando das farras d'infanteria e cavallaria, alarrou-se; e na sua sabujice o que fez? Subiu ao governo civil e avisou o governador civil, de projectada revolta, de imminente conflagraçãõ operaria - desordem!

O que lá houve dentro não sei; o que sei é que dentro de pouco tempo o barbeiro era chamado ao commissariado de policia e o commissario advertio-o de que o barbeiro responderia por qualquer movimento operario; e alem d'isso, disse-lhe mais que tomasse juizo, que visse bem o que fazia, que elle seriam tudo...

O barbeiro ficou admirado e sahio resolido, quando reventasse alguma grêve ou movimento operario, e correr ao commissariado e a rembar-se commodamente numa poltrona para mostrar a sua simplicidade.

Mas não ficou o caso por aqui.

No dia seguinte, creio, o caso esclareceu-se: o revolucionario não era o barbeiro, era o Paulo embalhador com quem o visconde fallava nas cousas de conseraçãõ do Galicio.

Foram dizel-o ao major Costa; mas este vendo o desprestigio e o ridiculo enorme que a emenda iria causar para os seus serviços incombustiveis e altos, disse que não ia desfazer o erro.

— Já agora, deixar! Não se perde nada.

Parece inventado. E no entanto não é. Po-
lhos defensores do monarchia!...

Eu fiquei obnubilado com tamanha malandrice, mas era verdade. E como verdade aqui fica como tudo o mais que escrevo.

Depois, no Luzitano appareceu o Alfredo Pimenta, o filho do Eu; o Pacheco; o Ignacio Carneira e outros. Conversou-se sobre a questão afazer da prohibição rigorosa e formal; e o Pimenta disse que sabia que alguns leites de medicina estavam resoltidos a regressar os alumnos que se abanessem a ir a actos só com a materia dada até fevereiro; que o que se deu quasi nada é, de modo que os não consideravam habilitados a exames; e disse mais que o Caeiro da Matta, de direito, ia mais alem: não comparecia aos actos se não houvesse mais aulas.

De modo que o conflicto se iria agravar agora, com... a greve dos leites...

Com considerandos varios a tal respeito e converso prolongou-se; e sobre alguma dia

tribuiu-se no café uma folha-manifesto, e
com o nome de A cidade de Coimbra; ⁽¹⁾ e co-
mo o Flôr alguresse embão, lá fomos pre-
derradamente, ao cobremado chá ao Margues
Pinto.

Ora eu estava com um pouco de lôtha e
dei-me para fazer uns versos...

Tiveram, porém, uma origem: de tarde,
quando ia para casa, descendo a ladeira do Cas-
tello, vi o Domingos de Freitas, o administra-
dor do concelho, dentro do americano que
subia; fiz-lhe uma saudação combinencia e
perguntei-lhe sem mais dirde meu quarto:

— Embão o programma?

Elle não ouviu; embreteriu a zorra do caso:

— O quê?

— ... o programma!

— Ah?

— Sim, o programma do chefe!

Mas elle não percebera ainda e eu berrei-
lhe mais forte:

— O que é feito do programma liberal?...

Elle embão fez umos cáes peris; o thou zora
o lado, zanco rabisfeito e respondeu pómen-
te:

— Ah! não se zordam, não se zordam!

Mas deu meida pórta.

(1) Março III = 48-E

Eu continuei o caminho a rir. Ora os versos
são não os seguintes:

Mode:

Chorae, fadistas, chorae!
Chora, oh pobre Portugal!
Que morreu de João Franco
O programma liberal...

Volta:

Ai filhos, que eu vou contar
Um caso que acussadem
da terra que Deus nos deu,
Pela bade á beira mar.
Olhem olhos q'ra chorar
E aser feitos q'ra chorar
Pois que isto que aqui vai
E' triste de vos dizer
E q'ra não vos puzer a entender
"Chorae, fadistas, chorae!"

da triste d'esta cidade
Onde nem q'ra estudar
Gambas d'aquele, d'aleu mar
E diversa qualidade,
Flouze gente de maldade
Que jousou e jousou mal,

Grandes crimes sem equal
 Com a gente de mecomica.
 Chora, hein, como a Veronica,
 Chora oh gente Portugal!

E ao João foram dizer
 Que o caso era nefando
 E que o fim miserando
 A republica era fazer;
 Que hein podia valer
 Ao governo cá do estanco,
 E elle então deu rumo avanco:
 Os ordenes f'ra fechar tudo
 E Portugal ficou mudo
 Que morreu o João Franco!

Foi tão forte o escanciar
 Que toda a terra tremer;
 O gregio Mendega aucher
 Té ás insuas transbordar;
 Era a balburdia sem jar
 Era um chiupium sem equal
 E a desordem foi tal
 Que o João, por tão baracho
 Deixou ir por agua abaixo
 O programma liberal...

E' claro que os cofres muito bem cofiados,
 com letre disfarçada e mandei-os pelo cor.

reis, anomeyros, João o Domingos de Freitas.
Quando sahimos, o Dr. Guineu Marbais, con-
reu abráz de nós:

— Via juiz e cangaucha...

É mettendo-se no meio:

— In medicus... virtus!

Conversando, peguimos bairro de San-
to Cruz acima, e a Jofosido de Freitas disse
elle:

— Isto foi bem feito... Os franquistas au-
davam ahí com uma impertinencia... Estando
de se abrirem as aulas, no dia 8, ninguém
os podia aburar. Estavam convencidos que
tudo ia ás aulas... E olhavam para nós com
uma impertinencia!...

É acrescentam:

— O Freitas, por exemplo: ia a gente a
passar e mesmo que se não desse por elle, el-
le chamava-nos, dizia coisas, alegremente,
como quem tinha na mão a solução do
conflicto, e a vontade dos países... O
Marquesinho os franquistas fallavam al-
to, lembravam que o João Franco fez, que
acabaria...

É depois com um sorriso que lhe é gen-
til e ganando:

— É agora?... Vejamos lá se elles agra-
cem!... Já ninguém vê franquistas em
Coimbra...

É era verdade. Os franquistas não agradeciam; davam a impressão de andarem em vergalhados.

É elles sempre a dizer que o programa liberal não fôra por aquo abaixo! Não, não foi!...

Onde irá elle a estas horas!

Coimbra. =

= 18 d'abril {5ª feira} =

Tudo, afinal, recake aborrecidamente n'uma nominalidade exbessante.

Sabe a gente já a que e não ha novidades!

Assim me acobressem hoje: os jornaes que sempre nada diziam de novo; nome de A Lusitânia fazia um artigo inberessante com o nome de Os estudantes e a Jolibica; e além d'isto, a questão entre o mesmo Pinto Coelho e o commissario academico continuava a dar de si.

De novo, afirmava-se que vinha realmente de fora para resolver da Universidade, o D. João d'Alarcão para resolver o conflicto: os leões já d'ora-hia e a amnistia dos reos expulsos; elle servir de intermediario para o governo; e o governo (arrulhando em pecco) dava a au-



mistis, sendo as faltas dadas desde 8 d' abril não só aqui mas nos outros estabelecimentos d' ensino, e tudo voltava a funcionar regularmente.

Sendo assim, tudo iria pelo melhor e mesmo o Século dá como certo a nomeação referida.

Houve reunião da comissão, como de costume, no Quebra-bóbas, em casa do Mario Monteiro; foi passada agitada, tempestuosa, por causa d'um padre que subentendi dever reger com tudo, um padre alumnino do 4º anno de direito. Os outros insultáram-no chamáram-no he burro, malandro, etc, etc e etc, insultável, combinateu na sua evangelização...

Não sei como se chama o padre, mas é um padre ás direitas...

O Suflamento de caricaturas do jornal O Século, traz um bello retrato do Dr. Galvão acompanhado do respeitável nome de D. Jacinto de Paiva que não resisto a transcrever:

Quem sabe quintas de dymamide
 Com vida de jôbolos cansado,
 Pacho em linha de forja sem bom bocado
 Com braças quanto bastem, por zalgida;

Pese ao gado Hymalaya Hymalaya,
 Misture-a com vapor e com cuidado
 Deite pelito, ~~esse~~ refineado
 Deixe tudo ferver, depois agide.

Quando achar homogenea essa mistella,
 O que para de fazer, esta bem visto,
 Não precisa de mais, tire a panela.

Ponha em lugar de banho, borla a isto,
 Envolve numa esbelta gar cantella
 E eis logo mais ou menos o ballixto.

E por hoje mais nada. Souvenha lembrei
 ao Dr. Guim Martins que podia agradecer
 fare a occasião uma grada de Voltaire á
 Universidade de Coimbra, no Candido ou o
 officinisimo e a que eu já me referi no meu
 Novo anno historico.⁽¹⁾

A' tarde recebi uma littersa do Martins
 Fernandes, escripto de saudas palavras:

Saudas Novas - 17 - 4 - 207

Meu caro amigo:
 Chegámos bem. A recepção foi boa. Aguarda

⁽¹⁾ Vol. II - cap. XV.

dão-se ordens do ministerio da guerra. Não
 isso por mais extenso. Um abraço, etc, etc
 (+) Martins Fernandes

Do mal, o menor.

Coimbra. =
 = 19 d'abril {6^a feira} =

Finalmente e' certo que o D. João d'Alar-
 cões para reitor da Universidade.

O orgão, isto é, o Diario Illustrado já
 traz os decretos de demissão do Viéga e o de
 nomeação do outro:

«Atendendo aos merecimentos e mais
 qualidades que concorrem no favor de D. João da
 Alarcão Velozquez Sarmento Osorio, ministro
 de Estado honorário . . . » etc, etc.

Ors, quando jantava, meu Pai contou que
 o Costa Lobo (o lobo de mathematica) em con-
 versas intimas e confidenciaes com meu Tio
 Albino da Silva, lhe disse que bem procurado
 informar não só o José Luciano mas tam-
 bem o João Franco de que é necessario fazer na
 Universidade e que algumas cousas se não
 fazem de bom e de util.

Em primeira lugar, o D. João não, com
 seus poderes; e como o João Franco não
 quer ceder ao zelo mesmo finge que não quer
 ceder, o novo reitor nem com indicações de
 na proporção aos tempos como idêntica sua, unica-
mente sua, o pedido ao governo para au-
 misdiar os 7 expulsos e gerdoar as faltas dos
 outros durante a greve; o governo atendendo
 ao pedido que a Universidade fizera, accede
 amavelmente e... ~~sem~~ ceder a impozi-
 ções!....

Políticos!....

Em segundo lugar o D. João traz instruc-
 ções para começar a reformar logo de começo
 a faculdade de direito e dar indicações do bo-
 da Lobo nem se afasta do serviço activo por qual
 quer razão os tempos Ballixto, Mossis Teixeira
 e Pitta porque estes são, na verdade, uma
 fonte de discordia e de barulhos: o primeiro
 porque é doído; o segundo pela fama que já
 não perde, de bruto e de dizer asneiras; e o
 terceiro pelo imbecilidade que lhe apparecem com
 a methice.

Além desta medida inadiável, entre as
 projectadas medidas reformadoras, parece
 que ~~se~~ querem estabelecer a obrigação para os
 tempos de conferencias publicas, sobre assun-
 ctos da cadeira que regem o que obrigaria a
 uma certa afflicção porque naturalmente re-

riam lançadas a tachygraphia para conside-
rarem do respeitavel publico...

Ora o Dr. Costa Lobo, indubitavelmente,
com o feiticio que tem para ser trabalhado
para bem da policia do conflicto, informando
com verdade os factos e fazendo ver causas
que os dirigentes não veem porque parece que
os tem medo o medo republicano.

De resto sempre tudo pouco mais ou me-
nos na mesma. Entre os raios sempre
a consideração para iram aos actos mesmo que
não tenha a amnistia; as pessoas da comis-
são sempre a per. tumultuarias porque
como chegou a hora do ferizo de guardar o an-
no, não para lá alguns esbaldados ou enca-
minhados por feitas occultas ou embão de
baixa dignidade, accusar os da comissão de
desleaes, de serem conpromettido a academi,
etc, etc!...

Mas mas verdade não boas creaturas: se
alguem dos da comissão lhes diz que lhes garbe
a cara, que não metam nos, julhas, etc, elles
descem escada abaixo e peguem immediata-
mente para casa...

E depois veem para os jornaes com decla-
rações.

No orgão (o Ilustrado) appareceram al-
guns d'elles, pedindo a cobreira do outro, o
Pinto Coelho dizendo cousas banaveis do commo

pad academica. Ehi nã elles, archivados para a gubernidade:

« Tõben interinamente de accordo com o a declaracãõ do meu prezado collega José Gabriel Pinto Coelho em que se cometta á commissãõ academica o poder fallar na imprensa em nome de todos os estudantes da Universidade. De este modo deixo laurado o meu protesto contra o voto unanime da academia de que a comissãõ não se fez echo.

(2) Filippe Ferreira Henriques
(do 4.º anno de Direito) »

E' filho de José Ferreira Henriques, a nobre-
ral de S. João de Lourosa, Districto de Vizeu.

« Perante o compromisso verdadeiramente extraordinario que a já celebre commissãõ academi-
ca fazese querar tomar em nome de toda
a Academia de Coimbra; grande os poderes
quasi magestáticos que, sobre a maneira de
resolver o actual conflicto ella se arroga — jul-
go meu dever declarar que nunca deleguei no
dãl commissãõ poderes de esgiza alguma; o que
comprehende a dizer que a nada do que elle de-
terminar me julgarei obrigado. A attribude
que eu off arbitramente tomar goda estar
em officãõ flagrante com as conclusões de

de comissões, mas fiz de estar em absoluto ac-
 cordo com a minha consciencia. E isso me
 basta.

Coimbra, 18 d' abril de 1807

(*) José Pereira dos Santos Cabral
 (da faculdade de direito). »

É filho de Manuel Pereira dos Santos, na-
 tural de Travanca, concelho de Mangualde,
 districto de Vizeu. É caloiro de direito...

« O abaixo assignado, estudante da faculdade
 de direito, declara categoricamente que, como
 membro da Academia, não delegou poderes al-
 guem na comissão central academica que fo-
 ra ali os arroga, reservando-se o direito de
 proceder conforme a sua consciencia e as cir-
 cunstancias lhe aconselharem embora vá de
 encontro ás resoluções tomadas pela comis-
 são e assumido exclusivamente a respon-
 sabilidade dos seus actos.

Coimbra, 18 de abril de 1807

(*) Pedro Ferrão. »

É filho de André Ferrão, natural de Covin-
 hã. É tambem caloiro...

« Não sendo, como a minha escriptura, a
 comissão academica central formada publicas

as affirmações que fiz na reunião do dia 15 do corrente, rezo-me obrigado a lançar mão deste meio para afirmar que não dei áquella commissão poderes para me representar em qualquer parte ou para fazer em meu nome quaesquer declarações.

Coimbra, 17-4-98

(e) José d'Almeida Barreiros Tavares
alumno do 5º anno juridico.

É filho de José d'Almeida Bembo, natural de Fundo de Villa, concelho de Penafiel do Castello, districto de Vizeu — e presidente do Bembo catholico democracia christã.⁽¹⁾

Aqui ficam os nomes, filiação e naturalidade, para não esquecer; se apparecerem mais combinatei nestes dados e no mesmo trabalho de lhes transcrever as declarações.

De modo que, nas reuniões da vicaria, uma parte da academia — oh! mas felizmente bem pequena! — começa a bancar a attitudede firme que tem mantido e isto depois das academias de Lisboa e Porto se declararem em greve, de se terem prejudicado por causa

⁽¹⁾ Nas ultimas eleições foi proposto delegado nacionalista, no meo não auguro pelo circulo de Coimbra. {Nota = 10-VIII-98}.

de de Coimbra e de opiniões estar favoravel
aos reaes. Quando o terrivel João Franco
começa a gender para a clamação e a desin-
teressar-se da questão, é que um certo nu-
mero de nasbejadores, de rabujos, com medo de
os bombarrem como republicanos começa a en-
garchar uma questão tão barida e tão juoba!

Assim, per-thez-he mais facil arraujar
um logar, um empenho para o ministro, en-
cambiar aertbas as garchas dos garchados minist-
terias. É pois necessario e bom exgôr bem
claramente e no orgão officioso que não ho-
maram garcha em curso alguma, que foram
extranhos á questão, que nada tem com os
deserdados que fizeram a greve...

Eu não souheo nenhum dos quatro esbu-
daes cujo nome ficou acima; mas hei-de
ver se os souheo porque talvez me lembre se
elles andáram nos primeiros dias, nos bari-
thos que impediram o funcionamento das
aulas. Assim foi o meu condiscipulo Al-
lau Gonçalves: quando a academia levou
em triumpho José Eugenio Ferreira, elle,
ao lado de Francisco Pocheco, dizia enthusias-
mado:

— Ora! É um instante emquanto se dá
um rei e gôe outro!...

Mas agora, como já gôde gender o aumo,
e como bem ouvido o Alvaro Basto, já torce

a questão e já houve quebra de compromisso.

Encaminhando o alferes Alberto dos Santos Pereira Monteiro, do 23, obteve confirmação do caso do alferes Carneiro, tal como o casei aqui a p^o 92.

Fallei á noite com o Bernardo Pedro, peço que o ineducavel franquista, accusando os republicanos de intolerancia tal como Lutero e Calvino proclamando a liberdade religiosa mas mais intolerantes que os outros...

Pobre Bernardo Pedro! o franquismo submete-o a gosto de fazer comparações como esta que aqui vae!

É insidioso que o visconde de Almeida é quem tem obrigado a questão academica, em Coimbra...

O imbecil visconde de Almeida!... só os franquistas não caezes de o elevar a tão altas honras de agitar e concitar-me a fazer perficiente para mover a massa dos nazezes que tem chuchado com elle á grande e bebido nos cafes, alguma coisa é isso mesmo...

É para acabar, as novidades já dão o gosto de o D. João d'Alarcão trazer para Coimbra, como ideia pura, o pedido de amnistia...

Como tudo custa!...

Coimbra. =

20 d'abril (sabbado) =

Só á tarde pahi. Conuenci-me de que é
imobil salir de casa para paber novidades; de
de continua esmagadoramente no mesmo
lég. Escreve-se o D. João d'Alarcão como quem
escreve, depois da lucta, ver desferbar ao longe
o symbolico ramo d'oliveira.

Eue nemha e que a faz seja commosco...

Na esquadra da Beira continuam as gôbru-
has de cavallaria desde o largo do Parbagem
até á Praça onde mora o José Eugenio Fer-
reira, no fim de combas, sobre victoria amon-
rada ao gosto de celebridade!

Nas manhas d'algumas lojas cujos do-
nos são d'idos faz mais ou menos republica-
nos, vê-se o reboto d'elle, nemha bella gôbo-
gravura com dizeres encaniasdicos for baixo.

E a gôgorido, hoje o D. Luiz Marbier, no
café Marques Pinto disse-me uma coisa in-
teressante a respeito do José Dias Ferreira,
quando lhe fui dizer que agrauidasse para a
Presidencia um reboto do tempo em geral
que nem nemha gôsis de Domingos Botto trans-
cripto no baucioneiro alegre de Camillo.⁽¹⁾

⁽¹⁾ 2º vol.º, p. 36 {2º ed.ª}.

O que me disse foi que a Direcção da Associação Commercial de Coimbra, fôra ha pouco levado-lhe (ao José Dias) o diploma de socio honorário como fôra d'uns favores que queriam que fôra aqui não vêem nem em pai que os fôram. O homem recebeu-os na sua casa de Quinta das Baumas e como era natural fallou-lhe no conflicto a que o filho dava incansavelmente a causa.

E quando todos se queriam ver o metho ministro, o incomparavel rábula, o ambigo parlamentar e jurisconsulto aboar a Universidade, ou quando muito a faculdade de Direito, elle começou censurando o movimento, defendendo a faculdade e com o fôro geral dos assistentes affirmou que a referida faculdade era o melhor cargo de professorado portuguez, que era a faculdade de melhor orientação scientifica, e que o movimento academico era promovido por muita doria de garotos e indigado por outra muita doria de mães.

A comissão como comissão, acabou as graças do metho ministro do esquerda-dynas-ta, mas certamente de bocca aberta...

Quem certamente disse isto ao Dr. Quim foi o Villaca, presidente de Associação que se com o resto da Direcção, na missão grande da entrega do diploma.

Aqui fica registado.

Andei um bocado, é noite, com o Bernardo Pedro, irreduzível sempre, irreconciliável com o movimento. Chama ao João Chagas por causa das Minhas razões (no Janeiro) um tolo...

É já que fallei no João Chagas, que bello o artigo d'ha dia, que hoje vem transcrito no Mundo! É uma das Minhas razões e refere-se á phrase do João Franco na reunião das maiorias:

— Pois bem: façam a republica depressa; aliás eu lhes garantto que não lh'a deixaremos fazer.
Commeuêta assim:

«... Fazam a republica! diz elle. A republica para o chefe do governo é uma coisa que se faz. Mas façam-na depressa, accrescenta, já que se assim não fôr, não lh'a deixo fazer.

Quer dizer, se os republicanos não se decidam a fazer a republica nestes dois meses mais chegados, adeus republica! Não ha mais republica, nem proximo, nem remota. O progresso já se jára, as ideias járaem, os homens járaem. O tempo de hoje jára-se. Não ha mais tempo. Para tudo, até os relógios. É tudo isto em virtude de quê? — Pelo vontade do chefe do governo.

Este homem omnipotente tem assim a liberdade de pahir ao carizinho da historia, da

se lhe atravessar deante e de a não deixar
 avançar. A história é gigantesca e o homem
 é minúsculo. A história passa, põe um pé no
 terre um homem e esmagá-o como um dos
 nossos pés esmagá um ticho de canoa. No en-
 tanto o homem afé-se a que a história passe.
 «E' gregresco.»

Mas os franquistas não percebem isto,
 não vêem isto..

O franquista, acima da história, dos acom-
 tecimentos d'hoje e até das convulsões psí-
 nicas, vêem um sub-reino unicamente
 te, uma verdade gloriosa e amável,
 um ser invariável e creador, um ser unico
 e indissolúvel para que o sistema es-
 piritico funcione com regularidade; sim, ve-
 em somente a unicamente... quem?...
 Deus?...

Não; veem o João Franco.

A questão d'alguns maninhos não quere-
 rem que a comissão que trabalha em boim-
 bra tome deliberações em nome de toda a aca-
 demia nas augmentando.

Homem deixei escritos quatro nomes;
 pois hoje não mais que fizeram idéias de
 lações.

«E' bom enumerá-los... Um dia, quando

elles foram algumas cousas e da tribuna ou da
 imprensa allegaram aos quatro ventos a sua
 incontestada fidelidade e o seu immaculado
 caracter, eu, consultando este pinellas e desgra-
 tencioso diario, ri-me-lei com vontade...

Mas chi ficam. Alguns logo escaldar, mas
 se dar gelo apegam... zás! já ficam logo.

E é ver os nomes que me a grossa das
 mãos consegui agarrar:

Antonio Ferreira Bodelho — filho de Manuel
 dos Anjos Ferreira Bodelho, natural de Villa-
 Real; é do 1.º anno de Direito.

Jose Maria de Galves de Sousa d'Alte Es-
 garosa, filho de Bernardino Tragozo d'Alte Es-
 garosa — natural de Lisboa; é do 4.º anno
 de Direito.

Jose d'Almeida Correia, filho de Manuel d'
 Almeida Correia, — natural de Sequeiros, Dis-
 tricto de Vizeu; é do 5.º anno de Theologia.

João Pedro de Sousa — filho de Urbano
 Benedicto de Sousa, natural de Mirandella;
 é do 5.º anno de Direito.

Jose Antonio de Sá Miranda Guedes — fi-
 lho de Joaquim Roballo Guedes, natural de Co-
 ritha; é do 2.º anno de Direito.

Por consequencia o Pinho Boetho com os
 quatro d'haubem fazem cinco; com os cinco

que s'hi ficam hoje, já são dez. E o numero ha de subir, certamente.

Fallando com o meu coadiscipulo Aguiar, contou-me elle que o Dr. Luis Maria da Silva Ramos, o decano de theologia, pregou antes de abrirem as aulas o jurar-se a grêve com algunos alumnos da sua faculdade; afinal foi comido e hoje no Seculo vem uma declaração do Maria Monteiro affirmando este caso e intimando o leute a publicar a lista com o nome dos rapazes.

E por causa destas cousas, destas questões-nhas de vis rasbejadores (não the acho outro nome) a comissão central academica tem feito um certo numero de declarações pensadas e hoje nos jornaes vem uma outra que diz:

« A comissão central academica de Coimbra para não prejudicar assumptos de interesse colectivo a favor de questicuillas sem urgencia, resolve determinar esta serie de declarações affirmando o seguinte aos regentes das aulas e comissões:

1º: Que em harmonia com os poderes de que foi investida em assembleias geraes ha de continuar a manter a dignidade da academia visto que para tal fim não the foram impostas restricções algumas.

2º: Que declarem ninguem ir ás aulas ou aos

exames para o indulto geral porque não pôz que
esses cobradores fossem coerentes na sua linha
de conducta visto terem mandado as duas grévas
e subsistir ainda de já o mesmo motivo que os le-
vou a proceder assim.

A comissão. »

Vamos a ver onde nos tudo isto garar! Sui-
ze dias de férias desde a Gaschoa, com as três pe-
manas de março, cinco semanas e isto tudo no
mesmo!

Onde está a rara energia desse presidente do
conselho?...

Coimbra. =

= 21 d'abril [domingo] =

Só nahi de tarde, porque hoje foi domingo...
Na baixa encontrei o Balthazar Teixeira de quem
aqui já tenho fallado e perguntando-lhe o que ha-
via de novo, disse-me pouco mais ou menos o
que o Aguiar me disse no vespero a respeito da
intervenção do Dr. Luis Maria. A comissão lá
descobriu tudo e pouca que eram vinte e sete as
assinaturas que havia na tal declaração em que
se compromettiam a ir a actos; pouca que era
um serviço que o referido leuá queria apresentar
com arguimento ao João Franco e que tudo foi feito

com conhecimento do governador civil. Ora, n' esta altura chegou o Ernesto de Miranda que é secretario particular de José Lobo; e ouviu e ouviu-me, como quem sabia e não dizia...

Nisto appareceu o Floro e despediu-me do Balthazar peguei com os dois até ao Luxitano onde eu interroguei a tal respeito o Ernesto, mas este (mascaração como é) nada me disse e respondeu com evasivas mais ou menos agradadas. A unica coisa a perir que disse foi que não acreditava que o João Franco concedesse a amnistia aos rapazes.

Appareceu então o Pacheco que contou a claro o caso:

A comissão soube que ~~era~~ o Dr. Luis Maria andou trabando de jubilar rapazes para ferárem a greve e depois para irem a actos (caso fosse a solução do conflicto o haver actos proximos, sem amnistia); soube até quem eram os 27 rapazes que tinham assignado a declaração; e então — um pouco quichotescaamente, na verdade — tomou sobre si o dever de se constituir em ~~um~~ tribunal e mandou internar os rapazes (desses 27) que estavam em Coimbra a comparecerem na sua presença.

Foi então uma bella coisa: houve e hoje appareceram alguns que desmascararam tudo — os imbecis! — e felizmente veio a lume que esse tal movimento que a maioria de aca-

davia queria fazer logo conseguir furar a greve quer das aulas quer dos actos, não passava d'uma grebada sabijica de 27 honras que queriam passar nos seus actos com mais facilidade.

Comulgaram (cito aqui os nomes cujos nomes o Pacheco me disse por os ver lá) por exemplo o Sergio Ferreira da Rocha Ballisto, do 5º anno de medicina, jurou no 4º anno ⁽¹⁾ que se desdissse, que assignou sem ver o que a declaração dizia, que mettem os pés zelas mãos a que sahira emverganhado; comulgaram José Maria de Proença d'Almeida-Garrett (catolico) filho de Dr. Gonçalo d'Almeida-Garrett leute de mathematica e José Taveira de Carvalho, ambos do 5º anno de direito, que depois de ~~se~~ responderem a um interrogatorio feito por varios membros da comissão foram mandados embora, sendo votada por maioria a sua falta de dignidade e de caracter o que incluia o voltar-se-lhes as costas quando se encontrásem; comulgaram José Tavares Lucas do Couto, do 5º anno de medicina que declarou que no primeiro dia de greve, a 8 de abril ⁽²⁾ fêra á aula por equivoco (!) e sendo-lhe perguntado se tambem assignára a declaração por equivoco, titubian, foi absolvido e trocado por

(1) Jáa fazer acto de licenciado na faculdade esta vez... Sua desinteressa!... (vota a 12-II-909)

(2) Ver pº 10.

todos os presentes. Interessante quadro, este!...

Deves quito lembrar-se o Pacheco quando os vira.

Interessante que devia ser a scena; passada numa sala acanhada do Mario Monteiro, no meio de rages que nem mais nem menos se constituiram em tribunal d'hora para julgar da dignidade e do caracter dos conflagrantes!

O Pacheco deu-me uma carta do Pedro d'Alcambano, que recebera de vendas novas e que me cedeu para aqui ficar no diario:

Vendas novas: 20/4/207

Caro Francisco:

Acordo ainda a tempo para cumprir a promessa que fiz de te escrever assim que chegasse.

Lembrei-me que era melhor esperar algum tempo para poder dar-te algumas informações mais certas.

Estou melhor, muito melhor, do que julgava poder estar.

Passo fome, mas tenho dinheiro; durmo pouco de noite mas durmo alguma coisa de dia.

Como tenho dinheiro vou almoçar ao Hotel Brasílio uns dias; em outros, vou a um restaurant a que chamo, por harmonia chimica, o «restaurant ambinómico».

A verdade, pelo menos aparente que a of-

fidelidade da escola tem que nos tratar bem, tem desgosto a minha gossa muito o seu favor.

Se estarem genuinamente acomodados deve mol-o ao nao franco e nao a Escola que nao tem culpa de estar falha.

Calcula, 122 ralgres em aves de alguma especie todos numa escola que perue algumas para algumas descuras d'algeres!

De casernes em que durmo ficam mais dez ralgres, todos bons, mas cuja bondade nao aquece o frio dos nossos dias — pois a caserna e larga — meu evita a correspondencia criminosa do ar que corre das portas velhas para o tecto e buracado e de volta para aquellas... provocando nos verdadeiras explosões de tosse.

So: genuinamente te poderei dar informacoes mais cautelosas porque, por escrito, nao consigo ser fiel e preciso; digo muito a sucina e por isso serbo pouco.

Um exemplo de inutilidade dos officiaes — cavidade todos os dias para o jantar dois ralgres com quem brincam e folgam, com barba rizada, mas nota bem, sempre militarmente, por causa das cousas.

Recomendo-me ao Pimentel, e agradeço de certeza a ao Aguiar e quem desejo que agradeças a carta que me escreverem hoje.

Dize-lhe que amanhã terei a curie um postal verdadeiramente.

Adens, bom amigo. Um valente abraço de
bom amigo

(c) Pedro d'Alcântara.

Piñonesca, como é, não precisa comemorários,
e certo que ali fica.

O D. João de Alarcão sempre chegou hoje no
raizido das 9 horas de noite; no estação alemã
do governador-civil, tenente-coronel Dias e do
comissário de policia, estavam só... progressis-
tas. Sem um franquista, disse-me o meu
Pae que também lá foi, nem um!

Elles andam dançados por todos the lau-
carem em rosto que mais uma vez o José Lu-
ciano esbodeu ao João Franco a sua velha
mas valente mão salvadora!

E como o novo reitor é progressista, e todo
de José Luciano, esboderam que assim la-
uravam o seu gósto.

Vamos a ver se elle sempre traz o desejado
ramo d'oliveira, o symbolico bandeira de Joe!

De resto... as notas officiosas, a respeito d'eo-
te ultimo trazer instruções para trazer do in-
dulto e ter accedido o logar sob essa condição,
afirmação categoricamente: « nada d'isso é
exato. »

O João Franco não transige!

Por isso os seus partidarios the chamam n'

um arruabamento enorme « o grande honra! »

O grande honra!

Mas adiante: outra declaração da comissão central:

« A comissão central académica desmarcha os votos dos jornaes afirmando, em face das declarações prestadas na última reunião por alguns estudantes considerados surditos, que é absolutamente falso ter alguém zangado em trair a causa da academia. Coimbra 20 de abril.

A comissão. »

Coimbra. =

= 22 d'abril [2ª feira] =

Quando sahi levava a intenção de ir ver a Zosse do reitor, mas foi tudo á Zorra-fechada. Juntou-se gente na via-labura para ver, mas a Zorra do pallo dos cadellos fechou-se trembalando na casa dos circunstantes.

Na loja feliz, onde conheci jornaes conversei com o Tavares, (Francisco Luis Tavares), um bello açoreano, com quem troquei impressões. Este, acrescentou mais algumas cousas ao que haubem o Pocheo me dissera acerca do Lucas do Cabô:

Este ultimo chegou a afirmar que o tal Sr.

Barreiros Tavares, presidente da Democracia
Cristã, incumbê-lo a arranjar, com a comissão
 para tal nomeada e manobrada a occultas, ge-
 lo Dr. Luis Maria de Silva Ramos, umas 200
 e tal assignaturas para declaração de ir a votos,
 as quaes, juntas com os militares, dava um
 numero de votos superior a 300, e assim
 havia numero para a Universidade funcionarem.

Era este o plano que elle declarou, assim
 como o já citado Taveira; mas quando os ou-
 tros da conjuração poubaram desobediencia de
 nem deixado caminhar nos interrogatorios, incul-
 caram-nos, desconfusaram-nos uns aos ou-
 tros e tudo se desmanchou.

Os pontos catholicos!...

Quando conversava e me informava, en-
 trai-me na loja o referido Sr. Barreiros Tavares;
 me me estavam uns rapazes que se calaram e
 ficaram a olhar para elle; e elle com boa zorra
 vergonha que embora, sahio muito naturalmente
 de a seguir o seu caminho.

Como eram horas de reunião da comissão, o
 Tavares e o Ignacio Barreiro que tambem appare-
 foram para o Quilbra-costas; passaram tempos
 de pobre-casaca e chagou alto para a posse do novo
 reitor; o bone da Universidade tinha bandeira
 e for pignal que esparregada e eu desci á bai-
 xa onde encontrei o Bernardo Pedro que ainda
 cada vez mais zangado e irritado com as cousas.

Eu, para chuchar zenguebei-lhe:

— Porque é que você também não fez declara-
ção nos jornaes?... É modo...

— Não ligo á comissão indifferencia para isso.

— Não heu...

— Além d'isso não considero a comissão boa
pelo seu constituição e não sei mesmo se que
reunião elle foi eleita. E por outro lado acrescento
que consta que para daes comissões não foi eleito o
sr. Mario Monteiro ao qual mego confidencia
moral e caracter bastante para poder dirigir
uma academia.

Islo é textual porque o escrevi em frente d'el-
la e elle mesmo o ditou.

Esta verdade o franquismo não é um partido
é uma raia.

Voltai ainda á alta e na rua Larga o Balthazar
Teixeira disse-me que um grupo de notables, apre-
sentados pelo Roberto Junier (que é das relações
do D. João d'Alarcão) procurou este e exigir-lhe,
com a maxima franqueza, toda a questão, e fel-
sciente da attitude da academia.

Da fozdo, quando meu Paé o foi visitar, na
casa em que habita na couraça de Lisboa, ainda
mãra uma sua Tia, elle disse-lhe, e respeito da
questão:

— Hai-de ver o que se pôde fazer... Eu não
meinho com más intenções... Vámos a ver...

E acrescentou:

— Os rapazes já ahí estiveram em começo ás vol-
tões...

Mas mais nada.

O Balthazar Teixeira disse-me mais que na
comissão se providenciava já para que o Mario
Monteiro não tivesse a assignar coisa alguma
em nome da comissão, porque de facto, como
não deem tido que dizer aos rapazes, fegam-lhe
porque o Mario Monteiro arroga a si a presiden-
cia e a direcção da Academia, e que lance sobre
o caso um verbo ridiculo.

Ara a verdade manda que se diga o seguinte:
a comissão reune-se em casa do Mario Mon-
teiro, presidida, como aqui já foi dito, pelo
quintanista Larocz; e como é na casa do Mario
que se reune, que escrevem, enfim, que se
trabaha, a correspondencia tem sido dirigida toda
para «Mario Monteiro, Quelera-costas, Coimbra»
com o fim de centralizar tudo e figurar um uni-
co nome para evitar confusões. Além disso o
Mario é que tem trabalhado mais na parte ma-
terial de escrever cartas, redigir officios, fazer
communicações e algumas vezes assignava:
«pelo comissão, Mario Monteiro.»

D'agui o fellar-se de elle por o director dos es-
tudantes, quem queria tomar a direcção do mo-
vimento, quando elle, na the a verdade, sempre
representou um papel secundario. Mas como
em Coimbra o rapaz se bem tratado um pouco

ridículo quer ser um enorme chrysanthemum
que traz perfume no boutonnières quer pelas suas
probações litterarias, quer por outras causas, os
franciscistas não se fariam de dizer:

— Ora vejam! O Mario Monteiro é que di-
rige a academia!...

Aqui fica sobre o assunto a verdade nua e
crua. E foi esta a razão porque a comissão resol-
veu que tudo o que mandasse para os jornaes fo-
se assignado por "a comissão".

Trocando mais impressões com o Balthazar
que eu considero muito, ficámos indecisos
quanto á resolução do conflicto; o conflicto afigu-
rava-nos em terrivel ponto de interrogação.

A' noite fui fallar ao Sidonio, á Escola
Brotero; o homem estava, recebeu-me, como de
costume, muito amavelmente; disse-lhe que o
jo' tinha procurado para lhe dar conta d'aquillo de
que elle mais em meos me encarregara e para
lhe dizer que não tinha ido á aula porque — disse
lhe o mesmo — fiz como o presidente do curso.
Lhe: "desinteressei-me..."

Fallou-me em varias cousas, mas não sei o
que lhe achei que não gostei da sua attitude.

Não gostaria elle de lhe eu contar o que os alu-
mnos de Phisica fizeram ao Dr. Teixeira Bastos?
Tomaria elle a minha visita como homenagem,
agora que parece isto encaminhar-se para bom
caminho?

Não sei. O que sei é que nahi de lá, com a
 impressão vaga de quem não ficou com a cons-
 ciência tranquilla.

Na balçada encontrei o Gloro que andava
 com o seu amigo Nicolau do Fonseca e pu-
 biendo jure e alta com elles, o Nicolau contou-
 me o caso seguinte que aqui fica registado:

Este Nicolau é empregado do Banco de Portu-
 gal e faz actualmente serviço na agencia desta
 cidade e tem por collega um rapaz sobrinho do
 Dr. Luiz Maria de Silva Ramos; ora no 1º dia
 das Vésperas do José Eugénio Ferreira, o Dr. Luiz Ma-
 ria foi á agencia do banco fallar ao sobrinho
 e contou-lhe a seguinte manifestação que tinha
 havido ao candidato, acrescentando que o rapaz
 iria ficar reprovado porque os honras se tinham
 combinado e chamou a esta combinação univer-
 sitaria.

Depois, quando se deram os primeiros seu-
 tecimentos, o mesmo Luiz Maria achou tudo
 mysterioso, dizia mesmo ao sobrinho que
 os rapazes tinham razão e de facto, como isto
 constava elle teve um recy (em 1 de março)
 uma manifestação d'agredo á Parba-janea,
 manifestação que eu vi porque estava lá, nes-
 sa occasião.

Mas, finalmente, como era necessario en-
 combrao cullados o mesmo Luiz Maria assignou
 o accordão que expulsava os estudantes.

O sobrinho no dia em que appareceu esse documento descreveu com o tio e da discussão resultando o rapaz abandonar a casa do mesmo tio, com quem vive, na ladeira do Seminario, pois que lhe chegou a dizer as ultimas.

Com esta substancialisima descripção segui para casa, encontrando na minha rua deserto, e que seguia para bellas, ainda mais deserto, uma pequena garrucha de cavallaria.

Boiuteria =
= 23 d'abril (3º feira) =

Comença o calor e como hoje, de manhã, me appareceu que se requeria um dia de verão, deixei-me ficar por casa.

De modo que as grimeiras nobicias foram-me dadas por meu Pae que as recebeu do correspondente do Seculo: e foram ellas que os rapazes que hontem estiveram ás voltas com o novo reitor estiveram hontem novamente com elle; o D. Joao VII (como lhe chamam os jacobinos) recebeu-os muito bem mas foi-lhes dizendo que tudo o que elles queriam seria de mais... etc, etc, e resumindo propoz-lhes a seguinte solucao: a Universidade abrir-se, os rapazes iam todos ás aulas e elle, fundando-se na normalidade dos trabalhos escolares, pro-

queira — e afixava-se por a sua glória de
honra... — ao governo e a amnistia dos rebeldes
exilados.

Um dos rebeldes perguntou:

— E V. Ex.^a dá também a glória de honra
de que nem a amnistia?

— Isso... bem vê... — disse o D. João Simão
damente — que não posso afirmar, essas
coisas não sou eu que mando...

E ficaram nisto.

D' tardeahi e logo no Luzitano encontrei
o Siquis Carneiro com quem conversei e que
me informou do que se passava nas reuniões
em casa do Mario Monteiro.

Commece a haver questões. Hoje o Bissaya
Barretto e o Mario chegaram-se; o Bissaya
pediu a demissão, o Mario também, e com a
falta do Larocq que tinha feito para aquelles pre-
sidenças, começavam as questões e abanda-
lhar-se.

Censurei uma tal coisa; não se devia dei-
xar cair as reuniões nesse estado; era neces-
sario energia, era necessario julgo para conter
aquella gente na ordem e fazer ver que era a
morte não só do conflito mas da própria
academia não somente as dissensões inter-
nas mas também o contencioso — se cá fora;
isso iria dar alima aos estudantes que obra-
vavam contra e ao novo reitor cujas inten-

ções boas começámos hoje a pôr em duvida.

O Senacis depois foi para a alta e eu fiquei com o Pacheco e com o Lucendo Ferjáz (quintopus lá de philosophia); e sobre pôr a questão de gosto do receber nestes termos:

— A verdade é esta: o D. João é polibico; não passa por ser de uma grande honradez e mesmo glaura d'honra de polibico, para mim, nada vale. E quem nos diz a nós que isto tudo não é um truc do João Franco para nos fazer cahir? Elle a firma que se o governo não dê a amnistia, pede a sua demissão e nós podemos combinar no mesmo já... Mas que vale isto? Não será tudo combinado já e não serão estas as instruções?...

E escreveu-me mais baixo:

— Porque bem vêem que se nós começámos a ir ás aulas, elles poderão começar a demorar a amnistia, a demorar, a demorar... começando a esquecer... e depois, para que nos perca a demissão d'elle se elle a pedir? Nessa altura, a graça, é que se não tenha a fazer; mimido, é certo, não irás ás aulas, mas como é uma pequena memoria gondera o auno... os outros não a são... Eis a arrenditha!

De facto, com raciocinio, já exposto no commisso é razoavel e infelizmente verdadeiro. Não será isto a arrenditha que resultou das conferencias do D. João com o João Franco?

E a reunião d'hoje, em casa de Maria Mourão, renovou esta resolução.

A attitude é no fim de contas expressa por estas frases: "a academia não se deixa coimur!"

E agora, de mais a mais, que ha a certeza de que estes tão poucos rapazes que querem ir a actos não fassam dos 27 já desmascarados, agora é combinar para a frente e reger as blandicias (embora sob galarias d'haura...) do novo reitor que será muito bom, para mesmo offício suas... é politico.

Embora agora as aulas para a amnistia parecia perder tudo; depois começavam os rapazes a reunir-se bem e a pensar em fassam nos actos; os expulsos começavam a esquecer... e tudo ia por agua abaixo! Seria a queda de tudo quanto se tem feito de nobre e digno!

Os jornaes contrarios ao governo combiniavam no seu tarefa de ensinar que os rapazes não se rendem; dizia a Lucta:

« Por ora o que ha e registar é isto — a firme resolução em que estão os estudantes de não voltarem ás aulas nem irem a actos nem que fassam a acompanhá-los os seus colegas expulsos. A sua causa está ganha, etc. » [de 23 de abril]

E as Solidades, no seu constante githérie não

cerca de chegar "ao fanfarrão" como lá chamam ao João Franco; o numero d'hoje diz:

«É verdade que nós, a respeito do illustre chefe deste governo temos uma opinião antiga que hoje já sabemos garantida pelo faz iceiro: o honravel tem... bicho carijunheiro no corpo.

«Não se de estar quieto.»

É a respeito do facto de só progressistas se despedirem ou esgerarem o novo reitor, diz:

«Façam favor de ler nos jornaes da manhã a lista das pessoas que foram honravel á estacão do Nocio despedir-se do D. João VIII. Tudo progressistas retintos. Francuistas... nem mais, fare no mente.

«Oh! negra ingratitude! Lá lá uma pessoa poerificar-se fare servir... o seu amigo!»

Tanto em Lisboa como em Coimbra, nem um francuista!

Já é, no verdade, ingratitude...

Mas, continuando a gamear com o Pacheco disse-me elle que tambem á noite foi procurado pelo Nicolau Goncalves que lhe disse ter sido um dos 27 rapazes que assignaram a tal declaração; fare consultal-o e disse mais que assignara por conselho do Dr. Alvaro Basto.

Admirou-se por ouvir do Pacheco a formal resolução de não ir a actos nem ás aulas para a amnistia.

Ho-de por sempre o insensuravel Nicolau, o abstenido Nicolau que se matriculou em Calcu-
lo diferencial porque era uma cadeira "muito educativa..."

Boitados dos imbecis !...

Encontrámos o Aguiar, o vario Aguiar, que se nos declarou inimediatamente — segundo a sua forma gitorasca de procejar — "incondicionalmente ao nosso lado..." e como tal se gabou para rubir a laureas de Lisboa com o Pacheco.

Eu fiquei a encontrando o António Martins, disse-me este que o novo commissario de policia (pois que o que estava vas para o Judic) era o major reformado d'infanteria António José da Costa e Cunha que foi capitão no 23 e hoje é franquista em Taboa. Bom homem, muito serio, mas fraco.

Teremos.

É a resgito do caso que contái⁽¹⁾ do visconde do Ansel com o agrario Carneiro, disse que greveni com toda a franqueza o Ernesto de Miranda do organo de que foi victima o pobre artista; elle fez-se de móvas suas ficou — re-

⁽¹⁾ Ver pg. 92.

quando disse — peizente... E hoje, nas Novidades
 vem uma carta do Visconde desmuntando varias
 cousas a respeito da sua intervenção na greve e
 entre outras diz:

«... 2.º: É igualmente falsissimo ter conferen-
 cias de qualquer caracter com o ojerário barueiro
 que hoje difficilmente conseguiria gorguanto foi-
 rre ha dois annos agantado rumos das ruas de
 Coimbra e desde então não mais o vi.»

Por aqui se vee veudo o quanto leva essa noção
 do dever errada e idiota de muita gente que quer
 salvar as instituições. De quanto ridiculo se não
 cobra o major Costa e os meninos alferes se tudo
 se descobrisse como eu cometi anteriormente?

Continuarei a olhar pelo caso; no dia em que
 o barueiro — o jero ojerário infeliz — correr ge-
 rigo, não terei duvida em desnuas carar esses
 baes pervidores da monarchia!

Coimbra: =

= 24 de abril {4.ª feira} =

Finalmente, depois de quasi dois meses de
 aturadas e consecutivas reuniões das comissões
 academicas, consegui vencer o minha timidez
 e assistir hoje a uma dellas.

Desci pela rua do Quelbra-costas, metti ao beco da esquerda e resolutamente entrei pela casa do Mario Monteiro. Subi uma escada acanhada; ao cima ha uma porta que deitava para a sala e que estava tapada com raios de gesso.

Consegui, no lico do gesso, olhar para dentro. Em volta, pendidos mais ou menos convenientemente, havia muitos raios, agitados uns de encontro aos outros; e gelo chao, sobre umas das paredes ja velhas, grande quantidade d'elles estendidos, pendidos com linhas cruzadas, acocorados, etc.

Visto o objecto geral olhei para as caras...

Oh! ingenhos e bons raios!...

Lembrei-me da frase do João Chagas e respeito do jornalista Barbosa Botelho: « elle é, na politica portugueza, aquelle sujeito que nos bailes de mascaras, conhece todas as mascaras... »

Lembrei-me e disse de mim para mim:

— Eu tambem conheço as mascaras...

Em primeiro lugar, quem presidia era o quintanista de medicina Antonio dos Santos e Silva, conhecido e futuro chefe da faculdade; conheço-o ha bastante tempo e tenho como creature pouco segura. Ainda parece com os leites é muito soberbo e ha pouco tempo, em Paris, ainda, numa avaricaria, ouvi eu elle censurar o movimento academico ao Dr. Jose Bruno de Cabedo e censuras asperamente.

Se era sincero João que ia alle á reunião e que
ridir? Se o não era, dava mantença a um mes-
tre...

Depois, olhando para o chão, vi o Bernardo Pedro,
de cócoras, olhando de proboio para um rapaz que fol-
ta e que naquele momento chamava casmurro
ao João Franco. O que fazia elle ali? ouvir piunhas
mente o que se dizia? passar o tempo? Bom fran-
quezas não gostei de o ver lá...

Altoz delle estava o padre José Fernandes Faria
do 3º anno de theologia e que tomava parte activa
na discussão. A este padre accusa o Bernardo Pedro
de ser o delegado do visconde do Anual para aju-
dar a conservar este fogo pagado da intrusão e
fora contra dos derradeiros aljornistas.

Do lado deste estava o reverendo Solgueiro —
Joaquim Bonfim Solgueiro — do 5º anno de theologia,
famoso e sereno, como camuflado a um zezador...
mas não gostei mas desconfio delle.

A uma janella estava o Sergio Ballerito, já aqui
citado, um dos 3º que assignaram a tal declaração
e que agora vai ás reuniões, arregandido, com
mente...

At' gorta, a ouvir, estava o Lucas do Bauto, tam-
bem já aqui citado e que pela mesma assembleia
foi accusado abertamente de burro, de imbecil, de
estupido...

Ara precisamente quando eu cheguei discuti-
se o facto de as autoridades não consentirem me-

nheuma reunião dos estudantes excepto aquella em casa do Mario Monteiro Zorquer o que lá se resolvesse logo cá fora se patria.

— Onde estão pois os delatores? São os vizinhos de baixo, dos lados? é a gente da casa?

— E' talvez conveniente mudar de casa, abri-
tamos um.

— Procurem os traidores aqui dentro e deixem-
se dos vizinhos — acrescentou e com razão um ou-
tro.

Com vista disto e depois de discussão — Zorquer os rapazes nada fizeram senão a indizgensavel retheri-
ca — ficou resolvido que a comissão eleita no dia
1 de março e que tem funcionado, nomeasse uma
outra comissão, mas secretamente, cujos mem-
bros ficassem encarregados de saber quem seriam
os delatores do que lá se passava dentro e no caso
de o saber de o dizer por intermedio de um unico
membro (o unico que ficaria conhecido) á assem-
bleia, mesmo que fosse deante do Zorquer accusa-
do. Teria uma especie de policia secreta, uma espe-
cie de delegação inquisitorial mas necessaria e util
nas qreentes circunstancias.

O Mario Monteiro Zorquer mesmo que os no-
mes dos estudantes que fossem conhecidos como
traidores fossem postos em grandes letras em car-
tas, Zelas esquivias, para que todos vissem.

Ora enquanto isto se discutia, eu não cessava
de olhar para o Bernardo Pedro; fizis-me alguns

não a sua presença ali, calado, para regatar com
cours alguma.

Por isso eu disse: ingénios e bons ralzes!

Fallou-se depois da poluição do conflicto.

Contou-me então o Pastora Junior, um pyrrhithi-
co ralze, cárs ralzido, mureno, jezueo, mas muito
vivo, deotando intelligencia; e goz o que loutem
se jazára com o D. João d'Alarcão gozue elle fêra
quem apresentára o grupo de estudantes que estêve
"ás voltas" com o reitor.

Contou-me então que lhe expuzára tudo ás claras; as
informações que jrece o tal Sr. Barreiros Tavares
fornecera, afirmando que mais de 200 estudantes
iriam ás aulas se ellas abrissem, eram falsas, jo-
dia elle, reitor, acreditar. E regelêo o que dissera
n'um crescendo d'entusiasmo:

— Breis V. Ex.^o que estamos resohvidos a não
ir ás aulas nem aos actos. E se alguns quizerem
ir não os deixaremos!

A discussão generalisou-se.

O João Dalqueiro com um gafelinho na mão
aude tinha apresentamentos, começou a falar, jaus-
damente, com muito pereuidade, querendo concu-
liar a dignidade com os interesses da academia;
nem pó uma, nem pó a outra causa...

O Alfredo Franco, bo cárs de verzejador, queri-
do das ralzarigas, rezgou-lhe com um leve
mas muito concisa argumentação que não era
jossivel conciliar as duas causas; e como lau.

nesse dos cantos uns "afogados" o Padre Salgueiro disse pouco lentamente:

— Eu rezando, senhor presidente, eu rezando...

Falou também o Lanoco, com a sua graça própria, e ficou a gritar; e assebou-se em que se devia ir dizer ao reitor categorica e definitivamente:

— A academia de Coimbra não vai ás aulas nem aceita os actos agora, como foi usado pelo governo; afirma que nenhum estudante faltará a isto mas na hypothese de alguns faltarem e irem ás aulas, os outros, invadindo as aulas não os deixarão funcionar e não faltarão. Para combater se necessario fór, com a gloria. Tornamos pois V. Ex.^{ta}, rezando e zelando os combates grandes que sobrevierem!

E o Pestana, que é anarquista, acrescentou comovido:

— E eu, senhor presidente, serei um dos que hão-de ir preparados para lutar. Se o governo nos offerecer uma provocação nós responderemos. De com outros. E eu sou o guerreiro!... serei dos guerreiros a cahir sempre por um motivo, mas a gloria!... Não estou aqui para outra coisa! E se me vier... nada se perde!

Immediatamente se quiz renovar uma commissão para procurar o reitor; mas afirmou-se logo que elle não estava, que tinha ido a Lisboa, o

que fez dizer (creio) ao Larocq as seguintes judi-
ciosas observações:

— Estou convencido de que o Sr. D. João d'Alar-
cães Xezia de Lisboa a auctoridade mas naturalmen-
te ordena, tambem, para jogar até á ultima. A
auctoridade peria o ultimo cartucho. E de mais elle
foi suggerido pelo Barthelemy Tavares que lhe trouxe
deu os boes 200 ou 300 alumnos para as aulas...
Ora como tudo isto lhe appareceu muito differente de
que parecia de longe, foi a Lisboa conferenciar com
o João Franco. Um homem que bráez flemos jode-
res que necessidade tem de ir consultar o João
Francos dois dias?

Estas observações calaram no animo de todos
e resolveram-se que auctoridade iriam falar ao ho-
mem se elle já cá estivesse.

Depois a discussão proseguio, com episodios en-
gracados, por causa de uma teimosia de um rapaz de
direito, Barthelemy de Rocha, acerca de uma proposta
feita á comissão e que motivou o seguinte episodio:

Dizia elle, indignado, esballeira ao verbo, rian-
do, sem querer, em ão.

— ... porque eu profuz na ultima sessão, por
consideração para com a comissão...

E o Larocq, indignado, abalhou:

— Heu bis, senhor D. Villão!

E logo um outro:

— ... ou não vendes coração!...

E' claro, o episodio ficou resultado em riso.

E poriam 4 horas se cerrou-se a sessão (tinha começado á ~~esse~~ meio da tarde) marcando-se para o ordeni do dia de amanhã 1º: ouvir algumas esboudanças que tenham feito declarações nos jornaes, se elles lá fossem; 2º: assentir no que a academia deuria fazer em qualquer das hypotheseas que o governo apresentasse.

A parte da sessão assistiu o Jayme Luzarbe Cortezão, estudante da "Medica" do Porto, e que foi meu condiscipulo no Lyceu.

Fizeram-me uma calorosa recepção, e elle disse que no Porto tudo continuava na mesma attitude intransigente e que até um dos estabelecimentos de ensino (se a memoria me não falha o Instituto Commercial) exigia, além da annuidia, o numero d'aulas perficias até ao fim do anno lectivo. Isto provocou da parte da parte da assembleia uma ruidosa manifestação de sympathia.

Depois de pahir e combinar com o Pacheco em fazer afastar o Bernardo Pedro daquellas reuniões desci á baixa, aos jornaes.

Realmente o Bernardo, nas melhores bo-fé go-dia combiar causas ao Freixas e este, como goliatico, não querer saber de nada e combiar ao governador-civil ou receber qualquer causa de inforta-ção que se dêre lá.

Nos jornaes e mesma causa; os derradeiros e republicanos continuam na ~~mesma~~ tarefa pyrrifica de alimentar o fogo sagrado:

«... Não insultem as crianças porque ellas se mostram mais intelligentes e mais affectivas que os homens, praticando a solidariedade como a eu-
tendia o famoso Heleus. O egoismo é a lei moral
dos nossos dias e na sociedade portugueza elle não
é só feio é tambem estúpido.

.....
 Não se esqueça a gente das más qualidades de
 tantos homens barbudos a ver como se afirmam
 dignos e berrosos os ralzes ainda sem buço.» (A
Lucta, de 24 de abril.)

É o órgão do franquismo combiema na mesma
 estúpida babugem...

Vem tambem a noticia de que um grupo de
 paes se reunio na Real Associação d'Agricultura
 em Lisboa, para decidir cousas.

O Balthazar Teixeira contou-me mais que es-
 tes paes foram ao João Franco e produziram-lhe
 a abertura das aulas ou os actos; que o presidente
 do conselho lhes disse que mandava abrir as au-
 las ou começar os actos se elles se responsabilis-
 ssem pelos filhos; que pediu a certeza de que seria
 gente para a Universidade combiema aberta, mas
 a mandava abrir:

— Não quero subjair-me a outro fiasco, co-
 mo o do dia 8...

Isto affiançou-me o Balthazar e é interessante.

Os zacs, em vista disto, quasi todos disseram que não iam violentar os filhos, e deixavam fazer o que elles quizessem...

Os jornaes dizem mais que uma comissão d'esses zacs vem a Coimbra, para conversar com os leões...

Estão arranjados!

Os Novidades transcrevendo a noticia da morte do rei, encerra-a zelas zelaes: «Real! Real! Real! Por D. João VII, intellectual!» Segue a noticia:

«Seguidamente, os decaes das faculdades de Theologia e de Direito por Dr. Lino e Galvão e o rector da Universidade dirigiram-se á sala do throno onde já estava o rei João esbandando e farda de zacs do rei sendo ao zabo as suas condecorações.»

E termina zacs conversando simplesmente o seguinte:

«Depois, houve beija mãos.» {Novidades, de 23 de abril }

Quanto ao Illustrado vem cada vez mais infame. No artigo de fundo, referindo-se a intervenção na greve, do Dr. Luis Maria de Silva Ramos (já fallado aqui) chama-lhe comissão educa-

Siva e comparecendo-o ao Dr. Bernardino Machado
diz o seguinte:

« O Zimereiro (Bernardino Machado) foi um
agradador — e não tinha o direito de o ser, sobre tu-
do enquanto não se houvesse demittido do lugar
que occupava no cargo de cante da Universidade; o
pequeno (Luiz Maria) é um adrecedor, proceden-
do em harmonia com o seu dever profissional e
até em harmonia com a logica e o bom senso. »

Curioso.

Neste mesmo numero veem mais quatro de-
clarações, como as anteriores, sendo uma delle, a
do celebre Girão que fez a greve no Zimereiro
dia de aulas, e que foi enviada para o jornal ca-
tólico A Palavra, como as outras tres.

Não merece duvidas que o honorem é jesuita.

Mas se ficam para publicar ás outras:

« De harmonia com o anterior procedimento
na questão da greve, faço tenção de ir a actos, se
os houver, não obstante quaisquer resoluções toma-
das pela Commissão Central Academica de Coimbra.

Américo d'Amorim Girão

(Do quarto anno juridico)

Estancos, 21-4-907. »

É filho de Custodio Ribeiro Pereira d'Amorim

Ginão, de Fátima, districto de Vizeu, e como
se disse, do 4.º anno de Direito.

« Sem. redactor:

Querendo ser coerente com as afirmações au-
teriormente feitas devo dizer mais uma vez, e
uma maneira clara e categorica que sou ambi-
guedista. Não tendo passado em Coimbra pro-
vação alguma para ser meu agir reservo-me o
direito de proceder em todos os meus actos, cuja
responsabilidade eu totalmente assumo, segundo
o criterio da minha consciencia e impulsos da mi-
nha livre vontade.

Tribunals, 22-4-97

« Abilio Pereira de Araújo. »

É filho de Joaquim de Azevedo de Araújo Couto,
natural de Tribunals, districto de Braga, e calouro
de Theologia.

As obras duas idênticas na essencia e na for-
ma são de:

Carlos de Azevedo Mendes, filho de Manuel
Marcos Mendes, do concelho de Torres Novas, do 1.º
anno de Direito; e de

Antonio Pereira da Silva, filho de Antonio
Maria Pereira da Silva, do concelho de Tondella,
Vizeu, do 5.º anno de Theologia e 4.º de Direito.

Este ultimo, começa abê a declarações de seus fi-
nos eugrãçdas:

«Sou redactor:

Desejando ser inscripto na galeria de honra do Mundo, faço a V. a fineza de ... etc.»

Transgente (de p. 116) 10; com mais 4 d'hoje
somma tudo — 14.

Depois do jantar, na baixa, a mesma coisa.
Nada de importante. Esgravam-se os galas e en-
tre elles o muito irascivel Reis Vozel.

E até ás onze da noite, conversando e garrui-
ando com o Floro, modo que appareceu diguo de re-
gisto alem das garruchas e raudas successivas da
cavallaria zelo meu bairro e zelo estrada da Beira
por causa do José Eugenio, e a enlaidada noite de
lunar, sem humidade, que fazia fugir a nossa
imaginação, ha quasi tres semanas envolvida
em cousas bem barreas, fazo cousas bem diver-
sas. Fallou-se vagamente em garras, em pu-
theras, enquanto zelo rio acima, meu barquito,
zembé garrava, cantando qualquer coisa que se
zordia ao longe, faz entre os palmeiros das mar-
gens.

Coimbra. =

25 de abril {5: feira.} =

Hoje, pouca coisa. Com o calor que faz, deixei-

me ficam por casa, arrestando por entre livros e folios, a minha irrederivel indolencia.

A certa altura telephonei para o Freitas, e em breves horas disse-me, como que casualmente:

— Oh meu major! Quer fazer um favor ao Bernardo Pedro?

— Diga...

— Veja se lhe diz que não vá ás reuniões da comissão academica...

— Elle vai lá?

— Eu vi-o lá hontem. A razão dir-lhe-ei depois, porque não é coisa para telephonear...

— Bom, está bem, eu digo-lhe.

E assim consigo afastar o rapaz das reuniões onde a sua presença seria surtida.

Depois,ahi, é tarde, mas não vi nenhum dos rapazes conhecidos; no Lusitano a mesma coisa; commentarios, alvites, offensas...

E assim fui, novamente, para casa.

Quanto aos jornaes:

O Correio da Noite anegela-se todo porque o jornal desordenado O Dia vem como um damado gela a actividade dos rapazes;

Os Novidades fizeram o requerimento do republicano Francisco Borges promovendo processo ao João Franco por fazer distribuir o seu discurso nas reuniões das maiorias para as formalidades ou exigencias da nova lei de imprensa!... e

entre outras cousas lançou a seguinte bisca :

«D. João V^o acceueitou os acadêmicos de Coimbra a cabibular perante o governo.

Ora ste que enfim se sabe o que elle lá foi fazer.»

É o Tribuna Popular, de Coimbra, esse seu caucetrada diz seu antigo de fundo, João Gomes do catedrático Oliveira Guimarães :

«Sim!

A Universidade não pôde combater-se com a angustiação de cirurgia urgente que se traduzia na eliminação de sete pretensos discipulos.»

É sempre aqui fazer umas emendas.

O seculo d'hoje diz o seguinte :

«Houve no domingo, á noite, um conuicio no Beiramar, onde falaram diversos estudantes sobre a questão acadêmica. As 7 horas da manhã do dia 23 alguns estudantes fizeram uma conferencia na feira de Santa Clara, enthusiasmandos-se.»

Ora este conuicio foi o seguinte: no dia 22, um grupo de estudantes em que entrava o pequeno-mista de medicina José Augusto de Oliveira e

Vasconcellos foram fazer uma gaudete e Bem-
canta. Guiltánada, carbonia, o diabo...

Isto fez jumban govo e o calor do vinho fez
como que a certa altura a mesa de ceia fosse trans-
formada em tribuna; houve discursos vehemen-
tes e o govo ouvia e achava graça.

A ceia, como é costume prolongou-se pela
noite adiante; quando saíram o pol estavam
elles em S.^{ta} Clara, tomando ~~os~~ o fresco...

Era o dia de feira de gado; jumbou-se gente
para os ouvir tocar e ainda em restos do vi-
nho provocaram novos discursos.

Eis a verdade sobre o comercio e sobre a con-
ferencia a que o idiota do correspondente do Se-
culo deu curso tão estupidamente.

Coimbra =

= 26 d'abril (6.^a feira) =

Bommo estava calor fiquei por casa. Só á tarde
nahi, á cata de novidades, que desde a entrada do
acabecimentos na monotonia em que estão,
quasi não existem.

Andei dum lado para o outro e eis penão
quando encontrei o Ernesto de Miranda, secre-
tario particular do governador civil a quem che-
guei e com quem comecei falando.

O Ernesto, bom delegado do chefe do distri-

eto, começou logo a bravar contra a comissão acadêmica, contra o Mario Mambais, « um gutha » como elle disse, e a vergilô do qual accrescentou mesma sua gumentaria de mysterio:

— Sei causas delle, que se o meu amigo souberre !...

Eu acabei-lhe a sua lingua e a vontade de se remeitar contra esse gobre diabo com laivos de futuro pocio da Academia real das sciencias; quasi o fiz fellar e elle então, indignado, como quem binha na mão a refutação do ralgôz contou uma engenhosa historia duma memoria que binha gar fim um arrumamento duma cope forte do Tio da glaube requestada para que um gajel greciozo não compromettere o gô do Mario Mambais-ro !...

O cego franquismo !... Como estas cousas se immentam !

Eu, quando o Ernesto acabou, ri-me; elle deu parte com o riso e quando iamos a voltar é cargo e eu a dizer-lhe que se quizessem deslustrar os ralgôzes não se permitiriam de argumentos tão reles, chegou-me a nós o indignado commissario de golicia, o major Cunha.

A conversa veio cahir, porque eu a fiz cahir, no insuccesso da sua escolha para commissario; e elle, com a sua voz um pouco faheza, explicou:

— Odeu-nê o alferes: eu disse ao conde de (o governador civil) que para reorganisar a goli-

cia, precisava de um subalterno, embora a título de interino; que não queria por nomeado pensar também como interino, porque se podia dar mal; que queria mais gente para o cargo de polícia e com bom recrutamento, dando fora uma certa quantidade de imbecis, etc, etc. Mas...

— Não quiz...

— ... como não quiz... não temos nada feito...

— Foi melhor assim, meu major: que necessidade tinha V. Ex.^a de se metter em cousas...

— Bem vê: eu gostava de ser agradável ao conselheiro e mesmo ao garbido. E com franqueza, nas relações em que estou com o João Franco... pois, queria ser útil.

— Ora, meu major!... isso é...

Mas fui interrompido bruscamente pela presença terrífica do tenente-coronel Dias.

— Oh Ernesto, como vai você...

E o Ernesto, sabendo que eu não queria ser apresentado ao homem, volta-se para mim:

— V. Ex.^a dá-me licença que lhe apresente um dos meus poucos amigos... etc, etc.

Veio á ~~esta~~ convenção o caso da não aceitação do Cunha para commissario; o Dias desculgava o conselheiro José Lobo e de curso em curso, com uma loquacidade extraordinária veio a combater e pôs estreis como official em commissão na policia.

Eu estava com attenção e dizia de mim Gama
mim, vendo o pai entusiasmado vaidoso no co-
lorido da narrativa :

— Mal sabes tu que o que dizes me tudo Gama
o Gagal !...

Mas elle contava : fôra quando ha bastantes
anos o João Franco dissolvera a Associação
comercial de Lisboa. Tinha então cinco dias de
serviço na gôlicia e fôra encaregado de ordenar nas
ruas ; conferenciára com o ministro, este dera-
lhe certas instruções, mas a respeito de bernan-
das algumas dissera :

— O resto é conforme o seu critério e o
seu bom sauze...

Está cousa de o resto fizeram-me cocegas... Que
diabo !... o resto !...

Mas lá foi.

No Terreiro do Paço, de dia, houve ajuntamento,
to, chiupim, o diabo ; abiraram-se á gôlicia, co-
meçou a bardoada, houve granchada de crear bi-
cho, gente ferida, gôlicias feridos, o Gregório Dias
agarrhou, foi, enfim, um paritho terrivel. Quan-
do se vio puchar da grande graça Zombalina,
com os seus honores a puar, liugando de pau-
que os charpalthos e a testa, disse Gama os seus
botaes :

— Fil-a bonita ! estou arranjado... O João
Franco desanca-me...

E pobre o auxilicor, táciturnamente, foi

ganbar. Amargurado ganbar!... e meio chamou-nos ao telefone: «meu depresso! o Ticio transborda de gente! salve as instituições!» (a ultima agostinho é meu depresso...)

O Dias foi.

O Ticio estava aginhado; havia barulho certamente; pediu reforço e troço da municipal e o seu olho luziu quando viu descer um esquadrão dos lados do barneo! Estava tudo salvo: combateu com a policia, a gente d'um lado; fellou ao capitão (que disse ser candidato) um Tamaguirri, com binários piquetes e zés! quando tinha tudo cercado de policia, fez o signal, a cavallaria cahiu em cima da multidão, acubilaram a torto e a direito, o fogo abriu brecha no cerco e irromperam para todos os lados, deixando gelos espedas piquetes de sangue.

— Foi um paritho!... dizia elle com a berrugela em molimentos, como o cardeal Turo da baia do Julio Dantas.

O que é verdade é que tudo se passou; mas depois tornando a fazer:

— Estão bem amarejados! desta vez é que vou á nella!...

Foi á esquerda, tomou os seus aginhamentos para um relatório e eis quando o chamaram ao ministerio do reino:

— O Sr. ministro deseja-he fallar!

— Oh co'os diabos!...

E lá foi, tremulo, esse terrível Dias, que fizera fugir meia Lisboa, há umas horas!

Um vez na presença do João Franco este disse-me que contasse o que acontecera. Minudamente, com precauções, fixando a cabeça á sua jardineira, contou tudo... a revolução na rua, a queda das instituições, os gritos altamente subversivos, a grande data de franchada que deram, os ferimentos na policia, os hospitais cheios de manifestantes contínuos, as ruas tintas de sangue d'irmãos...

E o ministro, depois de ouvir callado, levantou-se, estendeu-me a mão e despediu-o com a seguinte phrase a que elle dava o rotulo de beirões:

— Muito bem! o senhor comprehendeu muito bem o meu governo...

E quando o Dias, cheio de enthusiasmo acabou esta phrase, do grande honravel, olhou para mim com o olho maroto que lhe luzia na gelle trigueira de amarelado, como quem diz:

— Embão que dizem vocês a isto?...

Eu, modesto official d'infancia provincial, fiz uma leve venia, como de admiração profunda por tão alto feito d'armas e por tão elevado e tão piucero conceito...

Depois, como receasse que o minha conversasse com tres personagens de elevada gerarchia politica e policial, despedi-me precipitado, despedi-me e desci ao Marques Pinto purificar-me num banho republicano com o Floro e o Nicolau do Fom.

peça que discutiam a uma mesa um caso brio-
do da nova lei da imprensa — e com os olhos
pudi imediatamente vê-lo, depois, levando em
conta na memória a phrase conceituosa e — oh!
estantemente! — bem pinçada do João Franco, fe-
licitando o Dias e esquecendo a tudo o que hou-
vera de brutal no regresso:

— O senhor compreendeu muito bem o meu
juízo!...

Como elle, a esta hora, deve estar generoso de
não poder dizer — quando felicitasse o Dias tri-
unfante, no seu regresso, depois de deixar esten-
didos varios academicos — essa mesma phrase
tão conceituosa e tão profunda!

Coimbra =

= 6 de maio [2.ª feira] =

Quando, no dia 27, me preparava para o almo-
ço em seguida ao qual iria saber noticias, um
telegramma que me fabricava a morte de Lici-
nio Silva, obrigou-me a partir immediatamente
para Lisboa no sentido que d'ahi a uma hora pas-
saria em Coimbra.

D' agora, mettendo umas cousas no mala,
esqueci-me de levar comtigo este caderno su-
de assentaria uma vez por sobre algumas cousas;
assim, vou tentar lembrar-me do que ouvi e do

que vi durante os nove para dez dias em que estive na capital de marmore e de granito, tendo ao lado um masso chronologico de jornaes.

Durante os primeiros dias não pensei em nada de questões, impressionado com a morte gravatada do que eu considerava já amigo; de quando a quando jogava meu jornal e lia qualquer coisa, com o desconsolo de ver que as duas declarações continuavam infamemente.

Ouvia falar vagamente em reconposição ministerial; ouvia insinuar que a greve se não mantinha; mas sobranceira a todas as impressões havia a triste impressão que sentia, vendo que só de Coimbra haviam declarações contrarias á greve e que, de Lisboa e Porto, haviam protestos firmes de intransigencia.

Que gens me causava tudo isto! Como se ia atolando um generoso movimento!

Logo no primeiro dia, a 27 de abril, quando jantei no Franco, encontrei o meu contemporaneo da Escola do Exercito, hoje tenente de artilheria, José Marques Albuquerque, que foi ajudante do Sebastião Telles quando ministro na ultima situação progressista. Como sei que elle é todo de ruas dos Alfamegas, perguntei-lhe:

— Então o João Franco, vai ou não vai abaixo?

Elle, com o feitiço dubio que o caracteriza, ainda honrando a alcinha de franquismo que tinha na Escola, disse que sim, que não... e terminou por

afirmar que na 2.^a feira seguinte (29) haveria conselho de ministros no qual se resolveria a queda do franquismo ou a recondição; que o José Luciano não queria dar a ministros progressistas, mas o que era certo é que a situação estava gericlitante...

— Os pelagres sempre fizeram algumas coisas...

— Olha que a greve tem sido o diabo!...

Está grande a coisa formal confissão, attendendo a que o Algueira é muito de nós dos navegantes e vai casar com uma filha do Eduardo Villaca, que foi ministro dos estrangeiros no ultimo governo progressista.

Contente, José, escrevi quando acabei de jantar uma carta ao Freitas, contando o caso; e sahi do hotel para de novo voltar a Sete-rios, lembrando-me de que as novidades da vespera, applicavam ao caso o ritornello de Grã-Duques:

Deixis d'avanço
Terminis a sangança...

Sempre o mesmo, o Sr. Barboza Coler!

Os jornaes que conheci, pouco se adiantava além da noticia que um grupo de gazes, de Lisboa, se reunira na vespera e ia tomar o caso á sua conta enviando uma circular aos outros gazes; que o Diario do Governo publicara na vespera o decreto exonerando o Bernardino Machado, de lente; que de Coimbra garbaram para a Beira dois estudantes em viagem de propaganda; e que parece que

a maioria dos rapazes da Universidade continuava infrausigante.

Compreendo, no dia seguinte, 28, os jorneiros, vi um curioso artigo de fundo no Seculo acerca dos sete exfalsos e que vale a pena ler; vi que os leites de direito não publicam um livro em que grovarão que o seu methodo de ensino está á altura dos tempos modernos e certamente... regenerar a todas as calumnias; e que os galegos continuavam no mesmo afanosa missão de tudo corrigir e harmonisar o que deu logar a um bello artigo, no Lucta, do Brito Camacho.

No segunda-feira, 29, tive ao almoço, para que o convidara no vespera, o Salgueiro, o inimico faldado Salgueiro; lá amarejara licença em Meja, viera no vespera e lá é noite outra vez para o convento.

Perguntei varias cousas e elle contou; mas o que aqui merece menção é a seguinte:

Os cadetes tinham umas horas para estudar; e uma tarde, a umas horas, meus camaradas, por signal que no "pella dos engomados" os rapazes estavam uns jogando, outros deitados, outros lendo e um recortando luchos para o concurso do Seculo.

Á certa altura entre o commandante da Escola Prática — o meu querido ex-commandante do 23, Pedro Celestino da Costa — e vi aquillo tudo, mas não disse nada. Regreando, jorneiros, no

recorte incoerente dos luchos lembrou a conveniência do estudo... lá os luchos do Seculo, que diabo! isso é que não...

Schim, e d'ahi a pouco entrou o official de serviço aos cadetes, lembrando a inconveniencia de, ás horas do estudo estar a recordar a lucharia do Seculo...

(Polvo Celestino da Costa!)

No correio da manhã chegou-me a Resistencia, e trazia de novo o manifesto (já aqui referido) do Partido de Guental, mas com as assignaturas todas em que se vê não só representado o conselho de decaus que assignou o glorioso acordão, mas muitos importantes da politica... Representante do conselho de decaus vem o Dr. Julio Augusto Lauriquez, já bacharel em direito e está no 3.^o anno de philosophia; representante da politica está, entre outros, o conselheiro e zar do reino (da ultima jornada) José Luis Ferreira Greine, está no 2.^o anno de direito.

A Lueta, vem com o artigo de fundo assignado por José de Luaghaes:

« É agora a situação é melindrosa porque a verdade não pôde já evitar o recuo, nem cair do na indignidade. A culpa é de quem deixou que as coisas chegassem a este ponto. »

Outros jornaes trazem uma gortaria do rei.

mistério do reino, sendo-aos nosz do Lyceu fraternalmente, amigavelmente...

«Attendendo a que os acontecimentos produzidos em alguns Lyceus do Paiz no decurso do corrente mez, devesem contribuir-ae ás influencias exteriores mais do que ao proposito deliberado dos alumnos Lyceos que nelles tomaram parte;
«Tendo em vista... etc.»

É nos januaes de tarde quinta e nove que o commandante da divisão absolvera os dois cadetes que foram accusados de bater na policia quando esta invadira a Polytechnica no dia 8 de abril «... tendo-se sabido que as partes carregadas da policia não eram a expressão da verdade.» [Solidades, de 29 abril].

Ors assim é que é. O general bravo Lages tinha na sua mão um código terrivel; achou-o cruel para um caso daquelles, não o applicou.

Se fosse com os primeiros leões de direito!... bater na policia!...

É assim gasser o dia glorioso de 29 de abril, o fazo como anniversário de Carta, com bombardamento fingido no Tejo e bandeiras nas casas officiaes.

Ors no dia seguinte, subreflexivamente, o creador do hotel metter-me for debaixo de Carta, de minha, uma carta.

Pelo subscripto vi que era do Freitas; curioso,

saltei de casa e abri... e li casei interasse e com
um sorriso o paguêba: ⁽¹⁾

29-4-207

Meu caro Biliario

Saudre grevista.

Então queda?! Facilmente acreditamos o que
desejamos.

Ha hoje conselho, ha recomposição e nella ordem
teremos ministro novo fabricis.

Mas queda e indulto isso é que não.

O principio de autoridade e ordem salvo. E' as-
sim que Jesus bleuanceau mandando prender
anarchistas e anti-militaristas por causa do 1º de
maio.

A Liberdade, igualdade e fraternidade é uma
formula de glorificação mas que é oca para todos os go-
vernos desde os mais conservadores aos mais radi-
caes.

.....

Poco para não me metter perto com noticias
alarmantes para mim mas muito agradaveis pa-
ra o Mario Monteiro.

Quando reunire o seu verdat'any?

(.) D. de Freitas

⁽¹⁾ Na Coll. Cartas - I, 72-A.

Curiosos estes franquistas!... Esta carta é um documento bem interessante!...

Em janeiro vi que uma comissão de rapazes, em Coimbra, procurava o reitor da Universidade e lhe disseram:

«... far uma vez que a academia portuguesa resolveu: 1º: não entrar para as aulas para concorrer a actos antes da admissão dos pte estudantes expulsos. Isto não quer dizer que abandona as suas anteriores reclamações mas tão pomente que, no caso de admissões dos pte camareadas resolverá a attitude a seguir eubão. - 2º: não concorrer a actos, mesmo dada a admissões dos pte, enquanto lhe não for concedido um periodo de aulas para o conhecimento integral das materias.

At resposta do Sr. D. João de Alarcão foi a seguinte:
— Eu nada tenho que dizer. Estou insbirado.» (O Sembo, de 30 de abril.)

Vi também que uns rapazes foram ao Porto, continuando a profaganda; e que o reitor, na viagem, andava em Coimbra, fazendo visitas, ao que as novidades acrescentavam: «De regresso; — já se deixa ver...»

Chegou no dia seguinte o 1º de maio, da festa dos trabalhadores; há dois meses que lá iam os acampamentos determinando da greve e o governo

modo resolveu de Jorjão ajeitar de per alvinhado de governo de rana e quasi unica energia!

Em dois meses não surgira um raio de luz na noite caliginosa da teimosia franceza!

Alguns agora os Jofás vieram dar um novo aspecto á questão com a sua intervenção miraculosa; os jornaes annunciaram que começára a distribuir-se a circular alludida já e que meu Pae tambem recebera e me guardou.

Esta circular que meu Pae foi entregue por Bernardino Rago d'Alte Engargos, um analfabeto rico, que dum momento já citado aqui⁽¹⁾; elle proprio a veio deixar em casa de meu Pae.

O zelo!...

Nessa circular allude-se á disciplina, á ordem publica, á dignidade pessoal, e varias cousas me nos á amnistia dos 7 exilados... esses peté... aos quaes, como dizis o chefe, elles disseram tambem:

— Exo é que não!...

Iniquávam Jofás de todas as cores e de todos os feitios; e era nesse Jofal que todos ganhavam as esperanças de uma futura conciliação!⁽²⁾

E junto, vindo já a Jofinha feito nos seguintes dizeres que não houvesse trabalho e ajeitas a desfazer minimumo de 5 reis...

Bil. a:

(1) A H^o 115

(2) A circular nao affere a este Jofinha.

Lisboa, 26 d'abril de 1907.

Ill.^{no} e Exm.^o Sr.

Tendo-se reunido alguns paes de familia, com o fim de combinar a intervenção que no interesse de seus filhos poderiam ter junto dos Poderes Publicos, para evitar a perda d'anno escolar e ulteriores consequencias da continuação do conflicto ou questão academica, foi lembrado — como era de razão — o nome de V. Ex.^a para ser igualmente ouvido e consultado sobre o caso, resolvendo-se perguntar a V. Ex.^a se por sua parte e de seu filho concorda em proceder por esta fórma e prestar a sua adhesão.

Parece-nos, claro, que as providencias a tomar para fazer cessar o conflicto sem prejuizo para os membros da Academia e suas familias dependem, em primeiro logar, de se poder ou não assegurar o restabelecimento da ordem e regularidade escolar, terminando dissidencias ou fazendo cessar quaesquer imposições para deixar plena e absoluta liberdade de apreciação aos estudantes que d'ella possam e queiram usar, intervindo os paes, não só como naturaes conselheiros e primeiros amigos, mas como legaes representantes dos filhos que ainda sejam de menor idade, cumprindo assim deveres, que só a elles cabem e de que não quererão abdicar.

Rogamos, pois, a V. Ex.^a se digne responder-nos com a brevidade que o assumpto reclama o que resolve, devolvendo-nos assignada a declaração junta para sabermos se concorda ou não com o nosso proposito de intervenção para os fins referidos e se evitar a perda d'anno aos estudantes, como para todos parece ser consequencia necessaria da actual situação, se providencias especiaes em contrario não forem obtidas, como é nosso empenho.

Escusado será dizer a V. Ex.^a que não é menor desejo nosso que o beneficio que procuramos para a Academia possa vir a ser geral, assegurando a concordia e boa harmonia dos estudantes todos, que tão proficua é, sempre que assente no reciproco respeito pelos direitos e opinião de cada um, mas, entendemos que no actual estado de coisas, que não creámos nem de nós tem dependido, não podemos impôr condições e temos de acceitar aquellas que ficam referidas do restabelecimento da disciplina academica, que faz parte da indispensavel ordem publica e consequente regularidade escolar, completada com o respeito e consideração devidos ao Professorado, o que tudo bem se concilia com os principios da dignidade pessoal, que nenhum pae pôde dispensar que seja assegurada a seus filhos.

São estas as ideias correntes na reunião referida e, como delegados d'ella nos dirigimos a V. Ex.^a pedindo a sua resposta e assignando-nos

De V. Ex.^a
att.^{os} e ven.^{ros}

<i>Abel de Mattos e Abreu.</i>	<i>Frederico Pinto Soares.</i>
<i>Alberto Telles de Utra Machado.</i>	<i>Henrique Justino da Rocha Ferreira</i>
<i>Alfredo Tovar de Lemos.</i>	<i>Jayme Arthur da Costa Pinto.</i>
<i>Amandio Eduardo da Motta Veiga.</i>	<i>J. J. Izidro dos Reis</i>
<i>Antonio Eduardo da Costa.</i>	<i>João Pedro Peixoto da Silva e Barbosa.</i>
<i>Antonio de Castro Freire.</i>	<i>João José da Silva.</i>
<i>Antonio Ferreira Augusto.</i>	<i>Joaquim Augusto da Silva Carvalho.</i>
<i>Antonio José dos Reis.</i>	<i>José d'Abreu Macedo Ortigão.</i>
<i>Antonio Maria de Carvalho Almeida Serra.</i>	<i>José Bernardo Antunes de Souza.</i>
<i>Antonio Telles de Pereira Vasconcellos Pimentel.</i>	<i>José Henriques Tavares.</i>
<i>Antonio Vieira.</i>	<i>José Joaquim Roque Correia Affonso.</i>
<i>Antonio Waddington.</i>	<i>José Leal da Costa.</i>
<i>Arthur Maria Botelho Lobo.</i>	<i>Luíz Gonzaga Reis Torgal.</i>
<i>Augusto Carlos Cardoso Pinto Osorio.</i>	<i>Manuel Antonio dos Santos.</i>
<i>Caetano Francisco Filomeno de Figueiredo.</i>	<i>Mauuel Emygdio da Siiva.</i>
<i>Domingos Pinto Coelho.</i>	<i>Manuel Ferreira Cardoso.</i>
<i>Ernesto Madeira Pinto.</i>	<i>Paulo de Azevedo Chaves.</i>
<i>Francisco Ferreira Garcia Diniz</i>	<i>Vicente R. Monteiro.</i>

Sello postal
—
cinco réis

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr.

Antonio Maria Pimenta

Circular dos Paes de Estudantes
sobre a questão academica.

Cocimbra

Resposta á circular dos Pais de Estudantes aos seus collegas sobre a intervenção no conflito ou questões academicas.

Responde á circular referida que concordando no intervenção dos Pais para se pedirem providencias necessarias a evitar a queda do anno escolar dos filhos e ultimas consequencias igualmente prejudiciaes para elles e para todos querendo para isso e minha adhesão em meu nome e no de meu filho.

.....

E no verso, em letra gorda:

dos delegados de Pais de Estudantes

Rua Garrett, 95 - 1.^o
(sede da II. Associação Central
de Agricultura Peninsular)

Lisboa. ⁽¹⁾

Creando tudo isto a perfidia extrema! Ven-se-lhe o que d'aqui se ha.

Nos jornaes viuha: uma carta de um Sencaira - misto de direito Sencaes Corbe-Rest de Cources, afirmando que para o anno lectivo que vem ninguém se deve matricular se não vier a assistência dos pais; sem artigo de fundo, base, nas novidades, sobre

⁽¹⁾ Este archivo: no Masso III = 48-F

o caso, chamado "A questão dos estudantes." E tive o consolo de ouvir no noite d'esse mesmo dia, uma lôza no João Franco, dado pelo coronel Alfeu do Augusto de Barros, chefe de uma repartição do ministério da guerra, que é um homem de senso, muito intelligente, illustradissimo e vendo bem as cousas.

Viei a quinta-feira, 2, e nos joruaes da manhã a nova dum novo manifesto Ao Paiz⁽¹⁾, com uma carta energica e nada real escripto; e eu, que oudiva com ella fozgada, — fozque dei parte com a communição do João Franco com o Glemanceau — resolvi responder ao Freitas, lançando-lhe algumas baixas e demais com a minha impressão da recomunição ministerial em que entrava o Marbuis de Carvalho (o Marbuis banda do por alcanho) deshonra da minha terra natal... que tambem the renvio de banco.

Escrevi Jois a seguinte carta:

« Meu major:

« A ironia! sempre a ironia!... E os litteratos julgando tristemente que a ironia baixana é cousa com o odaver frio e inerte do Es de Sueinos!...

⁽¹⁾ Masso III = 48-H

« Como elles se enganáram, os maldandinos!...
 Qual! a ironia vive, a ironia ficou, a ironia bruta ex-
 cellentemente e com verdadeira facundia de varios
 gantos e muito principalmente das redacções publi-
 cas, das zonas officiaes dos funcionarios peveros,
 dentro de polserigtos carimbados com a indicção
 graciosa da respectiva redacção!

« Qual!... Embas que mais fina ironia que aquel-
 ta em que se confundia a Blemanceau com certo ho-
 mem que como o mestre d'Aviz quiz por o me-
 xiao de uns nove gantos!... Sim, a Blemanceau,
 que, se faz rir o estado principis "de autori-
 dade e ordem" é para seguir leis boas, leis verda-
 deiramente liberas e progressivas que se tem de
 fazer em obediencia, não a esse tal principis
 de "autoridade e ordem" mas sim a um outro
 muito mais elevado e muito mais pagado: o
 progresso. Sim, confundida a Blemanceau esse
 certo, xuás, a Blemanceau que acata as leis que
 elle não dignas e não porque não leis!

« Querem leis, mais acerda ironia?...

« Ah! bem éça!...

« Na verdade, meu major, nós, os troças, que
 ainda estamos naquella principis que já existia
 antes de Christo, naquella principis que se resu-
 me na frase latina duro lex sed lex, ohamos
 para Blemanceau e venhol-o... um Marquez de
 Pomal! Sim, um Marquez de Pomal... e vá
 sem ironia; ohamol-o de longe e dizemos para

causados: "dava um bom commandante de regimento..."

« D'aqui, a ideia errada que se formou, querendo estabelecer comparação entre elle e este nosso uão; ~~este~~ a convicção errada em que se está de que se deve obedecer á lei ~~que~~ que ha, simplesmente porque é lei, só tem lugar para franquistas que são homens gerbencentes e uão reita d'horizontes bem estreitos e que fousco mais fousco, em materia de progresso, do que em meia-duzia de cifras.

« E uem uão a comparação!

« Blanqueseau, meu major, faz cumprir as leis, porque as leis são tão que asseguram a evolução da Patria franceza para uão melhor vida; extinguiu os conventos porque os conventos eram um travão a essa marcha triumphal; grande os anarchistas porque estes — fouscos visionarios! — não admittem a evolução, querem a absoluta egualdade, a absoluta felicidade humana, brotam do furor e insensateza do meio do fumejar dos incendios e das explosões do dinamite, depois de destruír de vez a podridão do mundo moderno; grande os anti-militaristas, porque a evolução não chegou ao grão necessário em que se possa dispensar essa custosa obediência de fouscos. Por isto, Blanqueseau, faz cumprir as leis.

« Mas obedecer a um burro porque, simplesmente o burro fita as orelhas e se lembra de

mandar... isso não. Será tudo, meus princípios de Clémenceau.

« Dura lex, sed lex é uma fórmula boa para o despotismo, não para se lançar sobre a obra grandiosa de um grande ministro que o meu major cita, meu desusadamente de franquista puro e irreduzível... »

« Sou duvida: o triângulo symbolico de liberdade, igualdade e fraternidade, essa fórmula ôca, quando me diz, será ôca, na verdade, para os governos de reacção como o franquista, como o regenerador; mas não o é seguramente — oh! não — para quem vier n'elle, — nesse altivo e immortadouro symbolo do progresso — o symbolo que levou o governo francez á destruição de greguicinhos velhos, de ideias seculares, e a pedir, como unico panha, a esloca, cansada do descender de não sei quaes-las dynastias reinantes. »

« É ôca? Será, para o franquismo. Para mim não o é. É o meu major seja se, através de todas as causas da história, quer as reacções sejam energias, quer o despotismo feroz, seja se acima de tudo não surge sempre luminoso, esse triângulo que assusta tanta gente, que mette medo a quaes-tos tyranos e tyranetes vejam por esse mundo. »

« Terça e poderoso era o principio "de autoridade e ordem" do czar de todas as Russias; mudo e cego era o povo; e no entanto a luz surgiu »

e ho-de surgir sempre: Comegamos o xuão a ble-
mancau e um dos maiores erros históricos
que cometeo. Só deum franquista zodia um tal
ideia...

« E pense o meu maior misto, que é piçero; e
laure-ne que no seu espirito, no seu intelligen-
cia, existe mais liberdade do que julga; afaste dos
olhos esses olhos franquistas — que são como os
"olhos de illusão" — e verá como a sua vista se
esvaziar a ver cousas novas e bellas.

« E deixe fallar o Bernardo Pedro...

« Seu mais, etc, etc,

Belj — Piment

Depois de a daitar no correio, parece que me
reubi mais alliviado...

Comulgando mais os jornaes, lá vi que con-
tinuavam as tão declarações de alguns membros
e o que é curioso é que na maior parte são diri-
gidas ao jornal A Palavra; e vi com certa grada
a seguinte declaração de S. Zagal de Chaves, que
trodue bem a colera desses energicos e teso fla-
riantes:

« Sr. redator.

Pedimos a finura da Terceira publica a seguinte
declaração:

Vendo e agrauidado o movimento de yotes.

to que diariamente se vai manifestando, por parte dos academicos pensatos e estudiosos, contra as violencias que os inquietos e desvairados exerceraem e ainda continuam exercen sobre elles; vimos fazer bem publico que nossos filhos, alumnos da Universidade iras e actos, se iras lhes fôr facultado, indo nós com elles, caso se julgue necessario para assumir a responsabilidade de tal proceder perante a comunidade, impedindo assim que nossos filhos, pelo seu pequena idade e falta de experiencia da vida sejam novamente amaldiçoados e violentados a não cumprir as nossas ordenas. É para que este mesmo procedimento seja eficaz contra os desvairados academicos portuguezes, convidamos desde já todos os paes que o pabam por, a concorrerem ali para com a nossa solidariedade liurarmos, como nos cumpre, nossos filhos, das violencias ou excessos d' aquelles que, vendo-se perdidos, querem por força perder os outros.

Chaves, 28 de abril de 1807

(20) Domingos Gomes de M. Sarmento
 Manuel de Barros Ferreira
 Gabriel Lourenes
 Francisco Luis Alves
 Joaquim Augusto Alves. »

Ostinos os taes flavicenses, os taes galés « que o sabem por!... »

Cavalgadas...

No dia seguinte (3) mais declarações de estudantes e no Diario Illustrado mais casos históricos de revoltas academicas para demonstrar a maldade desta...

Das unhas das declarações merece nota especial:

«Sr. redactor: não podendo comparecer-me com o procedimento da comissão que, em nome da Academia, declarou que nenhum estudante iria a actos, pois que lhe não deleguei esses poderes, venho laurar o meu protesto contra esse facto e tornar publico que me reservo o direito de proceder como bem me aprouver e as circumstancias me aconselharem.

Bragança, 1 de maio de 1807

Padre Antonio da Costa Gaitto

(aluno do 2.º ano de Direito).»

Esta ultima parte é que eu queria frisar; é de padre e de bom padre!

Oh bom Costa Gaitto...

No dia cinco, que era domingo, procurei o meu tio José em casa; ainda o não tinha visto de modo que conversei com elle animadamente sobre varias causas e entre ellas a nomeação do D. João para reitor.

E dizia-me elle mais desrespeitado que não ti-
vera tempo de conversar com elle a tal respeito;
receberei no dia em que o honraram com uma
carta que me havia de dar, ⁽¹⁾ em que dizia que las-
timava não ter tempo de se despedir e contar-lhe
os innumerados motivos que o lançaram na aven-
tura mais insolita da sua vida de politico.

Depois, contou-me meu tio que o João Franco
já lhe falara ha tempos para elle ir para Coimbra;
que elle se excusára sempre mas que por fim o
João Franco se agarrára ao rei, que está lhe escre-
vendo e, como o pedido do rei é uma ordem...
o D. João obedeceu.

— Como bom pervertido...

No decurso da conversa, não vi meu tio, de
ordinário sempre gravito na regalia, muito á
vontade no assunto. Que poderia elle? não se
quereria elle adiantar, na presença de um cento de
thursias que eu manifestei?

Fiquei um tanto ou quanto desconfiado... mas
quize-me parecer que essa intransigencia do go-
verno contra os esgulos era um tanto ou quanto
exterior e que o D. João talvez levasse no bolso da
sua polrecasaca gelaciada outra coisa qualquer
que não a intransigencia irreductivel para com
os netos esgulos.

Seremos...

⁽¹⁾ Mas que nunca deu... [Lm 24-XI-209]

Depois de varias cousas mais que me não lem-
bram, sahi e no electrico para Beaufra li os jornaes.

Sim, os meus informadores, os meus amigos
jornaes...

Mas... estou como o outro: « não sei de novo co-
mo o centê! » — lá vi, meua dessas folhas a dez
reis, o nome do Bernardo Pedro, declarando-se dois
meses depois, não reconhecendo a autoridade da
comissão e outras babuscinas eguas, para quê?
sim, para quê? Oh Deus do céu todo misericordio-
so...

Oh!... para que o Patrão visse que o Juiz do
administrador do concelho de Coimbra, que o acade-
mico que ajudava a fazer coutras á esca do pre-
sidente do concelho, que se tratava tu cá tu lá como
o filho, etê, etê, não adheria á turba-multa dos dis-
colos...

E depois, nos mesmos jornaes, vi outra cousa
que me enojou: uma carta do filho do Marcedo Pa-
guez, conde de Monsarás, e que se assigua, desgre-
zando o nome Játuro, Alberto Monsarás. A car-
ta é pignificativa; é feita, claramente, pelo Joz, que
melhor parte teve nas suas outras produções litterá-
rias... Diz uma serie de asneiras, justificando-
se das faltas cometidas involuntariamente pelo
mocidade generosa, que não pyndathira com a
gráve Joz quatro razões que axjõe e têm a infelici-
dade dos requintês Joridos que são indignos do
illustre Jozta:

« Regrouando nós a reatença do conselho de de-
 canos que riscou parte academicos, poderemos algo-
 rar e aglandir a firme resolução de riscar por nos-
 sas próprias mãos a academia inteira? »

« Todo este esforçado movimento da academia re-
 ha-de ir, pouco a pouco, esterealizando, por falta de
 um grande levantamento. É uma linda armadura
 d'aco, resistente mas vazia, esgaziada por comissões
 de vigilancia e encostada a uma parede que se des-
 ruoza! »

Chicho... na verdade, o poeta desejava bem quan-
 do em tempos disse num poema dedicado ao po-
 gro:

« A viva admiração que eu sinto quando o vejo
 Faz crescer na minha alma este intimo desejo:
 Que o meu filhinho vá ao pai avô mestre! »⁽¹⁾

Conveni notar que o sogro era um importante
 negociante de vinhos na Figueira que enriqueceu a
 ponto de deixar dois e tres mil contos...

Mas adiante...

Os jermos accusavam divergencias na comu-
 são de Coimbra; mas como estava para voltar

⁽¹⁾ Poesias - p. 110.